

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO-UNISA
Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências
Humanas: Sociedade, Cultura e Linguagens

Éderson da Rosa Pereira

GRUPOS NEONAZISTAS NO RIO GRANDE DO SUL: DA
REALIDADE VIRTUAL À FICÇÃO HISTÓRICA

São Paulo

2016

**Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências
Humanas: Sociedade, Cultura e Linguagens**

Éderson da Rosa Pereira

**GRUPOS NEONAZISTAS NO RIO GRANDE DO SUL: DA
REALIDADE VIRTUAL À FICÇÃO HISTÓRICA**

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-Graduação *Stricto Sensu* da
Universidade de Santo Amaro – UNISA, como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Ciências Humanas. Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Alzira Lobo de Arruda Campos.

São Paulo

2016

Éderson da Rosa Pereira

**GRUPOS NEONAZISTAS NO RIO GRANDE DO SUL: DA
REALIDADE VIRTUAL À FICÇÃO HISTÓRICA**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: _____
Profa. Dra. Alzira Lobo de Arruda Campos,
Mestra e doutora em História Social (USP/SP);
Livre-docente em Metodologia da História
(UNESP/SP).

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a Alzira Lobo de Arruda Campos

Prof. Dr^a Maria Helena Scalabrin C. Gomes

Prof. Dr^a Marília Gomes Ghizzi Godoy

Coordenador do PPCH: _____

Prof. Dr. Álvaro Cardoso Gomes

São Paulo, / /2016.

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história.”

Hannah Arendt.

RESUMO

O Movimento Neonazista está no Brasil desde 1980. A maioria das células neonazistas está na Região Sul, organizada em gangues e agindo pela violência e discriminação racial e cultural. Tem suas raízes ideológicas no nazismo alemão, que vigorou entre os anos 1933 e 1945 do século passado. Embora sem a mesma estrutura e organização, o neonazismo quer dar continuidade ao nazismo, difundindo a superioridade da raça ariana, com vistas à fundação de uma nação branca – a *Neuland* – sem a presença de subraças como judeus, negros e ciganos, tampouco com a presença de subculturas, como os homossexuais. O entendimento do neonazismo perpassa toda a ideologia nazista e sua estrutura mítica, que foi capaz de atrair as massas e manipulá-las pelo medo e pela violência. Com a vinda de imigrantes alemães ao Brasil, o País passou pela experiência de ser sede do partido nazista, que assistia às necessidades materiais dos imigrantes, mas que também os doutrina ideologicamente. Passados os tempos da II Guerra e da derrota do nazismo, não passaram, porém, os aspectos essenciais da doutrina, atualmente retomados e difundidos pelo neonazismo. Embora as novas gerações, descendentes dos primeiros imigrantes alemães vindos para o Brasil, não sejam cúmplices e nem apoiem o neonazismo, é fato que o movimento quis estabelecer-se na região que mais recebeu esses imigrantes, a Região Sul do Brasil – parte do País que se destaca pelo grande número de descendentes de europeus, perfil preferido pelo neonazismo para a disseminação de suas ideias.

Palavras-chave: Nazismo, Movimento Neonazista, Totalitarismo, Imigrantes alemães, Disseminação de ideias.

ABSTRACT

The Neo-Nazi Movement is in Brazil since 1980. Most Neo-Nazi cells is in the Southern Region, organized in gangs and acting by violence and racial and cultural discrimination. Has its roots in the ideological German Nazism, which ran between the years 1933 and 1945 of the last century. Although without the same structure and organization, the Neo-Nazism either give continuity to Nazism, promoting the superiority of the Aryan race, with views to the foundation of a white nation – the Neuland – without the presence of subraces as Jews, blacks and Gypsies, either with the presence of subcultures, such as homosexuals. The understanding of Neo-Nazism pervades the whole Nazi ideology and its mythical structure, which was able to attract the masses and manipulate them by fear and violence. With the arrival of German immigrants to Brazil, the Country experienced to be the headquarter of the Nazi Party, who watched the material needs of immigrants, but also doctriated them ideologically. After the Second World War times and the defeat of Nazism, not passed, however, the essential aspects of the doctrine, currently resumed and broadcast by Neo-Nazism. Although the new generations, descendants of the first German immigrants coming to Brazil, are not accomplices and not support the Neo-Nazism, it is a fact that the movement wanted to settle in the area that more received these immigrants, the Southern Region of Brazil – part of the country that stands out for its large number of Europeans descendents preferred profile for Neo-Nazism to the dissemination of his ideas.

KEYWORDS: Nazism, Neo-Nazi Movement, Totalitarianism, German immigrants, Dissemination of ideas.

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
1 INTRODUÇÃO	07
2 ESTADO ATUAL DO CONHECIMENTO E A PRODUÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL	17
2.1 Teses de mestrado e doutorado encontradas no site da Capes e em algumas Universidades, sobre o tema <i>nazismo e totalitarismo</i>	22
2.1.1 Porcentagem de dissertações de mestrado e teses de doutorados na Capes (2011-2012) e outras informações com a palavra nazismo.....	23
2.1.2 Porcentagem de dissertações de mestrado e teses de doutorados na Capes (2011-2012) e outras informações com a palavra totalitarismo.....	25
3 A IDEOLOGIA NAZISTA NO TEMPO HISTÓRICO	28
3.1 A constituição do mito nazista no Partido dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - NSDA)	29
3.2 Identificação mítica: sociedade, adesão ideológica e militância.....	44
4 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL: DOS PRIMÓRDIOS À REALIDADE ATUAL	64
4.1 Ações do Partido Nazista no Brasil	72
4.2 O nazismo no sul do Brasil.....	80
5 O NEONAZISMO NO BRASIL: O EXEMPLO DO RIO GRANDE DO SUL	92
5.1 O Neonazismo como metástase do Nazismo.....	92
5.2 Neonazistas no Rio Grande do Sul (RS)	111
5.2.1 Fontes e crítica das fontes	112
5.2.2 Grupos Neonazistas	127
6 CONCLUSÃO.....	143
7 FONTES BIBLIOGRÁFICAS	148
8 BIBLIOGRAFIA	152

1 INTRODUÇÃO

O *Spiegel Politik*, um dos principais sites de notícias da Alemanha, noticiou, em agosto de 2015, uma série de atos violentos causados por grupos neonazistas e movimentos político-partidários de extrema direita contra refugiados sírios que chegavam ao País, fugindo da guerra civil naquela nação. Tais atos ocorreram principalmente em Heidenau, um dos principais abrigos para refugiados da Europa. Na ocasião, a chanceler alemã Ângela Merkel condenou os atos, chamando-os de crimes humanitários. E disse: “Es ist abstoßend, wie Rechtsextreme und Neonazis versuchen, rund um eine Flüchtlingsseinrichtung ihre dumpfe Hassbotschaft zu verbreiten [(É revoltante como os extremistas de direita e neonazistas atentam contra os refugiados, espalhando sua mensagem de ódio revoltante.)

Se o racismo dos alemães e de outros europeus é algo lamentável e bastante manifesto com a entrada de refugiados e imigrantes, não menos incoerentes foram os atos obscenos e os estupros de mulheres alemães, cometidos por alguns imigrantes na noite da passagem do ano de 2015 para 2016. A polícia da cidade de Colônia divulgou que foram realizados mais de 1.000 registros por mulheres atacadas.

Esse fato tornou os grupos nacionalistas ainda mais reacionários e determinados a disseminar o ódio racial e cultural contra os refugiados, além de fornecer um alibi para o aumento da xenofobia.

O jornal Folha de S. Paulo, na edição de 11/01/2016, destaca o comentário do ministro da Justiça alemão, Heiko Maas, sobre os acontecimentos xenófobos ocorridos na Alemanha. Para Maas, os radicais nacionalistas estavam esperando uma oportunidade para agir com violência. Disse que os insultos e ameaças aos refugiados, especialmente pelas redes sociais, sugerem a latente intenção de externar o ódio racial e a intolerância cultural.

O contexto de guerra e de instabilidade no Oriente Médio e na África parece ser um dos grandes motivos para haver tantos refugiados, sobretudo sírios. Essa situação demonstra, entre outros motivos, um passivo colonial, pois esses povos que há séculos foram explorados pela Europa, agora procuram suas antigas metrópoles em busca de refúgio e estabilidade.

Com seus países em ruínas, parece não haver alternativa senão a imigração. O caos vivido pelos refugiados e os riscos nas travessias marítimas sem qualquer tipo de segurança, além do preconceito que enfrentam parece não afugentá-los, devido à possibilidade de uma nova vida. Em terras europeias, primeiramente é preciso conquistar um espaço num dos campos de concentração, como é o caso do assentamento de *Heidenau*.

A guerra na Síria e o êxodo generalizado em países pobres pode ter sensibilizado, por assim dizer, algumas nações europeias, fazendo-as abrir suas fronteiras para receber os estrangeiros em situação de risco. Um dos países que mais incentivaram a política de tolerância e abertura de suas fronteiras foi a Alemanha, considerado o país mais industrializado da Europa e de povo bem formado intelectualmente.

Dois motivos são importantes para entender as razões do acolhimento alemão aos refugiados sírios e outros imigrantes. Primeiramente, é o fato da solidariedade que uma nação “financeiramente saudável e forte” precisa ter em relação aos povos que sofrem, como se referiu Ângela Merkel em um de seus discursos. Em segundo lugar, a entrada de imigrantes significa o aumento de trabalhadores que contribuirão para fortalecer o sistema previdenciário alemão que vive um colapso gigantesco, devido ao rápido envelhecimento da população.

Entretanto, a abertura das fronteiras europeias e a acolhida aos imigrantes são temas de difícil resolução. Na prática, a postura dos europeus é ambígua, tanto por parte das classes políticas quanto no meio popular. São inúmeras as manifestações pró e contra os refugiados de guerra e outros imigrantes que chegam ao continente europeu. Muitas pessoas mobilizam-se para recebê-los e apoiá-los, principalmente quando empobrecidos e feridos pelas guerras. Tudo isso, porém, à revelia de parte da população, de grupos reacionários e políticos resistentes à imigração. Na dianteira desses grupos estão primeiramente os partidos de extrema direita, intelectuais e grupos minoritários, como os neonazistas.

No meio da população, os contrários à imigração costumam acusar os estrangeiros de roubar seus postos de trabalho, desequilibrar a economia e gerar pobreza e violência nas periferias das grandes cidades. Mas o que os europeus

mais parecem temer é a presença de terroristas infiltrados no País, vindos no meio dos imigrantes. Isto ocorreu nos atentados terroristas de 13 de novembro de 2015, em Paris, quando pelo menos 130 pessoas foram mortas ou feridas. Na ocasião, a imprensa publicou a confirmação da polícia de que alguns dos terroristas chegaram à Europa com os refugiados sírios.

Esse acontecimento serviu de álibi para que alguns países rapidamente retrocedessem na política de abertura de suas fronteiras aos refugiados, a começar pela França. Na Hungria, o primeiro-ministro Viktor Orban mandou fechar definitivamente as fronteiras de seu país, um dos principais acessos dos imigrantes ao continente. Na ocasião, declarou que terroristas estavam “explorando a imigração em massa”, infiltrados entre os refugiados inocentes, com o objetivo de causar danos à Europa.

Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo (26/2/2012), David Harvey, professor de Antropologia da Universidade de Nova York, comentou a relação entre a crise humanitária de imigração na Europa e a intensificação dos nacionalistas. Segundo o professor, as crises sociais, políticas e econômicas estimulam os nacionalismos extremados e o isolamento político dos Estados. Situação que pode ser motivo para novas ditaduras e entraves à democracia. Essa situação parece ter ocorrido com o Reino Unido, ao se retirar da União Europeia (U.E.), assumindo os rumos da sua própria economia.

Nos últimos anos houve um considerável aumento em publicações da imprensa a respeito dos nacionalismos que defendem o isolamento político da Europa. Crescem, também, movimentos de aliados e simpatizantes de partidos políticos, tanto de direita quanto de esquerda. Estes, embora divergentes sob o ponto de vista ideológico, concordam em um ponto: a defesa da Europa contra a invasão dos “bárbaros” estrangeiros. O termo “bárbaro” foi utilizado pelo primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orban. Em entrevista, ele afirmou que o fechamento das fronteiras de seu país foi uma medida para defender o cristianismo da Hungria e da Europa contra uma nova invasão dos bárbaros orientais.

Talvez não seja um equívoco dizer que, dentre os grupos mais violentos e preconceituosos, contrários à imigração, estão os neonazistas. Eles raramente são considerados um partido político, mas muitos são filiados em partidos de direita.

Deste modo, conseguem pressionar os governos para que assumam medidas contrárias à imigração e defender a ideia da pureza racial e cultural na Europa.

Meios de comunicação importantes da Alemanha atestam que o neonazismo é uma das ideologias mais adotadas entre as novas gerações e se consolida fortemente nos continentes europeu e americano. Pode ser considerado, por assim dizer, como a metástase contemporânea do nazismo alemão histórico. Outrora foi o regime nazista; hoje é o neonazismo a acusar que os inúmeros problemas econômicos e sociais da Europa têm como origem a miscigenação, ou mesmo a proximidade entre europeus nativos e as culturas exógenas.

Diante dessa problemática de escala mundial, esta dissertação pretende revelar as principais ações e consequências do neonazismo que se desenvolve no Brasil, movido pelos ideais nazistas e comportamentos antissociais, e que se identifica com uma realidade ficcional em lideranças históricas e nos preceitos doutrinários de Adolf Hitler.

No que corresponde à experiência brasileira com o neonazismo, a pesquisa delimita-se aos grupos existentes na região metropolitana de Porto Alegre e a fatos, depoimentos e notícias a esse respeito, publicadas entre os anos de 2003 e 2016. A partir da compreensão de fatos noticiados pela mídia, das entrevistas com o delegado responsável por toda a investigação do neonazismo na Região Sul e pelas referências bibliográficas selecionadas referentes ao assunto, pretende-se discutir e compreender mais as características, a atuação e o perfil do neonazismo no Brasil.

Dentre muitas publicações acerca da ação neonazista no País, um fato em especial serve de base para algumas conclusões deste trabalho. Ocorreu em 2005, no centro de Porto Alegre. Um grupo de neonazistas agrediu, física e moralmente, três judeus no centro da cidade. Este acontecimento foi amplamente divulgado pela imprensa nacional e colocou em alerta as sociedades gaúcha e brasileira, fazendo-as tomar maior consciência dessa realidade que, aparentemente, ainda é pouco conhecida e pouco debatida no País.

Para pesquisadores como o professor René Gertz e para a polícia gaúcha, representada pelo delegado Paulo César Jardim, da 1ª Delegacia de Porto Alegre, os fatos ocorridos naquela região e aqui mencionados, parecem convencer a sociedade sobre a real existência do neonazismo e expor o modo de atuação do movimento no Brasil.

Conforme o delegado Jardim, responsável por todos os casos atribuídos ao neonazismo no Estado do Rio Grande do Sul, o movimento cresce rapidamente, tanto na capital quanto no interior do Estado. Há a hipótese de que o Sul seja a região com o maior número de células neonazistas no País.

Será importante abordar as razões que levaram à agressão aos judeus em Porto Alegre, fato que motivou a ampliação das investigações da polícia gaúcha e das discussões no meio acadêmico. Tendo em vista que os acontecimentos citados acima ocorreram no Rio Grande do Sul, torna-se relevante entender porque o neonazismo se desenvolveu mais nessa região.

Evidentemente muitos fatos lamentáveis atribuídos ao neonazismo ocorreram antes e depois do ano de 2005 na região de Porto Alegre. Ao longo deste trabalho, com base nas entrevistas concedidas pelo delegado Jardim à imprensa e nas pesquisas de René Gertz, parece que a violência contra os judeus é tributária, de certo modo, de um movimento internacional de índole racalista.

Como pressuposto teórico fundamental, esta dissertação considera que para uma pessoa ser neonazista não basta que se defina como racista, aja com preconceito, tatue a suástica em seu corpo ou pertença à etnia branca. Antes, parece ser preciso conformar-se ao perfil étnico e aos critérios doutrinários do movimento, cujas raízes estão no continente europeu. E se de fato há a preocupação na conformação do neonazismo brasileiro ao movimento internacional, isso parece ser razoável para que não haja confusão na análise da identidade do neonazismo com outros movimentos semelhantes.

Não deixa de ser curioso pensar que o Brasil, que é um País de mestiços, abrigue pessoas que se percebem como neonazistas, mas que possuem um perfil étnico e ideológico diferente daquele pensado por Hitler para a raça ariana.

No ambiente etnicamente miscigenado e polimorfo do Brasil, seria um contrassenso buscar uma suposta raça pura. Mesmo para os brasileiros considerados brancos existirão, possivelmente, misturas étnicas variadas que, como é sabido, constituem uma extrema vantagem do ponto de vista da identidade de um povo, uma vez que a biodiversidade genética promove uma cultura muito mais rica e criativa.

A partir dessas considerações preliminares formula-se a indagação norteadora deste trabalho: Quais as circunstâncias objetivas e subjetivas que podem

explicar a existência de um movimento nazista numa realidade como a brasileira, marcada historicamente pela miscigenação?

A partir de uma metodologia interdisciplinar, baseada fundamentalmente na história, na filosofia e na sociologia, este trabalho se estrutura em quatro capítulos. A multidisciplinaridade, pensada como um diálogo permanente entre as diversas áreas do conhecimento, pode ser identificada neste texto pela presença de alguns eixos específicos mais significativos.

No primeiro capítulo é especialmente apresentada a filosofia como eixo norteador. Trata-se de um levantamento de dados sobre as pesquisas acerca do tema do neonazismo, mostrando que as diversas áreas do conhecimento estão ocupadas na reflexão do tema nazismo/neonazismo. Nele, busca-se demonstrar como está a preocupação da academia a respeito desse tema, bastante pertinente no cenário brasileiro. Em outras palavras, em que medida uma questão que se apresenta tão inquietante para a sociedade, ter-se-ia refletido no meio intelectual?

O segundo capítulo, com o eixo histórico preferencial, trata do surgimento da ideologia nazista, cuja constituição inaugurou mais um mito moderno – o mito do Partido Social dos Trabalhadores Alemães (ou NSDA), pensado e dirigido por Adolf Hitler e seus colaboradores. O objetivo é demonstrar como ocorreu a identificação do povo alemão com a proposta racialisista do nazismo, dentro de uma dinâmica sócio-histórica.

O terceiro capítulo, este com o eixo prevaiente sociológico, expõe o tema da imigração dos alemães para o Brasil, com destaque para a imigração instaurada no Estado do Rio Grande do Sul. Analisa-se a relação entre o fato da imigração e a ideologia do nazismo, trazida por muitos alemães e seus descendentes para o País. E como a ideologia se difundiu em terras gaúchas.

O quarto capítulo é amplamente interdisciplinar. Comenta questões anteriormente trabalhadas, mas trata da adesão ficcional de jovens gaúchos ao neonazismo e suas práticas de violência e discriminação, com destaque à agressão de três judeus, em 2005, no centro de Porto Alegre. Pretende-se refletir sobre a correspondência entre o neonazismo e a doutrina do Terceiro *Reich*. Analisam-se suas intenções, suas atividades e sua organização. Essa análise baseia-se nas publicações da imprensa e nos comentários de alguns especialistas das ciências humanas e sociais.

Como, infelizmente, o nazismo e o neonazismo continuam a lembrar de uma dramática realidade histórica vivida pela humanidade no século passado, é necessário que este assunto continue a ser debatido para que as razões que estão por detrás desses movimentos fascistas sejam amplamente compreendidas. Há alguns autores que se dedicam a pensar nas origens míticas do fascismo alemão, como os franceses Phillipe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, com a obra *O Mito Nazista*, principal referência bibliográfica para o segundo capítulo do trabalho.

Na década de 1980 nos EUA, os autores expuseram as primeiras ideias a respeito do tema do nazismo, numa perspectiva mitológica. Onze anos mais tarde, retomaram a discussão e publicaram *O Mito Nazista*. Trata-se de uma pesquisa filosófica sobre a natureza do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NSDA), o partido de Hitler, que governou a Alemanha por pelo menos uma década. Demonstra que o nazismo, como ideologia política, tornou-se um mito moderno. Atingiu *status* de identidade nacional pela eficaz adesão popular e, entre os alemães, uma ampla identificação ficcional por meio da doutrina racial presente na cultura germânica, ainda que de modo velado.

No intuito de analisar as questões propostas neste trabalho recorreu-se, primeiramente, às obras *Mein Kampf*, escrita por Adolf Hitler e *Der Mythos des 20. Jahrhunderts* de Alfred Rosenberg. Elas são consideradas as diretrizes da teoria e da prática nazista. A seguir, recorre-se às entrevistas do delegado Paulo César Jardim acerca do neonazismo no Rio Grande do Sul. A pesquisa de René Gertz, *O Neonazismo no Rio Grande do Sul* (2012), é importante obra sobre o tema na região Sul. Além dessas obras, alguns comentadores são fundamentais.

O mais importante comentário a respeito do nazismo como mito é a obra *O Mito Nazista* (2002), de Phillipe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy. Além dela são importantes: *Neonazismo, negacionismo e extremismo político* (2000), coletânea de textos organizados por Luis Milman e Paulo F. Vizentini; *Hitler* (2010), de Ian Kerchaw, considerado o maior biógrafo do *Führer*; *O Mito Ariano* (1974), de León Poliakov, e sites como o da *Capes* (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) e outros sites de artigos que complementam o trabalho.

O fato é que os temas do nazismo e do neonazismo são “questões complexas”, para utilizar um termo de Edgar Morin (2006), ou seja, um tema que precisa ser analisado de modo interdisciplinar. O entendimento e as metas do

neonazismo estão longe de serem assuntos acabados. Há neles muitas questões imprecisas e misteriosas. Esses dados devem ser levados em consideração quando se estuda o neonazismo, um fenômeno novo que traz em sua essência um histórico mitológico milenar – a problemática da racialidade humana – que é o centro dessa ideologia.

Atualmente, talvez uma das razões para o crescimento do movimento na Europa seja o fato de que, com a entrada de imigrantes e refugiados, muitos deles de origem mulçumana, a ideia de identidade étnica e cultural e a desconfiança ou mesmo a intolerância ante as outras culturas estão ganhando espaço e adesão naquele continente.

A complexidade das questões raciais não é apenas problema europeu, mas uma questão pendente que perpassa a história da humanidade. E tudo indica que o problema racial presente no neonazismo está mais localizado na Europa e nas Américas, inclusive no Brasil.

Nas últimas décadas, a imprensa apontou o crescimento de episódios violentos relacionados aos grupos neonazistas brasileiros, mais especificamente na Região Sul. Deste modo, justifica-se a pertinência de uma pesquisa que aborde os antecedentes históricos que gestaram e mantêm viva a doutrina racalista do neonazismo presente no Brasil.

Além da origem europeia do neonazismo, discute-se quanto de influência a imigração alemã ao Brasil, no século XIX, relaciona-se com a difusão das ideias nazistas e neonazistas no País. Sabe-se que o Rio Grande do Sul foi um dos Estados brasileiros que mais receberam imigrantes alemães. Daí surge a hipótese central desta pesquisa, que é a tentativa de comprovar se de fato os grupos neonazistas, com atuação no Rio Grande do Sul e com desempenho antissocial, inspiraram-se em paradigmas ideológicos e em comportamentos do nazismo do Terceiro *Reich*, filiando-se numa realidade ficcional e em fatos históricos das décadas de 1930 e 1940.

A constatação da existência do neonazismo no Brasil e de que ele participa do movimento internacional é importante, a fim de corrigir certos equívocos na distinção entre o movimento oficial e grupos que também agem pelo racismo e violência. Uma das questões aqui levantadas e discutidas é o fato de que no Brasil há pessoas que se consideram ou são consideradas neonazistas, mas que são

apenas delinquentes em busca de notoriedade. Deste modo necessita-se, como ferramenta metodológica, de uma categorização de movimentos e/ou pessoas que se intitulem neonazistas, a partir de um perfil de identificação.

Um dos motivos subjacentes para esta pesquisa é a convicção de que um Estado – com ideais sólidos e com forte sentimento nacionalista – não se revela apenas no desenvolvimento econômico, mas no respeito a valores que legitimam a liberdade dos povos: sua fundação, sua história, suas tradições e seus interesses futuros.

É preciso deixar claro, sobretudo numa pesquisa que trata de um assunto polêmico e de difícil compreensão como é o caso do nazismo/neonazismo, que a preservação da cultura, da etnia e dos costumes de um povo pode ser mantida sem o uso da violência e da discriminação do outro, do diferente. A princípio, nada justifica a superioridade de uma etnia em relação à outra, como acreditaram os nazistas de ontem e acreditam os neonazistas de hoje.

O neonazismo parece se fortalecer num mundo de constantes mudanças. Os abalos sofridos por alguns povos, como os sírios, forçados a deixar o país pela guerra e fadados a viver como uma subcultura na Europa, podem até sensibilizar algumas pessoas. Mas também percebe-se a rejeição de muitas outras. A igualdade de todos os povos, um dos ideais da modernidade ratificado pela Revolução Francesa e defendido pela ONU (Organização das Nações Unidas), parece ser uma realidade frágil na defesa dos menos favorecidos do mundo. Forças contrárias à igualdade têm como base a tese de que os seres humanos são diferentes e, por isto, devem ser tratados com desigualdade.

Edgar Morin, num de seus célebres comentários no Jornal *Le Monde* (22/09/1988), diz que uma nação desenvolvida não se alimenta apenas de gestão, mas de esperança, de mito e de sonho. E diz também que o desenvolvimento pleno do indivíduo e dos povos necessita de comunidades e de solidariedades verdadeiras, na forma de igualdade e fraternidade.

Ao discutir o tema neonazismo, procura-se contribuir para que os problemas ligados à exclusão de homens e mulheres, julgados como diferentes do ponto de vista de uma pretensa inferioridade racial, sejam discutidos e analisados com rigor crítico. Pretende-se, portanto, averiguar os interesses e as motivações que levam algumas pessoas, especialmente os jovens, a optar por uma ideologia que está na

contramão da política de tolerância que o mundo busca e quer construir. Tolerância capaz de inaugurar a concórdia entre culturas e religiões diferentes e até incompatíveis.

2 ESTADO ATUAL DO CONHECIMENTO E A PRODUÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL

O presente capítulo expõe dados sobre a produção acadêmica nas diversas áreas do conhecimento, concernentes ao tema do neonazismo no Brasil. Para isso, foi necessário o acesso ao Banco de Teses da Capes. Além das pesquisas aos bancos de teses de três instituições que se destacam no estudo e na produção de conhecimento sobre assuntos que envolvem o neonazismo, para encontrar autores e bibliografias referenciais para esta dissertação. São elas: a USP (Universidade de São Paulo), a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e a PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

Há, certamente, muitas outras instituições preocupadas com as pesquisas sobre o neonazismo e questões a ele relacionadas, porém o critério utilizado na escolha dessas instituições e para a delimitação dos dados a serem apresentados é, primeiramente, pelo grande número de publicações sobre o tema e porque em cada uma delas há pesquisadores experientes no assunto e que são referências para este trabalho.

A USP parece ser a instituição brasileira que mais trata e produz materiais sobre o neonazismo e assuntos relacionados. Por meio do Núcleo de Estudos da Violência e da Comissão Teotônio Vilela, a universidade produz conhecimentos, sempre de modo interdisciplinar, concernentes ao racismo, à intolerância e à discriminação racial.

A UNICAMP tornou-se uma referência nacional sobre os estudos do neonazismo pelas importantes pesquisas da antropóloga Adriana Dias, considerada a maior autoridade da temática do neonazismo no Brasil.

A Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUC-RS) tem como referência o historiador René Gertz, cujos escritos são fontes importantes nesta pesquisa. Ele há anos se dedica ao estudo do nazismo e do revisionismo, mas recentemente publicou a obra *O Neonazismo no Rio Grande do Sul* (2012), apontando fatos e questionamentos com relação às ações aos neonazistas na região Sul.

Quanto ao acesso ao Banco de Teses da Capes, foi igualmente importante para se ter a noção multidisciplinar sobre o assunto, ao constatar publicações relativas ao tema nas diversas áreas do conhecimento. Foram mencionadas apenas as pesquisas dos anos de 2011 e 2012, pois os trabalhos de anos anteriores e posteriores não estavam disponíveis até a data da constituição deste texto.

Uma das provas de que há uma crescente preocupação com a reflexão sobre o tema do neonazismo é a incidência de pelo menos 131 mil resultados no site *Google*: textos que relacionam o tema a publicações de trabalhos acadêmicos, notícias e outras informações colocadas nas redes sociais. É relevante constatar que a maioria dos textos é publicação recente.

Quanto ao conteúdo, a maioria dos textos se refere a atos de violência, crimes raciais, preconceitos e práticas abusivas diante da lei. Apesar das muitas fontes, para melhor delimitar este trabalho, priorizaram-se os comentários, a investigação e as entrevistas do delegado Paulo César Jardim, da 1ª Delegacia de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente ele é o responsável pelo enquadramento judicial daqueles que são comprovadamente neonazistas nessa região do país.

Quanto às dissertações, teses e demais publicações em revistas, jornais, imprensa e em outras fontes, percebe-se que estão em constante crescimento quantitativo e qualitativo. A partir de uma sondagem na *internet* e em algumas bibliotecas, foi possível constatar que os estudos sobre o tema relacionam assuntos igualmente importantes e que já são trabalhadas há mais tempo pela academia, tais como a problemática da juventude, da violência, do racismo e questões de políticas públicas para a juventude.

Nota-se que no Brasil a preocupação com o neonazismo parece estar relacionada com uma onda de fatos violentos relacionados a esses grupos, especialmente nas Regiões Sul e Sudeste. Grupos por vezes identificados como *skinheads*, carecas do subúrbio, torcidas organizadas e *punks*.

Algo que no presente trabalho irá se discutir é a relação entre o neonazismo e a realidade de povo brasileiro, um povo que desde suas origens é miscigenado. Trata-se de um contrassenso pensar em neonazismo no Brasil, onde quase a

totalidade da população tem raízes não só europeias, mas africanas e indígenas. Para uma melhor averiguação do tema, foram analisadas as fontes do nazismo e do neonazismo.

Os eventos envolvendo o neonazismo nos últimos anos tornam legítima a preocupação da polícia quanto à contenção da violência e da disseminação do racismo, e do meio acadêmico, quanto à necessidade de debater os motivos para o aumento desse fenômeno.

Muitos artigos pesquisados que se referem à Europa e aos EUA apontam a influência neonazista nos partidos políticos, geralmente ligados à extrema direita. Alguns de tendência conservadora apoiam, de modo velado e sorrateiro, as ideias racialistas de inspiração nazista.

Conforme o artigo de Daniella Cambaúva, intitulado *A nova cara do conservadorismo: com grupos neonazistas, a extrema-direita conquista espaço na Europa (2014)*, o velho continente tornou-se uma referência para os partidários do neonazismo, especialmente após as crises econômicas, o desemprego, a entrada de imigrantes e a onda sempre crescente de atentados terroristas. Parece que há uma cultura de condenação aos povos mulçumanos e demais imigrantes que estão forçando a entrada na Europa, além da culpabilidade atribuída a eles por esses problemas sociais que aumentam gradativamente.

A autora comenta que na Grécia, após a crise econômica de 2012, o Partido Aurora Dourada, fundado em 1982, adquiriu força e conseguiu eleger 18 entre 300 parlamentares. É um partido ultraconservador. No seu radicalismo, esse partido adota um discurso xenófobo e violento. Alega que “[...] se as fronteiras do país forem fechadas e se todos os imigrantes forem expulsos, os postos de trabalho serão retomados pelos gregos” (CAMBAÚVA, 2014).

Na França, Marine Le Pen, líder do Partido da Frente Nacional, é o reflexo do conservadorismo francês. Seu discurso tem evidências claras de racismo. Conforme Cambaúva, na atual crise imigratória francesa agravada pelo terrorismo, a tese de Marine é a de que

[...] com o desemprego, o país não pode mais receber estrangeiros, ainda que a situação deles seja dramática. É crítica também a

presença [...] de muçulmanos na sociedade francesa. Para ela, as orações realizadas nas ruas, provocadas pela falta de mesquitas, são como uma “nova forma de ocupação”, semelhante à dos alemães nazistas (CAMBAÚVA, 2014).

No Reino Unido, o Partido da Independência (UKIP) defende o fechamento das suas fronteiras e estimulou a saída do país da União Europeia. Na Noruega, apesar do alto padrão social, os grupos neonazistas estão crescendo. Em 2011, para citar um exemplo, o jovem Andres Behring surpreendeu o mundo quando cometeu o atentado que matou 77 pessoas. “Autor de um manifesto, [autodenominava-se] nazista e foi condenado a 21 anos de prisão. Na ocasião, se desculpou com os seguidores por não ter conseguido mais vítimas” (CAMBAÚVA, 2014).

No meio acadêmico, constatou-se que a partir do ano 2000 houve um aumento considerável nas pesquisas e nas informações sobre o movimento neonazista, até então assunto distante da realidade brasileira. Isso ocorreu, em primeiro lugar, por causa dos vários eventos atribuídos ao neonazismo na Europa e nos EUA. Depois, pelo fato de maior repercussão no Brasil, o espancamento dos três judeus na cidade de Porto Alegre, em 2005.

Mas não se deseja afirmar que não havia estudos relacionados ao tema. Tampouco que não havia fatos relacionados ao neonazismo. Exemplo de órgão que reflete há tempos acerca do neonazismo e dos crimes de preconceito e racismo é o Núcleo de Estudos da Violência, da Universidade de São Paulo e da Comissão Teotônio Vilela, que já em 1994 investigava a ação da violência juvenil e a atuação neonazista no Brasil.

Autores renomados do meio acadêmico destacam-se na reflexão e na elaboração de textos sobre o assunto, como a antropóloga Adriana Dias. A autora pesquisa há décadas as manifestações neonazistas por meio da *internet* e conclui ser esse o meio de comunicação mais utilizado pelos grupos para a divulgação de suas ideias e práticas.

A pesquisadora sondou a existência de materiais de ideologia nazista na *internet* e quanto esses materiais foram baixados nos computadores dos brasileiros nos últimos anos. Ela descreve que a maioria baixou pelo menos 100 arquivos por

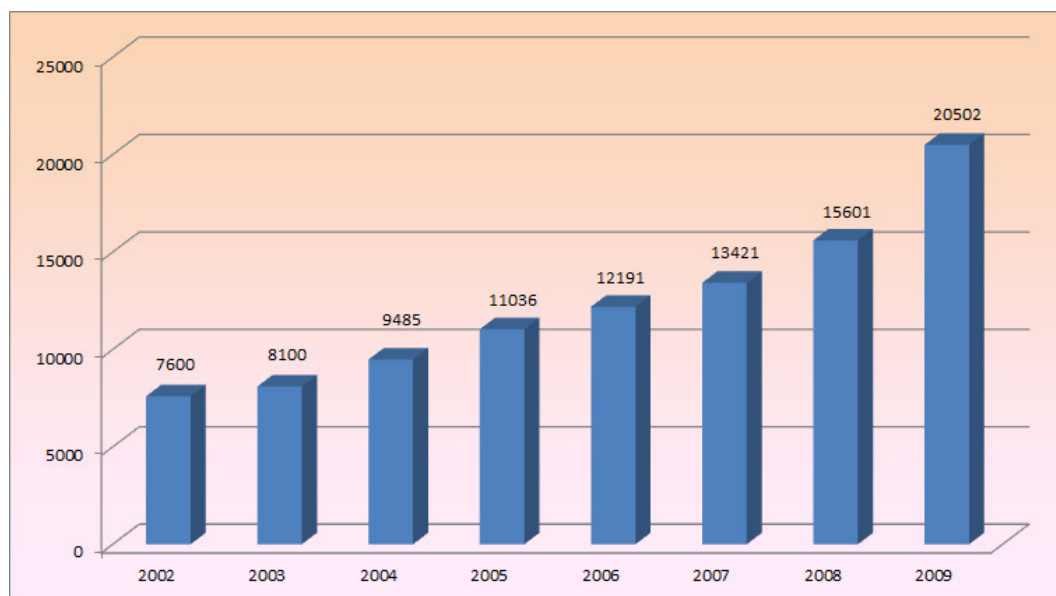
peessoa sobre o neonazismo. Sua pesquisa também aponta que o Brasil possui em torno de 150 mil simpatizantes do neonazismo na atualidade.

Sobre essa questão, em recente entrevista, a pesquisadora afirma:

Ninguém baixa mais de 100 arquivos com textos sobre a importância da raça, sobre como construir bombas, sobre a inferioridade dos negros, a não ser que esteja fazendo uma pesquisa [...]. Então, quem baixa esse material com certeza é simpatizante. São 150 mil pessoas baixando esse volume de material no Brasil, o que é um número muito assustador (DIAS, 2016 apud LOPES, 2016).

Abaixo, um quadro sobre a estatística do crescimento de sites com assuntos neonazistas, conforme as pesquisas de Adriana Dias:

Gráfico 1 – Demonstrativo do crescimento do acesso a conteúdos neonazistas na internet.



Fonte: DIAS, 2016 apud LOPES, 2016.

Na obra *O Neonazismo no Rio Grande do Sul (2012)*, René Gertz tem o objetivo de questionar a relação preconceituosa que há no Brasil em relacionar o movimento com os descendentes de alemães. Esse preconceito, segundo o autor, existe com muita frequência na Região Sul do país.

O autor contra-argumenta que não há relação necessária entre ser alemão ou descendente de alemão e fazer parte ou mesmo simpatizar com o nazismo/neonazismo. Logicamente existem membros neonazistas que são descendentes de germânicos. Mas percebe-se o envolvimento de descendentes de

quase todas as etnias europeias e de outros continentes no neonazismo brasileiro. E por mais estranho que possa parecer, o Brasil, sendo um país de mestiços, possui até mesmo mulatos inseridos nesses grupos que se autodenominam neonazistas e que divulgam o preconceito a alguma minoria social.

Em sua obra, René Gertz (2012) critica muitos aspectos da pesquisa de Adriana Dias, especialmente por ela afirmar que existem pelo menos 150 mil simpatizantes do neonazismo no Brasil. A crítica se dá por causa dos meios pelos quais sua pesquisa se pautou: a *internet*, um instrumento nem sempre confiável para se obter dados e publicá-los cientificamente. Além disso, entende o autor que os que baixam documentos de inspiração nazista ou neonazista não necessariamente são adeptos, simpatizantes ou possuem a intenção de fazer parte de algum grupo subversivo. Há aqueles que baixam materiais apenas para estudar esse fenômeno de âmbito mundial. A *internet* informa, mas também omite muito do que é real e verdadeiro; uma via de muitas contrariedades e indefinições.

Um aspecto importante nas análises da obra de Gertz é a preocupação em dizer que há critérios para traçar o perfil de um neonazista. Há certos aspectos que diferenciam os neonazistas dos demais delinquentes que também agem em grupos. Isso constará no último capítulo deste trabalho.

2.1 Teses de mestrado e doutorado encontradas no site da Capes e em algumas Universidades, sobre o tema nazismo e totalitarismo

Os dados abaixo foram retirados do Banco de Teses da Capes, e referem-se especificamente aos anos de 2011 e 2012. Importante dizer que durante o tempo em que esta pesquisa foi elaborada, o Banco de Teses da Capes apenas disponibilizava teses e dissertações nesses dois anos. Com isso justifica-se o porquê da menção desse curto espaço de tempo.

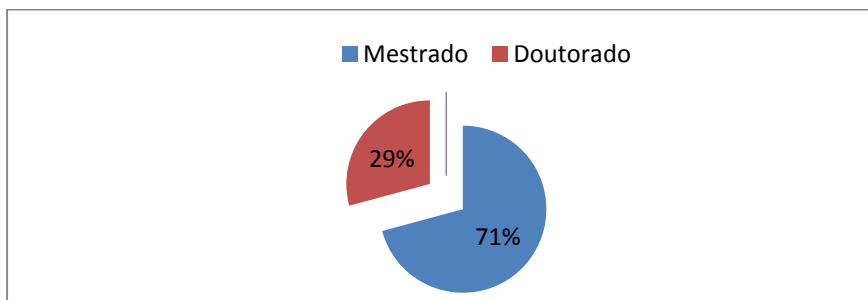
Um aspecto importante que se constatou no acesso ao Banco de Teses da Capes, foi a existência de um número grande de dissertações de Mestrado em relação às teses de Doutorado. Parece haver uma busca muito grande pelo mestrado e não tanto pelo doutorado.

As palavras-chave utilizadas são *nazismo* e *totalitarismo*. Com a palavra nazismo foram encontradas 25 referências para dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Destas 25 produções, 18 são dissertações de Mestrado e 7 são teses de Doutorado.

A palavra-chave totalitarismo é utilizada como sinônimo de nazismo. Essa expressão não foi criada, mas amplamente utilizada pela filósofa Hannah Arendt para identificar o regime político de Hitler. A pesquisa segue a perspectiva da filósofa e utiliza o conceito totalitarismo como ela identificou em sua obra *Origens do Totalitarismo* (1983). O termo neonazismo não foi encontrado em nenhuma publicação no site da Capes.

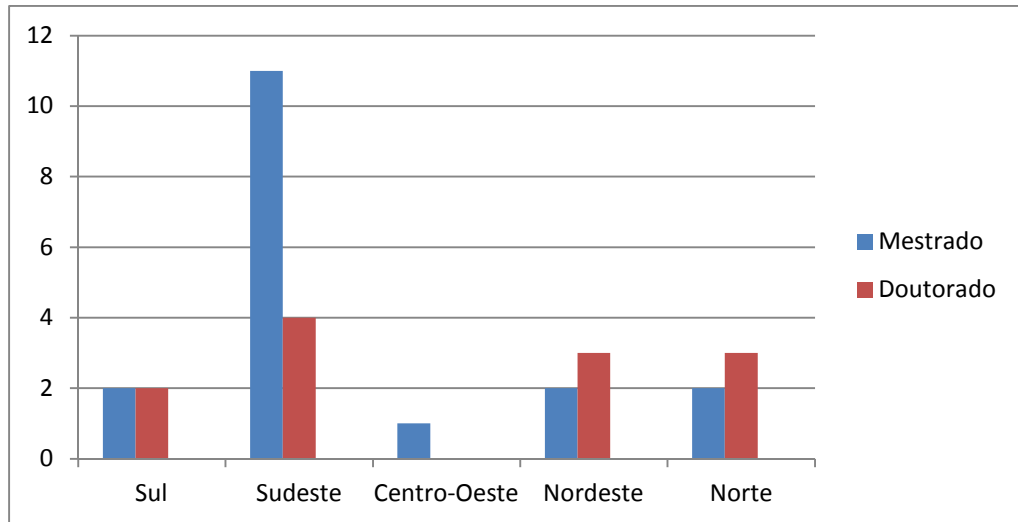
2.1.1 Porcentagem de dissertações de Mestrado e teses de Doutorados na Capes (2011-2012) e outras informações com a palavra *nazismo*.

Foram encontradas 18 dissertações de Mestrado e 7 teses de Doutorado no site da Capes. Essa informação está colocada na forma do gráfico abaixo.



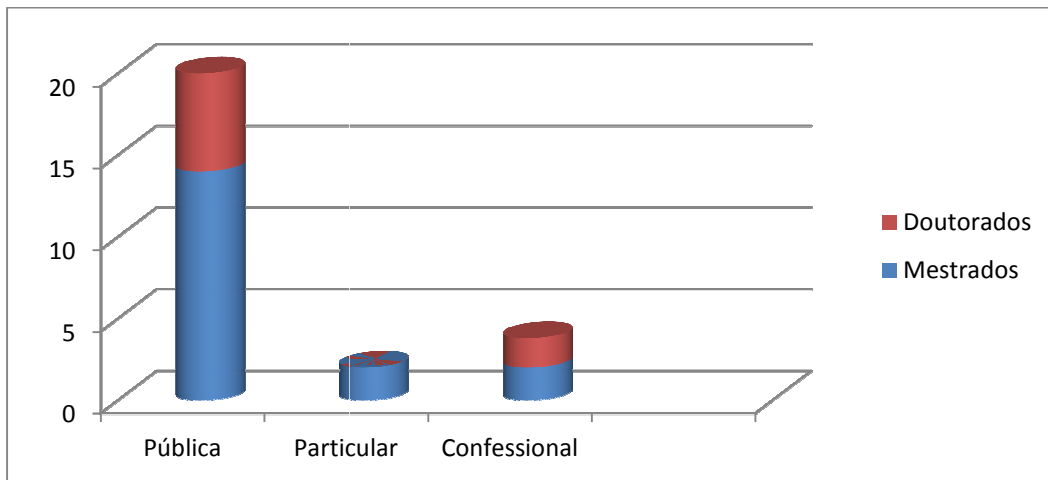
Conforme site da Capes, o Sul brasileiro possui 2 dissertações de Mestrado e 2 teses de Doutorado. A Região Sudeste possui 11 dissertações de Mestrado e 4 teses de Doutorado. A Região Centro-Oeste possui 1 dissertação de Mestrado e não possui tese de Doutorado. E a Região Norte possui 2 dissertações de Mestrado e 3 teses de Doutorado.

Gráfico 3 – Identificação do número de dissertações e teses nos estados brasileiros



Foram encontradas 14 dissertações de Mestrado em instituições públicas, 2 dissertações em instituições particulares e 2 dissertações em instituições confessionais.

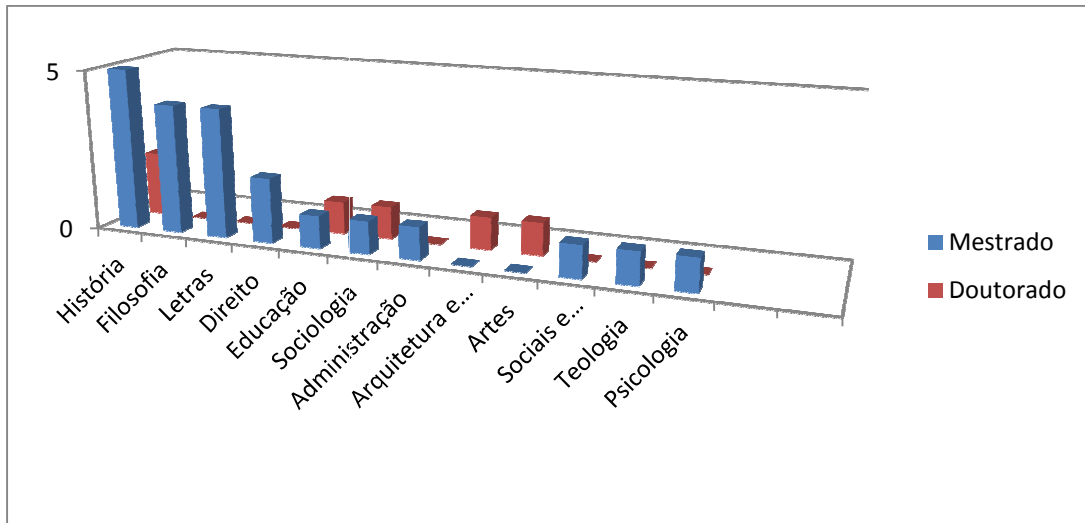
Gráfico 4 – Categorias institucionais: públicas, particulares ou confessionais



No curso de História foram encontradas 7 dissertações de Mestrado e 2 teses de Doutorado. No curso de Filosofia há 4 dissertações de Mestrado. No curso de Letras são 3 dissertações de Mestrado e 1 tese de Doutorado. No curso de Direito encontram-se 2 dissertações. No curso de Educação há 1 dissertação de Mestrado e 1 tese de Doutorado. O curso de Sociologia possui 2 dissertações de Mestrado e 1 tese de Doutorado. No curso de Administração há 1 dissertação de Mestrado. Em Arquitetura e Urbanismo há 1 tese de Doutorado. No curso de Artes há 1 tese de Doutorado. O curso de Sociais e Humanidades possui 1 dissertação de Mestrado.

Na Teologia há 1 dissertação de Mestrado e, por fim, o curso de Psicologia possui 1 dissertação de Mestrado.

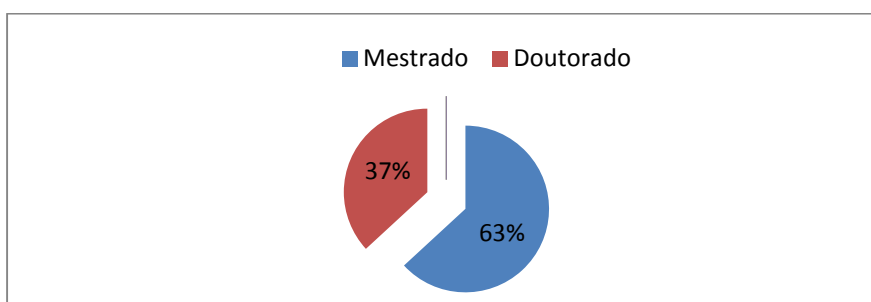
Gráfico 5 – Áreas do conhecimento que discutem o tema nazismo



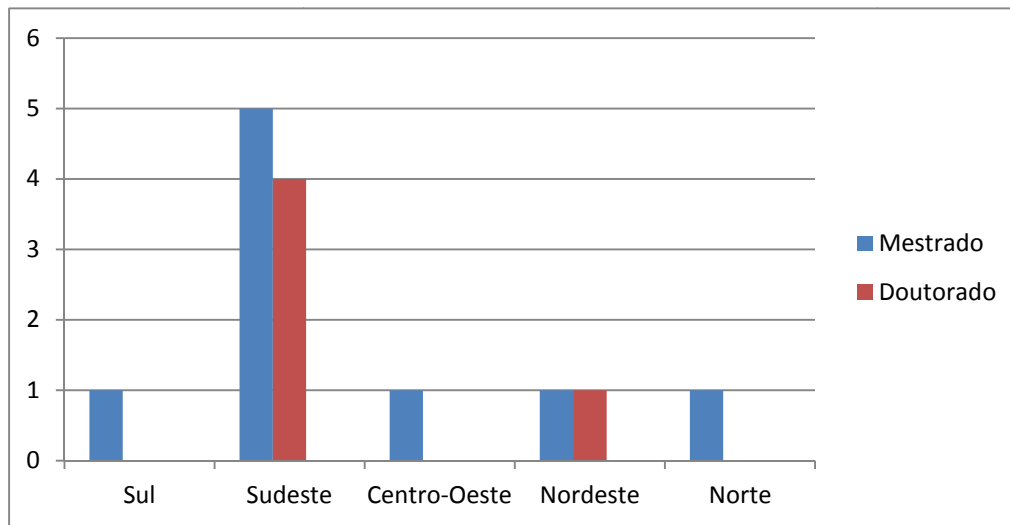
2.1.2 Porcentagem de dissertações de Mestrado e teses de Doutorados na Capes (2011-2012) e outras informações com a palavra *totalitarismo*.

A palavra-chave totalitarismo possui 12 dissertações de Mestrado e 4 teses de Doutorado. Portanto:

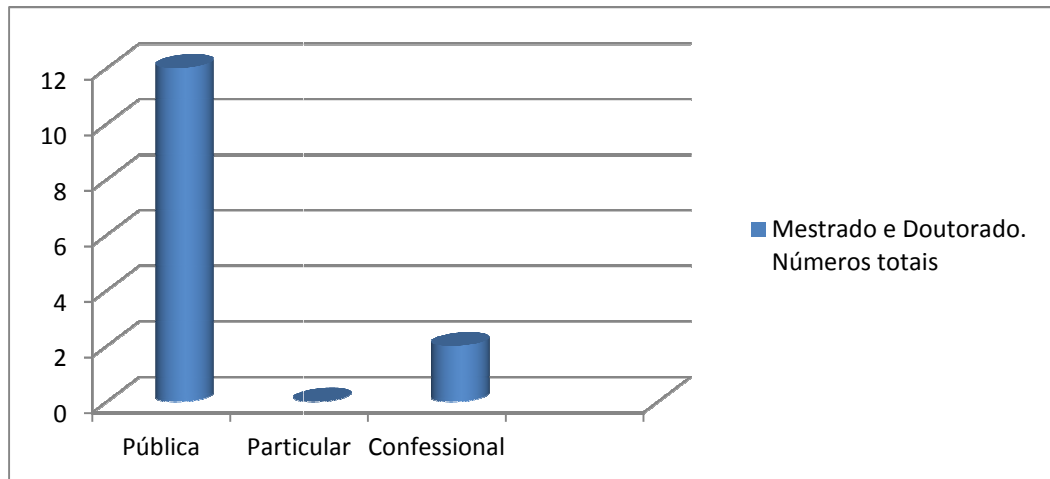
Gráfico 6 – Porcentagem de dissertações e teses com a palavra totalitarismo



Encontra-se 1 dissertação de Mestrado na Região Sul. A Região Sudeste possui 5 dissertações e 4 teses de Doutorado. A Região Centro-Oeste possui 1 dissertação de Mestrado. A Região Nordeste possui 1 dissertação e 1 tese de Doutorado. E a Região Norte possui 1 dissertação de Mestrado.

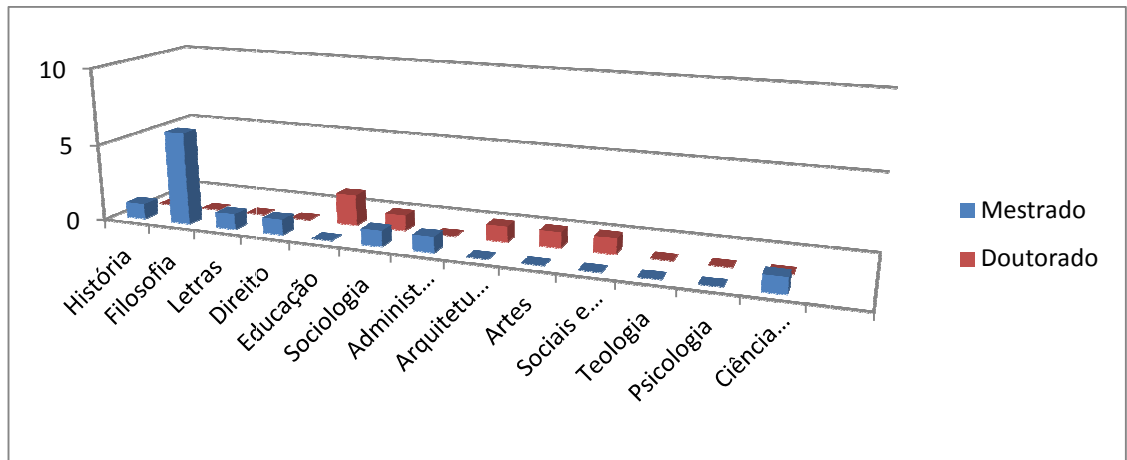
Gráfico 7 – Identificação das regiões brasileiras

Foram encontradas 12 dissertações de Mestrado em instituições públicas, nenhuma dissertação ou tese nas instituições particulares e 2 dissertações em instituições confessionais.

Gráfico 8 – Categorias institucionais: públicas, particulares ou confessionais

No curso de História foram encontradas 2 dissertações de Mestrado. No curso de Filosofia, 6 dissertações de Mestrado. No curso de Letras, 1 dissertação. No curso de Direito, 1 dissertação de Mestrado. No curso de Educação, 2 teses de Doutorado. O curso de Sociologia possui 1 dissertação de Mestrado e 1 tese de Doutorado.

Gráfico 9 – Áreas do conhecimento que discutem o tema totalitarismo



As informações referidas acima, também apresentadas na forma de gráficos, demonstram a distribuição dos trabalhos acerca dos temas do nazismo e totalitarismo. Nesses dois anos pesquisados não uma única dissertação ou tese relacionada especificamente ao tema do neonazismo. Presume-se, assim, que o Brasil ainda carece de pesquisas voltadas ao tema dessa dissertação.

3 A IDEOLOGIA NAZISTA NO TEMPO HISTÓRICO

Aborda-se aqui o tema da constituição do mito nazista. Parte-se do pressuposto de que as ideologias se aproveitam das tradições míticas de um povo para fundamentar suas ideais e torná-las aplicáveis à política. Com o nazismo não foi diferente. Trata-se de uma ideologia altamente elaborada e que obteve uma grande adesão popular a ponto de tornar-se parte da identidade nacional do povo alemão.

A seguir, para melhor justificar a problemática da identificação mítica e sua capacidade de condicionar a vida social, discute-se a influência ideológica do nazismo na vida social alemã e os motivos para a identificação e adesão popular as suas ideias.

Marilena Chauí, na obra *Brasil, Mito Fundador e Sociedade Autoritária (2008)*, comenta que os mitos fundadores, aqueles que estão nas origens de um povo, são evocados e cultuados sempre que esse povo se encontra em algum tipo de instabilidade ou perigo. Os mitos são narrativas ligadas à fundação étnica e que se tornam patrimônio, memória e celebração. Um evento atemporal e *ad aeternum*.

Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo (CHAUÍ, 2000, p. 06).

No caso da Alemanha e de outros povos de origem germânica, identificados como povos arianos, existem vários mitos fundadores. Os pensadores Lacoue-Labarthe e Nancy entendem que o partido de Hitler, assim como todos os movimentos nacionalistas, utilizou-se de elementos populares, folclóricos e míticos já presentes na cultura popular para enriquecer e justificar suas ideias políticas. Na Alemanha houve todo o cuidado para que a doutrina nazista não fosse de encontro aos valores e às tradições fundadoras da cultura germânica, mas, antes, exaltasse aspectos importantes de sua historicidade. Pode-se dar como exemplo a

[...] *Volkslied*, o imaginário do campo do pós-romantismo e das cidades de Hansa, as “ligas” (*Bünde*) estudantis anti-napoleônicas, as Corporações medievais, as Ordens Cavaleirescas, o Sacro-Império etc. – uma mitologia (digamos Erda, de Odin e de Wotan) (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2008, p. 20).

Embora a riqueza cultural germânica esteja, por assim dizer, dissolvida na ideologia nazista, o enfoque desta pesquisa é analisar especificamente o mito do Partido Nazista (NSDA) como ideologia racial que vigorou no século XIX e que persiste na atualidade por meio do neonazismo.

Com uma leitura mítica da ideologia nazista e neonazista é possível encontrar a relação de dependência e continuidade entre ambas as doutrinas. É possível, também, encontrar correspondência entre duas épocas distintas, mas correlatas: o contexto da crise da Alemanha após a Primeira Grande Guerra, época em que o nazismo ascendeu politicamente na Europa e o cenário da atualidade, onde o neonazismo, como releitura do nazismo, parece firmar-se como uma possível resposta política para conflitos e embargos sociais e culturais. A relação entre as duas épocas ajuda a pensar sobre o tempo hodierno e as motivações para a origem de novos movimentos reacionários e ultranacionalistas, sobretudo na Europa e nas Américas.

3.1 A constituição do mito nazista no Partido dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – NSDA*)

Os mitos são originados de fatos históricos ou de narrativas lendárias presentes em todas as comunidades humanas. Relatam, interpretam e dão sentido à origem de todas as coisas, aos fenômenos da natureza, às relações entre os homens e, deles, com as divindades. Na compreensão do mitólogo e antropólogo Raphael Patai, em sua obra *O Mito e o homem moderno (1974)*, os mitos são histórias que desvendam os mistérios das origens de um povo, suas características peculiares, seus temores e suas expectativas.

Patai explica que a constituição de um mito caracteriza-se como uma realidade construída, que se torna instrumento de ação no presente da vida de uma comunidade. Trata-se de experiências humanas, religiosas ou seculares, que operam “[...] validando leis, costumes, ritos, instituições e crenças. [E que] assumem a forma de histórias, que se acreditam verdadeiras, acerca de seres divinos e heróis” (PATAI, 1974, p. 13).

Nessa mesma perspectiva de entendimento, Mircea Eliade, em *Mito e Realidade* (1972), entende que o mito possui, em sua estrutura, o relato de como tudo o que existe foi criado, evidenciando os atos dos Entes criadores e formadores da humanidade. Narra como tudo veio à existência e, por isso, é concebido como verdadeiro e sagrado, a ponto de se tornar paradigma dos atos humanos.

Conhecendo a origem das coisas, é possível “[...] dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento “exterior”, “abstrato”, mas de um conhecimento que é “vivido ritualmente [...]” (ELIADE, 1972, p. 18). Na obra *O Sagrado e o Profano* (1992), o autor também destaca que o mito é formador de um modelo ou de uma fórmula a ser seguida por todos aqueles que se envolvem na narrativa, pois o

[...] mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, *ab initio*. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. Por esta razão suas *gesta* constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados [...]. “Dizer” um mito é proclamar o que se passou *ab origine*. Uma vez “dito”, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta. É assim porque foi dito que é assim [...] (ELIADE, 1992, p.51).

A teoria desses estudiosos indica que o mito coloca o homem no centro dos fatos. Dá sentido ao presente, justifica eventos passados e provoca expectativas futuras. Desdobra o tempo em explicações que preenchem lacunas na história, no entendimento e nas relações humanas. De posse das possíveis explicações sobre toda sorte de fenômenos, os homens passam a compreender, aceitar e a lidar melhor com a vida e suas contingências, tal como elas são. Episódios desconcertantes, misteriosos ou inexplicáveis, por meio da abordagem mítica, alcançam significado e utilidade. A crença nos mitos faz com que os homens se tornem próximos daquilo que está acima e além de suas forças e compreensão.

Em meio às sociedades, os mitos falam sobre “[...] grandes, graves, proféticos e decisivos acontecimentos, pertinentes ao aqui e ao agora” (PATAI, 1974, p.67). A cada explicação, cria-se a ideia de identidade e encontram-se meios para a identificação com a história narrada. Pode-se afirmar que o mito influencia a cultura

e vive-versa. Na compreensão de Patai, os mitos criam novos padrões socioculturais, costumes e situações que estimulam a constituição de outros mitos.

As sociedades modernas, embora assentadas sobre os ditames das ciências, da técnica e do conhecimento lógico, ainda são condicionadas por estruturas míticas. Paralelamente às ciências, as pessoas continuam a interessar-se por explicações surgidas das tradições familiares, dos contos e lendas, das histórias e das literaturas adquiridas ao longo das gerações. O fato é que os mitos se refazem e se reestruturam com o passar dos tempos. Nunca deixam de exercer sua função ante o homem.

Daí a importância de se tentar entender como se deu a identificação do povo alemão, tido como um dos mais intelectualizados da Europa, com a estrutura mítica fundadora do nazismo. A esse respeito, pelas investigações de Patai é possível entender porque os mitos, antigos e modernos, possuem o poder extraordinário de influenciar a vida e as relações humanas.

A primeira das três explicações apontadas em suas pesquisas é o fator crença. Os mitos se consolidam em crenças humanas, no sentido religioso. “Para que o mito exerça alguma influência sobre as pessoas, estas precisam acreditar na verdade que o mito afirma” (PATAI, 1974, p. 14). Utilizando-se quase sempre de uma linguagem parabólica, ele expressará fatos e mensagens tiradas da vida e das experiências cotidianas. Daquilo que em muitas culturas entende-se por sabedoria popular. As imagens, as figuras de linguagens e as sagas extraordinárias de seus personagens carregam em si um considerável percentual de veracidade, a partir das experiências e tradições vividas naquela realidade.

O fato é que a identificação do mito como verdade, só ocorre quando seu significado mais profundo é entendido, suas imagens desveladas e as práticas comportamentais sugeridas, são assimiladas com afeto. O autor entende que a mensagem mítica é mais perfeitamente acolhida pelo público receptor, quando a narração se utiliza de meios que provoquem e estimulem a identificação afetiva, denominada de “interiorização emocional”.

Após o fator crença, o mito precisa da dinâmica da repetição. A memória dos fatos e suas consequências estimulam a identificação e intensifica a adesão

emocional das pessoas ao mito, quando recontadas e lembradas. Há uma força que uniformiza as ideias, a conduta e até mesmo as escolhas das pessoas. De fato, quando gestos, palavras e símbolos míticos estão presentes e operantes no dia-a-dia das pessoas, eles acabam impondo padrões comportamentais nos indivíduos e comunidades.

Alguns mitos foram originados em tempos bem antigos. A repetição deles e a forma como são recontados, é uma das maneiras que essas narrativas encontram para readaptarem-se ao presente, agindo e interagindo como um evento atemporal. Por isso são significativos na história daqueles que assumem o mito como verdade.

Após a crença na verdade do mito, ele assume uma terceira função – sua influência causa a sensação de satisfação e redução da ansiedade frente àquilo que não estava claro e evidente. É a certeza de que as dúvidas e inseguranças do cotidiano encontram sentido na narrativa mítica, e até mesmo mística de uma verdade suprema.

Patai explica que alguns críticos da mitologia acreditam que, apesar da inegável importância e influência dos mitos na vida, nas relações humanas e sociais, os avanços e realizações que asseguram o progresso humano, segundo uma lógica determinada, são oriundas apenas das ciências e seus métodos de comprovação. O autor explica ainda que embora suficiente para consolidar leis, as ciências não podem ser a última e definitiva resposta às indagações humanas. Os mitos, mais que as ciências, criam identidade e identificação afetiva ou emocional, por meio não só da simplicidade de suas respostas, mas pelas expectativas suscitadas no público a que se refere.

Um dos mitos mais conhecidos ao longo dos séculos e bastante questionado pelas ciências (principalmente a física) é o mito da criação do mundo, do homem e de todas as coisas visíveis e invisíveis, em apenas seis dias, como consta na tradição bíblica judaico-cristã; mais especificamente o livro do Gênesis. A rigor, o mito, sob o ponto de vista das ciências, pode ser considerado uma história absurda, uma abstração parabólica e sem averiguação objetiva. Entretanto, essa mesma parábola serviu durante séculos – e serve ainda hoje – como auxílio psíquico e espiritual para questões básicas que sempre angustiaram a humanidade: suas

origens, sua identidade e o seu destino após a morte. Raphael Patai discorre ainda que, num mundo apavorante e inseguro, dominado pelos poderosos e pelas leis imutáveis da natureza, a narrativa da criação responde suficientemente às tensões humanas, quando afirma que a

[...] Terra foi criada por uma divindade benévola e onipotente, com a expressa finalidade de servir à habitação do homem [...]. Os reinos animal e vegetal tinham sido criados para o sustento da vida humana, que os astros haviam sido afeiçoados para dar ao homem calor e luz, e para marcar, em seu benefício, o dia, a noite e as estações do ano, e que Deus santificara o Sábado a fim de que fosse um dia de repouso para toda a humanidade (PATAI, 1974, p. 69).

O mito da criação, nos tempos atuais, já não é tão requerido como outrora. Até mesmo as pessoas que orientam suas vidas pela fé estão devidamente esclarecidas pelas ciências quanto às teorias sobre as origens do universo. De fato, existe um princípio de conciliação – mesmo que ainda não totalmente aceito – entre a crença mítica e as ciências, sem que uma destrua a verdade da outra. Cita-se como exemplo, o diálogo interdisciplinar entre a teoria criacionista e a teoria evolucionista¹.

Apesar das críticas e oposições ao mito da criação bíblico, ele ainda condiciona as relações entre os homens e deles com a natureza. Isso é perceptível quando, inspirados pela parábola bíblica, as sociedades ocidentais passaram a dominar e administrar a natureza, tirando dela o próprio sustento². Outro exemplo foi a instituição de um dia na semana para o repouso. O descanso dominical, para os trabalhadores, foi uma lei inspirada nas normativas do Pentateuco. Poder-se-ia mencionar muitas outras normas, costumes e teorias inspiradas no mais importante mito fundador da bíblia: Jesus Cristo, o salvador da humanidade.

Conforme Patai, esse mito não só aborda o tema das origens do cristianismo, mas também do destino dos seguidores de Cristo. Regras que transcendem os séculos e as culturas. E que determina, ainda hoje, as relações sociais e econômicas das sociedades ao longo dos séculos.

¹ Parece estranho, mas foi um cientista religioso e nada ortodoxo, ligado institucionalmente à Igreja Católica quem delineou a base das explicações sobre a expansão do universo. Trata-se do jesuíta belga Georges Lemaître (1894-1966), amigo de Albert Einstein, e que por sinal o questionava sobre sua não aceitação do que se tornou a teoria do *Big Bang* (ALVAREZ, 2015).

² Cf. Gn 1,26.

E não foram poucas as teorias que tentaram desmistificar a narração crística, apresentando um personagem diferente daquele Cristo narrado pela religião judaico-cristã. Contudo, ainda que tais teorias contestem as Escrituras Sagradas, elas pouco conseguiram convencer os crentes a pensar de modo diferente daquilo que consta na narrativa bíblica. O mito Jesus Cristo, à semelhança dos grandes mitos sobre as origens dos povos, apresenta o sucesso final de um herói que, ao superar os desafios da vida – perseguição religiosa e morte na cruz – tornou-se vitorioso pela Ressurreição. Na vitória, torna-se, também, modelo e fonte de identificação para os homens que enfrentam situações existenciais difíceis: tensões familiares, miséria, guerras, enfermidades ou a iminência da morte.

Além disso, o mito estimula a superação da condição finita do homem e promove a expectativa na vida eterna ao lado de Deus, dado que condiciona a vida humana mais do que nos primeiros anos em que fora criado. Experiência possível porque os detalhes históricos do que realmente aconteceu perdem-se no passado, mas a força impulsionadora da narração que traz em si uma verdade intrínseca e um estímulo afetivo permanece para sempre. Sua influência ocorre não apenas por uma sucessão de fatos históricos, “[...] senão também direta e imediatamente, através da força que originalmente o provocou, e continua a operar com efeito não diminuído, desafiando o tempo e o espaço” (PATAI, 1974, p. 71).

Embora o evento mítico faça parte da realidade subjetiva do homem (da imaginação e das emoções) e as inferências científicas partam de realidades objetivas por meio da observação empírica, os mitos não deixam de ser tão reais quanto os fatos observados na realidade objetiva. A diferença entre a realidade da ciência histórica e a subjetividade vinda da mitologia consiste na maneira pela qual as pessoas adquirem consciência do mito e na maneira por que se relacionam com ele.

Conforme Patai, a consciência lógica, que armazena as diretrizes das ciências, é adquirida em primeira mão, pela adesão dos sentidos, seguida pela faculdade da razão. Por outro lado, a realidade subjetiva ou afetiva que interioriza mais facilmente o mito, embora se utilize simultaneamente da percepção racional, não se detém apenas aos processos da razão, mas numa reação emocional direta, como crença adquirida e experimentada.

Houve um tempo em que os mitos dominavam todas as explicações possíveis do mundo. Na Grécia Antiga não havia distinção entre mito, religião e sociedade. Deste modo, os antigos buscavam respostas plausíveis para os acontecimentos simples ou complexos do cotidiano a partir das suas observações, mas acima de tudo a partir das experiências religiosas trazidas pelos mitos ao narrar os feitos dos deuses e heróis. Quando, porém, a filosofia e, a seguir, as ciências começaram a investigar os eventos do mundo de modo empírico e analítico, prescindindo, portanto, da via religiosa e ritual, notou-se uma espécie de menosprezo e até desconfiança em relação aos mitos.

Essa é a concepção de Jean-Pierre Vernant, na obra *Mito e Religião na Grécia Antiga* (2006) quando, ao analisar a mitologia antiga, entende que a atitude de rejeição ao mito na Grécia, repousa “[...] sobre um preconceito anti-intelectualista em matéria religiosa” (VERNANT, 2006, p. 22). Por detrás de toda a adesão emocional e religiosa frente às narrativas míticas, está o núcleo central e universal de toda experiência grega, qual seja, o sentimento de terror ou de temor frente ao sobrenatural. Ele não é encontrado “[...] nas construções sempre múltiplas e variáveis que o espírito elaborou para tentar imaginar o divino; então, é situado fora da inteligência [...] (IBIDEM, p. 22)”, cada vez que o sobrenatural é imposto ao homem. E, a seguir, é assumido afetivamente como verdade de modo subjetivo. “Os gregos têm uma palavra para designar essa reação afetiva, imediata e irracional, ante a presença do sagrado: *thámbos*, o temor reverencial” (IBIDEM, p. 22).

Apesar dessa experiência tão enraizada na cultura grega, com o tempo as explicações válidas e aceitáveis passaram a seguir apenas os ditames da razão. Para muitos filósofos da Antiguidade, como Platão (428-427 – 348-347 a.C.), as narrativas míticas não poderiam ser pressupostos de um conhecimento válido, pois partiam de histórias relacionadas a manifestações da natureza ou das deidades sem razões suficientemente lógicas, apresentadas às massas populares pouco esclarecidas. Pessoas que, segundo ele, facilmente acreditavam em narrações fantasiosas e alienantes para sentirem-se partícipes nas histórias, seguras e úteis.

Platão foi um dos grandes pensadores que condenou a mentalidade cultural e mítica da Grécia Antiga. Para o filósofo, a sociedade precisava evoluir da fase mítica à contemplação das ideias perfeitas ou racionais. Na Alegoria da Caverna, descrita

no Livro VII de sua obra *A República* (380 a.C./1989), Platão relaciona a caverna com o contexto social da época. Dizia ser a sociedade um lugar de sombras e ilusões, onde a vida e as relações estavam pautadas em histórias irreais, simbolizadas pelas sombras projetadas na parede da caverna. Platão, e mais tarde Aristóteles (384-322 a.C), pela filosofia, inauguraram uma nova fase no conhecimento na Grécia Antiga, a fase das explicações segundo os recursos da lógica argumentativa, herdada da maiêutica socrática e que deu origem às ciências³.

Apesar das longas discussões acerca da utilidade ou mesmo da alienação provocada pelos mitos, eles sempre existiram e sempre existirão. Adaptam-se aos novos tempos e lugares. Manifestam o pertencimento do homem à terra e vice-versa. Prova disso são os muitos mitos sobre a criação do mundo e da humanidade. Esclarecem e justificam sonhos e projetos humanos, no presente e no futuro. Os mitos também possibilitam a explicação do sentido da vida, da morte e da salvação eterna.

Narrativas acerca da criação do mundo e o lugar dos homens dentro dele, presentes em quase todas as culturas, são questionadas pelas teorias científicas, que visam responder racionalmente à causalidade da criação. Percebe-se, comumente, uma espécie de disputa entre o pensamento mítico e científico na explicação dos fenômenos da realidade. Em si isso não se constitui um grande problema. Ambos os conhecimentos, mítico e científico, desdobram-se para explicar, da melhor forma e segundo seus métodos, o sentido da realidade. Sempre buscando a verdade.

No caso específico da Alemanha, são muitos os mitos que narram suas origens, suas características e suas expectativas. Eles explicam a origem daquele povo e o que o distingue dos demais povos. Os mitos fundadores possuem a função de eternizar na memória popular, a *fundação* e a noção de *identidade* de prole, raça ou nação. No Brasil, Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1936/1995), destaca que o mito fundador brasileiro está ligado à ideia de um Brasil gigante por natureza, abençoado por Deus e formado por um povo ordeiro e cordial (HOLANDA, 1995, p.09).

³ Cf.: PLATÃO, 1989.

As pesquisas de Lacoue-Labarthe e Nancy, na obra *O Mito Nazista* (2002), estão em consonância com as teorias dos mitólogos expostas acima. Os autores franceses perceberam que, dos três aspectos que estimulam a identificação do mito com seu público-alvo, apontados por Patai, a repetição foi o aspecto mais trabalhado no povo alemão pelo nazismo. Quer dizer, o resgate à memória popular dos antigos valores, ensinamentos e simbolismos já presentes na cultura germânica, mas que foram reapresentados repetidamente como novidade, para justificar a arquitetura da ideologia.

A busca pela identificação sempre foi uma constante nos povos germânicos. Desde o século XVIII a reflexão mais rigorosa sobre a identificação humana com os mitos foi realizada na Alemanha e em nenhum outro lugar (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2002, p. 31). Os alemães foram e ainda são exímios estudiosos não só dos mitos, mas de toda a tradição filosófica grega. Sempre leram bem o grego e por isso tornaram-se herdeiros dessa tradição, mais do que os outros povos europeus.

Em *O Mito Nazista* (2002), os autores comentam que o processo de repetição e rememoração de antigas histórias, lendas e mitos nórdicos que estimularam o processo de identificação do povo alemão com o nazismo, possui suas raízes metodológicas na Antiguidade Grega. Recontar histórias e reverenciar os feitos dos deuses e heróis foi uma realidade vivenciada pelos gregos, a ponto de forjar a personalidade e os rumos da sociedade antiga.

Platão tentou, de todos os modos, desmitificar muitas das ficções produzidas pelo senso comum da época e impor uma atitude mais intelectual, isto é, filosófica. Sobre esse empenho platônico os autores comentam o seguinte:

A decisão platônica com relação aos mitos apoia-se sobre uma análise teológico-moral da mitologia: os mitos são ficções, e essas ficções contam mentiras sacrílegas sobre o divino. Consequentemente é necessário que se corrijam os mitos, que eles sejam expurgados banindo-se deles todas essas histórias de parricídios e matricídios, os assassinatos de todos os gêneros, as violações, os incestos, o ódio e as trapaças (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2002, p. 32).

Platão acreditava que as narrativas míticas que tinham o objetivo de esclarecer o vulgo, na verdade disseminavam a ignorância. A filosofia, ao contrário,

consolidava a sabedoria e ditava o padrão das relações sociais e políticas⁴. Por isso também questionou profundamente a maneira como a política era realizada na *polis*.

Para os antigos, ser livre era o mesmo que participar da esfera pública da convivência – a *ágora* – e, junto aos demais cidadãos, definir os rumos da cidade. Todos os cidadãos deviam igualmente opinar. Todos eram iguais. Agir e falar espontaneamente nesse espaço público era critério para a formação da cidadania e realização da liberdade.

Nessa visão política, não havia como alguém impor suas ideias sem a presença e a avaliação das outras pessoas no espaço público. E, ao contrário de todo tipo de totalitarismo ou ditadura, cujas ideias são gestadas previamente na mente de um ou de alguns que se impõem aos demais, a construção política na antiga Grécia pautava-se na diversidade das ideias e discursos. Entende-se o porquê os gregos eram diametralmente contrários a toda forma de totalitarismo e autoritarismo político.

Na obra *A Condição Humana* (1983), a filósofa judia Hannah Arendt, considerada uma das importantes teóricas do conceito de política e do totalitarismo de Hitler, retoma o conceito de política grega e indica o lugar e as funções das esferas pública e privada contemporâneas, a partir da Grécia Antiga. Para Arendt, em sua essência, a política se realiza nas relações *entre* os cidadãos e não *dentro* deles, isto é, nos seus critérios e julgamentos pessoais ditados para os demais. Não se trata, portanto, de uma espécie de intuição, sentimento, decisão unilateral e subjetiva, mas, antes, de uma construção *com* e *para* os outros.

Quando a política se torna produto da subjetividade e não da interação humana, torna-se ditadura ou outra forma equivocada de política que, do ponto de vista dos gregos, é um erro por dispensar aquilo que lhe é essencial – a participação de uma maioria nas decisões acerca das coisas públicas. Quando isso ocorre, a política deixa de ter essencialmente seu aspecto democrático, que visa os interesses do povo em geral. Nesse sentido, o ditador, comenta Arendt, é aquele que não precisa analisar a realidade objetiva fora de si, e tampouco necessita da opinião de

⁴ Os mitos presentes na filosofia de Platão são todos segundo uma ordem racional. Basta ver o mito da Caverna, que fala especificamente sobre a luz da razão, no sentido de que é a luz da filosofia quem liberta os sábios da ignorância.

outrem. Bastam suas próprias ideias, elevadas à categoria de ideologia para definir os rumos de suas ações (cf.: ARENDT, 1983, p. 31-83).

Arendt discorda das concepções políticas de alguns dos pensadores gregos, como Platão, que desprezava a democracia para analtecer outros modelos políticos. Ele afirmava que os filósofos deveriam se tornar reis e os reis, filósofos. Além disso, Arendt identifica uma visão ditatorial na concepção platônica de política. Na obra *A República*, Platão estimula a monarquia (*mono*: um só; uma pessoa; *arché*: princípio, ser o primeiro e aquele que manda) e critica a democracia (*demos*: povo, vulgo; *kratos*: domínio, poder). A democracia, segundo ele, é o sistema de governo dos ignorantes, do vulgo, dos despreparados.

Em seus escritos faz uma analogia entre a saúde humana e a saúde do Estado. Para isso afirma que quando alguém está doente, busca um médico, um especialista. Seria um absurdo reunir um grande número de pessoas para, em meio às opiniões, definirem o melhor remédio para um doente. Da mesma forma, portanto, compara Platão, a saúde de uma cidade deve estar nas mãos dos especialistas e não da opinião de uma maioria de pessoas que, talvez, sejam pouco ou nada esclarecidas e capacitadas nos assuntos públicos. Os especialistas, por ele chamados de guardiães, são os que direcionam suas vidas pelo estudo da filosofia (cf.: PLATÃO, 1989, p. 275-276).

A ética e política platônica também almejavam banir da cidade todas as formas de arte, de expressões estéticas e de modelos comportamentais originados nos mitos, por influenciarem diretamente na política, o aspecto mais importante de uma sociedade. Para os gregos, a política é uma realidade diretamente ligada às relações humanas, fundada na palavra e nas ações em prol de uma maioria. Ser político no mundo grego antigo é o mesmo que ser capaz de manter relações humanas e sociais saudáveis. Bem diferente de algumas práticas atuais que reduzem a política a assuntos econômicos e burocráticos, por vezes complexos e distantes da compreensão do povo.

Na Antiguidade, foi Platão quem construiu a figura ou o modelo do agente político e da ordem política (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2002, p. 33). É dele que procede a oposição entre *mythos* e *logos*. Platão percebeu que, muito mais que a

razão (*logos*) e a educação filosófica, a crença mítica ainda era mais determinante na identidade e no comportamento das pessoas, especialmente dos jovens. O povo facilmente recontava os feitos heroicos das deidades, identificava-se com o heroísmo dos personagens e se emocionava com o desfecho de suas tramas. Parece que as explicações racionais ou filosóficas – que poderiam hoje em dia ser chamadas de científicas – embora importantes, não agradavam tanto as pessoas quanto o fascínio despertado pelos mitos. Lacoue-Labarthe e Nancy comentam que Platão observou um forte *mimetismo* que assegurava essa identificação entre o povo e seus mitos.

Os escritos platônicos tinham o objetivo de despertar para a cultura e a ciência e banir a ignorância fabricada pelas histórias que emocionavam e dispersavam as massas populares. Isso faz pensar na atuação de alguns mitos da atualidade. As novelas e os produtos da moda são exemplos de mitos da modernidade. As histórias televisivas e seus influentes personagens, apesar de apresentarem histórias ficcionais, elas se utilizam de uma linguagem, de imagens e de movimentos semelhantes aos mitos da Antiguidade.

Muitas propagandas, cujo objetivo é vender produtos da moda, imprimem modelos comportamentais, principalmente nas pessoas menos instruídas. O que também ocorre, e isso parece ser o mais grave, é que também pessoas esclarecidas se deixam convencer pelos padrões impostos nos meios de comunicação social. No caso específico das novelas, pode-se destacar a identificação mimética com a maneira de falar e se comportar dos atores, as novidades da moda, com as marcas de produtos que dão *status* aos que podem consumir; também é comum a eleição de padrões físicos de beleza e o modelo econômico oferecido como ideal para ser socialmente notável. Os meios de comunicação introduzem novos mitos modernos. Basta pensar no cigarro, um mito que inicialmente agregava ao fumante o *status* de elegância e modernidade, disseminado pelo cinema nas décadas de 1950 e 1960.

Ainda na questão da Grécia Antiga, não restam dúvidas de que ela influenciou toda cultura Ocidental, até os dias de hoje. Mesmo com o advento da Idade Média e o fato do cristianismo ter ocupado todos os espaços sociais, ditando regras comportamentais, os elementos mais importantes da Antiguidade permaneceram através dos séculos. De fato, com o fim Idade Medieval e a retomada do Helenismo

Grego, as virtudes e a ética cristã já não eram os únicos padrões comportamentais e de crença, e tiveram que coexistir com outros estilos ou modelos de identificação da modernidade.

Os alemães, como toda a cultura ocidental, foram despertados pelo Helenismo e encontraram na filosofia, na arte e na cultura grega, elementos essenciais para a formação da própria identidade nacional. Um dos mais proeminentes representantes do Helenismo na Alemanha do século XVIII foi o historiador da arte e arqueólogo Johann Joachim Winckelmann (1717-1768). Em sua obra *Gedankenüber die Nachahmung der griechischen Werke in der Malerei und Bildhauerkunst* (1756) adotou a cultura grega como modelo ideal de beleza e inspiração para o Ocidente.

Em sua obra, propõe para o povo alemão, a imitação das virtudes e de toda a tradição cultural grega. Afirmava que os alemães deveriam imitar os antigos para que se tornassem inimitáveis. A imitação, segundo Winckelmann, garantiria o fortalecimento da identidade germânica. Na obra *O Nascimento do Trágico. De Schiller a Nietzsche* (2006), o escritor Roberto Machado, ao referir algumas das ideias de Winckelmann, comenta que o autor alemão encontrava na arte grega “[...] uma nobre simplicidade e uma serena grandeza” (Machado, 2006, p.11). A Grécia era o ideal da beleza, da formosura, da arte e do conhecimento. Deveria, portanto, ser imitada pelas futuras gerações.

O ápice dessa beleza grega, para Winckelmann, era o Laocoonte, um conjunto de estátuas esculpidas em mármore, do Helenismo tardio, representando o sacerdote de Apolo, asfixiado por duas serpentes, juntamente com seus dois filhos. Ele considerou essa escultura como o cânone e a síntese perfeita da beleza e da grandiosidade da alma grega.

Em Laocoonte está impressa não só a arte e a beleza, mas a alma superior dos povos gregos. Winckelmann comparou a arte grega com a perfeição da natureza. Isso foi o que mais lhe chamou a atenção. Ele acreditava que os gregos detinham o dom de ensinar a arte da imitação ou repetição daquilo que é belo, bom e justo. Em um de seus comentários, diz: “[...] se a natureza moderna não tem, como vimos, a mesma perfeição que a dos gregos, o artista moderno deve antes de tudo,

imitar as obras-primas da escultura e da pintura grega” (Winckelmann, 1756 apud Machado, 2006, p. 12).

Winckelmann conclui:

Das allgemeine vorzügliche Kennzeichen der griechischen Meisterstücke ist endlich eine edle Einfalt, und eine stille Größe, sowohl in der Stellung als im Ausdrucke. So wie die Tiefe des Meers allezeit ruhig bleibt, die Oberfläche mag noch so wüten, ebenso zeigt der Ausdruck in den Figuren der Griechen bei allen Leidenschaften eine große und gesetzte Seele (Finalmente, a característica geral que distingue as obras-primas gregas é uma nobre simplicidade e uma grandeza serena, tanto nas atitudes quanto nas expressões. Assim como as profundezas do mar sempre permanecem calmas, mesmo quando a superfície está furiosa, da mesma forma a expressão nas figuras dos gregos mostra, mesmo quando elas são presas das mais violentas paixões, uma alma grande e sempre igual a si mesma) (WINCKELMANN, 1756, tradução nossa.

Laocoonte é, portanto, a síntese de alguém que, mesmo na tempestuosidade, expressa arte, beleza e superação. São as características que Winckelmann projeta para o povo alemão. Embora muitas interpretações sobre a escultura destaquem não só a arte, mas angústia daqueles que estão para morrer sufocados pelas serpentes.

Outros elementos vindos da antiga Grécia se tornaram práticas fundamentais na cultura moderna. A própria democracia, como modelo político, a literatura, a tradição bíblica, os eventos esportivos como as Olimpíadas, reinventadas no século XIX, são alguns dos muitos aspectos herdados do mundo grego.

Conforme as reflexões de Lacoue-Labarthe e Nancy, o nacional socialismo alemão obteve sucesso em fundir a política e a arte, pois levou em conta toda a tradição helenística e mitológica das culturas germânica e nórdica, construídas ao longo dos séculos. Pode-se dizer que a política foi pensada na forma de arte.

Foi nesse sentido que Ginzburg (1989, p. 181) referindo-se a Georges Dumézil (1974), afirmou que o nazismo, embora uma experiência terrível, não deixou de ser uma resposta necessária a questões mal resolvidas na Alemanha daquele tempo: a relação entre biologia e cultura e estética e política. Dizendo de outra forma, a conciliação entre o biótipo ideal da raça ariana (os louros cabelos, os

olhos azuis, o sangue divino; além da bravura e da coragem herdadas de Odin) e o ideal de supremacia cultural e intelectual germânica ante os povos inferiores.

Hitler manifestou a ideia da superioridade racial em sua obra *Mein Kampf* e, concretamente, nos discursos populistas, nas propagandas políticas, nos ritos, símbolos e desfiles do exército. A liturgia que envolvia o movimento nazista, também objetivava impor a superioridade racial e a deidade do *Führer*. Vê-se isso nas vestimentas, nos desfiles e saudações do tipo “*Heil Hitler!*” (*Viva a Hitler!*). São todos padrões culturais, comportamentais e estéticos aplicados à política.

A estrutura ideológica nazista foi pensada detalhadamente por Hitler e seus colaboradores. Ainda assim, é razoável pensar que uma coisa é esquematizar uma dada ideologia, outra é aplicá-la com sucesso. Com Hitler, o nazismo obteve sucesso e rápida adesão da maioria do povo alemão. Mas fica a questão: como ocorreu o processo de identificação dos alemães com o mito nazista? O fato é que o mito faz parte da vida humana. Do contrário, poder-se-ia aduzir que a identificação dos alemães às ideias nazistas fosse um grande mistério. Entretanto, pensando no contexto que o povo alemão vivia, é possível afirmar que tudo concorria para o êxito do nazismo.

A Alemanha vivia uma profunda crise econômica, uma baixa autoestima nacional causada pela derrota na I Guerra Mundial. Com o Tratado de Versalhes o país passou pela humilhação de reconhecer sua derrota e assumir as culpas e gastos pelo conflito. Por esses e outros motivos é possível perceber que o nazismo foi, num primeiro momento, uma resposta à altura das expectativas do povo alemão, que desejava reabilitar a dignidade de povo, de sociedade e de economia.

Nas considerações de Carlos Moore no livro *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo (2007)*, a adequação de um povo a uma ideologia é amplamente realizada quando tal ideia consegue despertar na memória coletiva, uma gama de símbolos, arquétipos ou experiências que, mesmo perdidas no tempo e sem memória autoral, condicionam a estrutura comportamental e ideológica daquele povo. A ideia da raça superior, elevada aos extremos do racismo ideológico, tornou-se um mito segundo o qual o povo alimentava o sonho de

transcendência e lutava pela superação de suas crises. Eis, portanto, a raça superior como conteúdo central do mito nazista. Conforme Moore,

[...] o homem cria representações simbólicas, que reconhece, mas também representações simbólicas que lhe escapam após tê-las concebido. Trata-se de formas de consciência determinadas historicamente e, conseqüentemente, desprovidas de sua própria memória [...]. Ao longo da história humana, os processos de simbolização, que implicam, sempre, “uma perda da memória autoral”, têm dado origem a diversos mitos fundadores de crenças, cosmogonias e religiões. As religiões, os mitos cosmogônicos, o sexismo, o anti-semitismo, o racismo e a homofobia, são exemplos característicos de irredutíveis formas de consciência determinadas pela história. De todas elas, o racismo aparece nitidamente como a forma de consciência mais violenta e abrangente, porquanto ele implica uma vontade e intenção de extermínio do Outro Total (MOORE, 2007, p. 244).

O mito foi um dos grandes instrumentos de persuasão para imprimir ideias e verdades. Ao tornar-se mito, a NSDA asseverou-se de todos os meios de comunicação e propaganda da época para divulgar, mas também convencer e conformar a população à ideologia. A repetição das ideias nazistas pela propaganda parece ter sido a *conditio sine qua non* para o sucesso de Hitler. Com a soma destes elementos e, acima de tudo com o ideal da raça superior, o Terceiro *Reich* conseguiu tornar seu partido um mito capaz de forjar uma identidade nacional e promover a identificação do povo alemão com seu programa governamental. A seguir, discutem-se os elementos persuasivos para este processo de identificação.

3.2 Identificação mítica: sociedade, adesão ideológica e militância

As bases ideológicas do mito nazista são uma construção anterior ao século XIX. Estão diretamente relacionadas ao mito ariano, por isso não se referem apenas à Alemanha, mas à tradição nórdica e asiática. A ideologia nazista foi uma fabricação semelhante a uma obra de arte, que soube responder fielmente ao jeito de ser e de viver formais (*seelengestalt*) do povo alemão. A característica fundamental do nazismo foi ter proposto “[...] sua própria ideologia e o seu próprio Estado, como realização efetiva de um mito, ou como um mito vivo” (LACOUÉ-LABATHE; NANCY, 2002, p. 47).

Alfred Rosenberg (1930), um dos maiores colaboradores e ideólogos do nazismo, expõe sua teoria racialista ao exaltar a alma e a raça germânica, herdeira e

descendente de Odin. Afirma, por exemplo, que, mesmo morto, Odin torna-se vivo e presente como essência da alma germânica (ROSENBERG, 1930, p. 219). E afirma também: “*Odin war und ist tot; den “Starken von oben” aber entdeckte der Deutsche Mystiker in der eigenen Seele*” (Odin estava e está morto; o “homem forte lá de cima”, mas o místico alemão o descobriu em sua própria alma) (ROSENBERG, 1930, p. 219, tradução nossa).

Esses comentários quiseram despertar os arquétipos⁵ de honradez e de heroísmo nórdicos, fortalecendo a imagem da superioridade racial do povo alemão.

O livro de Alfred Rosenberg *Der Mythos des 20. Jahrhunderts (1930)*⁶ e de Adolf Hitler, *Mein Kampf (1925)*⁷, foram as obras fundamentais para a constituição mítica e ideológica do nazismo na Alemanha. *O Mito do século XX* se tornou o suporte teórico do partido, enquanto *Minha Luta* tornou-se sua aplicabilidade.

Rosenberg elaborou uma ampla investigação sobre as origens da nação germânica, exaltando seus grandes feitos, valorizando suas histórias reais e mitológicas. Uma das principais discussões da obra refere-se às origens do arianismo e sua relação com a Alemanha. Sua conclusão foi muito simples: os alemães são os herdeiros da raça superior ariana.

Embora não seja o objetivo aqui determinar as origens dos arianos e seus mitos fundadores, mas tão somente o mito racista da NSDA, é importante mencionar alguns aspectos utilizados pelos nazistas em seu programa ideológico de governo. Conforme o historiador Léon Poliakov (1974), a problemática da racialidade humana está ligada diretamente à questão da linguagem.

A tradição monogenista, fundada nos princípios bíblico-cristãos entende que os homens foram originados de um único tronco criacional, em Adão e Eva, os primeiros habitantes da terra. Já a corrente poligenista, muito considerada pelas teorias racistas do Ocidente, afirma que os homens são diferentes porque possuem origens diferentes. Essa compreensão, em síntese, levou muitos estudiosos da antropologia e da história à constatação de que, nas diferenças raciais, estão também as distinções valorativas de superioridade e inferioridade dos povos. O

⁵ A terminologia “arquétipos” é aqui usada no mesmo sentido que foi pensada por Carl Gustav Jung. Trata-se do conjunto de imagens, ideias e expressões míticas presentes no inconsciente coletivo. Esses registros são herdados geneticamente por um povo ou uma etnia, a partir de seus ancestrais (Ver em: CG. JUNG., 2002, p. 13-51).

⁶ Em português: *O Mito do século XX*.

⁷ Em português: *Minha Luta*.

poligenismo pretende resolver o problema da multiplicidade das raças humanas a partir do argumento de suas diferenças, e de que nessas diferenças é possível perceber que algumas raças são mais desenvolvidas e, portanto, superiores a outras.

Lilia M. Schwarcz, em *O espetáculo das raças (1993)*, faz a distinção entre o monogenismo e o poligenismo. Mostra que ambas as correntes tiveram por objetivo investigar sobre as origens raciais humanas. O monogenismo influenciou fortemente as pesquisas científicas até o século XIX. Além disso, comenta a autora que ele

[...] congregou a maior parte dos pensadores que, conformes às escrituras bíblicas, acreditavam que a humanidade era una. O homem, segundo essa versão, teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos humanos apenas um produto 'da maior degeneração ou perfeição do Éden' [...] (SCHWARCZ, 1993, p. 48).

A seguir, com o crescimento do poligenismo, a explicação da Criação humana a partir de Adão foi questionada. Conforme Schwarcz, os poligenistas acreditavam na

[...] existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas. A versão poligenista permitiria, por outro lado, o fortalecimento de uma interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato de leis biológicas e naturais. Esse tipo de viés foi encorajado sobretudo pelo nascimento simultâneo da frenologia e da antropometria, teorias que passavam a interpretar a capacidade humana pelo tamanho e proporção do cérebro nos diferentes povos. [...] Recrudescia, portanto, uma linha de análise que cada vez mais se afastava dos modelos humanistas, estabelecendo rígidas correlações entre conhecimento exterior e interior, entre a superfície do corpo e a profundidade de seu espírito. (IBIDEM, p. 48-49).

Além do monogenismo e do poligenismo, muitos estudos acerca da racialidade humana, entre os séculos XV e XIX, como o Darwinismo e o Evolucionismo Social, pretenderam explicitar o fenômeno da racialidade humana, mas sem uma real e legítima comprovação científica. Basta lembrar que a questão das diferenças raciais, sob o ponto de vista das ciências biológicas, parece ter tido um suficiente avanço com as modernas pesquisas sobre o genoma humano.

No Projeto Genoma, em 2003, os cientistas parecem ter chegado à conclusão de que não há diversidade de raças, mas sim uma única raça, a raça humana. As diferenças genéticas entre dois indivíduos de etnias diferentes não chega a 1%. Além disso, as diferenças acidentais, ou seja, as tipologias ou perfis estéticos são

apenas consequências da adaptação e da seleção natural dos humanos às condições ambientais e climáticas em que vivem. Mas isso ocorreu ao longo dos milênios.

Voltando à questão da linguagem, Poliakov aponta ser ela a causa para os estudos e os problemas raciais que surgiram ao longo dos séculos. Dentro do contexto alemão século XIX, por exemplo, destaca-se o antropólogo e historiador Friedrich Schlegel (1771-1829). Ele é considerado um dos grandes idealistas da teoria segundo a qual o povo ariano originou-se na Índia. Sobre a influência dos estudos de Schlegel no cenário alemão e a surpreendente adesão dos intelectuais da época às suas ideias, afirma Poliakov:

Assim, será este brilhante autor romântico da primeira geração, aquela que acreditava que a Arte e a Ciência deviam servir ao desenvolvimento e ao progresso da humanidade, que, no momento oportuno, e procedendo mais por sugestões do que por afirmações claras, inflamará a jovem Alemanha pelo mito da raça ariana (POLIAKOV, 1974, p. 169).

Schlegel, entre os anos de 1802 e 1804, em Paris, aprendeu o idioma sânscrito e percebeu o parentesco com as línguas indo-europeias. O que o levou a acreditar que as fontes nórdicas estão na Índia, por meio do estudo comparado dos idiomas. Em um curso ministrado em Colônia sobre história natural, o pensador afirmou que “[...] tudo, absolutamente tudo é de origem indiana” (SCHLEGEL, 1803 apud POLIAKOV, 1974, p. 169). Não demorou muito para que a comparação entre as línguas avançasse para a comparação entre as raças humanas. Afirmava, por exemplo, que os egípcios foram indianos que imigraram para o norte da África (IBIDEM, p. 169).

Schlegel supôs que as necessidades fizeram com que os povos do norte da Índia imigrassem para o oeste, ocupando várias regiões do mundo até chegar à Europa. A grandeza desse povo ariano que deu origem aos nórdicos, dizia ele, consistiu inclusive pela “[...] grandeza imensa da arquitetura nos monumentos egípcios e indianos, em comparação com os monumentos modernos” (SCHLEGEL, 1803 apud POLIAKOV, 1974, p. 170). Deste modo, concluiu que todas as nações europeias têm relação direta ou indireta com a Índia. Em suas pesquisas, diz ter encontrado, nos mitos indianos, referências à montanha sagrada do Norte. Conforme esse mito os povos teriam sido atraídos para a Europa.

Apesar de suas pesquisas antropológicas, Schlegel não concluiu e nem justificou cientificamente suas posições de modo claro e objetivo. Sobre o “magnetismo” que teria atraído os povos indianos à Escandinávia (ou o fato de terem sido expulsos de seu território em função das guerras ou calamidades naturais), e comprovado a real ligação entre nórdicos e indianos, afirma: “Não é aqui o lugar de continuar esta questão, aliás, tão importante para a história de nossa pátria” (IBIDEM, p. 171). Com essas palavras Schlegel conclui suas teorias. A verdade é que nada foi devidamente esclarecido, mas apenas sugerido poeticamente. Isso demonstra quanto os alemães dependiam, por assim dizer, das bases míticas antigas e de outras culturas para firmarem-se enquanto identidade nacional e cultural.

Alguns anos depois, a ideia de que os arianos do norte da Europa são descendentes dos asiáticos foi amplamente debatida por Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) e por seu discípulo inglês Houstin Stewart Chamberlain (1869-1940). Ambos foram influentes na disseminação do racismo na Europa e a partir dela, para o resto do mundo.

Conforme Sérgio Pereira Couto, na obra *Hitler e os segredos do nazismo (2008)* – citando Gobineau e sua obra *A Gênese do século XX* – destaca que para o francês, “[...] a raça superior ariana era ancestral de todas as classes superiores europeias e da Ásia” (CHAMBERLAIN, 1899 apud COUTO, 2008, p. 19). E que ela não estava extinta, pois se “[...] conservava em Estado puro na Alemanha” (IBIDEM, p. 19). A partir daí os alemães começam a se reconhecer como “arianos puros”.

Em suas pesquisas, Couto (2008) afirma que o termo ariano refere-se ao subgrupo dos indo-europeus que vivem, primeiramente, nos planaltos iranianos e depois imigraram para a península indiana, por volta do terceiro milênio a.C. Esses povos teriam fundado o sistema indiano de castas (*Brâmadés, Xátrias, Vaixás, Sudras e Dalits*). Um sistema de pureza racial que inspirou os defensores do arianismo.

Conforme Couto, ainda

[...] hoje os armênios se autodenominam arianos, exatamente com essa conotação racial de “sangue puro”. O que não é de se espantar, uma vez que os povos dessa região já usavam o termo nesse contexto desde a Antiguidade. Os persas usavam-no para descrever sua linhagem e sua língua, uma tradição que resistiu à passagem do tempo. Os registros históricos apontam uma proclamação encontrada em Naqsh-Rustam, na região do atual Irã, atribuída a Dario, o

grande, que diz: Eu sou Dario, o Grande Rei [...]. Um Persa, filho de um Persa, um Ariano de linhagem Ariana [...] (COUTO, 2008, p. 21).

Todas essas questões sobre as origens arianas foram relidas por Rosenberg e por Hitler segundo a ideologia nazista. Apesar do empenho histórico de Rosenberg, ele não quis apenas retomar os antigos mitos germânicos, como dados históricos, mas fazê-los influenciar a conduta e a alma do povo alemão, à maneira do nazismo.

Sua teoria pressupõe que o mito, mais do que uma representação, é uma potência. Nas palavras de Lacoue-Labarthe e Nancy, o mito é “[...] a potência de reunião das forças e das direções de um indivíduo ou de um povo, a potência de uma identidade subterrânea, invisível, não empírica” (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2002, p. 49). Trata-se de uma identidade própria e sua autoafirmação. Essa identidade não é algo dado, nem imposto, mas *sonhado*. Visto ser o mito, mais que uma realidade fora do homem, uma imagem subjetiva com a qual ele se identifica e se relaciona, intelectual e afetivamente.

Pode-se dizer que a ideologia do Partido Nazista obteve sucesso por dois motivos bem específicos. Primeiramente, a crença do povo na proposta político-partidária e, em segundo lugar, sua identificação com ele. Uma identificação com um modelo, um tipo de ideia ou crença a ser realizada. Ao analisar os escritos de Alfred Rosenberg, os autores franceses afirmam que para haver essa identificação, foi necessária “[...] uma crença total, uma adesão imediata e sem reservas com a figura sonhada, para que o mito [fosse] o que ele é, ou ainda, [...] para que essa figura tome figura” (IBIDEM, p. 51).

Daí entende-se o empenho da estratégia nazista nas propagandas para as massas, nas simbologias e em outros recursos disponíveis para impressionar e convencer a população. Sem a estratégia da propaganda não seria possível transmitir as ideias, o sonho político pensado por Hitler e seus colaboradores.

Lacoue-Labarthe e Nancy, analisando ainda os escritos de Rosenberg, explicitam que para o autor alemão a liberdade da alma germânica é *Gestalt*. Significa dizer que é a forma de ser e de viver que permite fundar uma crença ou um mito sonhado enquanto projeto político. Rosenberg, porém, entende que a *Gestalt* é sempre limitada plasticamente. Esse limite que isola, mas que distingue um tipo, no caso da Alemanha é a raça. A raça é, portanto, a “[...] identidade de uma potência de formação, de um tipo singular” (IBIDEM, p. 52). A raça ariana é portadora de um mito

ou de um tipo sonhado por uma potência superior. Mencionando Lagarde, ele afirma que a nação alemã está “[...] nos pensamentos de Deus” (IBIDEM, p. 52).

A adesão popular irrestrita ao princípio ariano tomou a forma de “mística”. Mais do que uma simples crença, se tornou a participação total no tipo. É assim, por exemplo, que ele escreve: “[...] a vida de uma raça, de um povo, não é uma filosofia com desenvolvimento lógico, nem um processo desenvolvendo-se segundo leis naturais, mas é a formação de uma síntese mística” (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, apud ROSENBERG, 2002, p. 55)

Essa mística é um ato de fé. Também Hitler entendeu que esse ato de fé – *Glaubenserkenntnis* – é de fato um ato, não uma abstração (IBIDEM, p. 54-55). Portanto, o mito só passa a existir quando realizado⁸. A concretude desse sonho vivido ocorria numa espécie de liturgia mítica e estética inaugurada pela NSDA. Mas para que esse esquema tivesse sentido, foram precisos duas determinações suplementares.

Em primeiro lugar, a terra ou a unidade territorial e, em segundo lugar, a raça e o sangue alemão. Essa preocupação foi comum tanto a Hitler quanto a Rosenberg (*Blut und Boden*) (IBIDEM, p. 55). Para justificar a importância da terra e do sangue, Hitler partiu de alguns fatos bem concretos. Quanto à unidade territorial, foi preciso frisar a importância da terra como o lugar dos arianos. Como já se viu anteriormente,

⁸ Foi esta crença mística no tipo ideal de raça que motivou Hitler e seus colaboradores na realização do projeto nazista que coloca os arianos acima dos outros povos, como superiores. Também defenderam a tese segundo a qual a miscigenação do povo ariano com raças inferiores acarretaria sua degeneração. A ideia da degeneração foi primeiramente pensada por Georges-Louis Leclerc de Buffon (1707-1788), na teoria do *Environmentalism*. Nessa teoria, Buffon afirma que os seres vivos adaptam-se para sobreviver, num contínuo processo de evolução. Enquanto monogenista Buffon acreditava que todos os seres humanos originaram-se em Adão e Eva. Entretanto, suas ideias não alcançaram grande impacto por causa das hostilidades recebidas por parte da Igreja. Não tanto pela “teoria das degenerações”, mas porque não conseguiu comprovar como os homens de um mesmo tronco familiar, evoluíram em raças diferentes. Buffon afirmava que o clima, a geografia, a alimentação e outros aspectos foram os fatores que proporcionaram a distinção entre as raças. Fatores que tornaram algumas raças mais evoluídas e outras mais degeneradas. As críticas começaram porque uma coisa foi alegar que os acidentes (aquilo que se vê) de uma raça mudaram ao longo do tempo e dos lugares. Outra coisa foi afirmar que a natureza (essência) humana também sofreu mudanças. Daí surgiu o problema de não conseguir comprovar que como Adão continha em si, as várias essências humanas – ou seja, a índole, a natureza ou o caráter imutável de um grupo étnico – que geraram as várias raças. Talvez o problema tivesse sido resolvido se Buffon afirmasse que as raças humanas, embora dessemelhantes, possuísem a mesma essência vinda de Adão, e que a evolução ou degeneração modificaram apenas seus acidentes (Cf.: Poliakov, 1974, p. 141-144). As considerações sobre a teoria da degeneração racial de Buffon influenciaram os darwinistas alemães do século XX e, estes, influenciaram diretamente a ideologia racista do Partido Social Alemão. Hitler entendeu que as raças possuem características específicas e que a miscigenação, causa degeneração e mudança em suas estruturas primordiais. Deste modo, a raça ariana não deveria se miscigenar com uma raça inferior para não se degenerar.

os antecedentes linguísticos e outros aspectos do mito ariano estão também presentes na Grécia, no mundo latino e asiático. Por isso diferenciar a raça germânica quanto à língua traria um sério problema, pois a língua é um elemento do universal. O alemão não é só falado na Alemanha e pelos alemães. Portanto, mais do que falar alemão, o ariano é aquele que ama sua terra e se sacrifica por ela.

No mito nazista, o sangue se tornou a essência da raça ariana. Ele define e distingue a superioridade deste povo. É a seleção natural de um tipo. É a vontade da natureza e o desejo das divindades (HITLER, 1983, p. 186). A raça ariana é, portanto, o modelo sonhado da potência superior.

E como modelo sonhado por Deus e projetado na Alemanha, a raça deveria se conservar pura, sem se miscigenar com raças inferiores para não se autodestruir. Essa crença, Hitler mencionou em sua obra, ao dar o exemplo do mundo animal. Os animais acasalam-se apenas com seus iguais, fortalecendo suas espécies. Dizia Hitler, ainda, que quando as espécies cruzavam com dessemelhantes, produziam um tipo de ser “degenerado”. Por isso, na natureza as espécies procriam-se com seus iguais, e que só em situações extraordinárias essas regras são alteradas. A

[...] Natureza começa a defender-se por todos os meios, e seu protesto mais evidente consiste, ou em privar futuramente os bastardos da capacidade de procriação ou em limitar a fecundidade dos descendentes futuros. Na maior parte dos casos, ela priva-os da faculdade de resistência contra moléstias ou ataques hostis (HITLER, 1983, p. 186).

A partir do exemplo dos animais, afirmou que o cruzamento entre raças superiores e inferiores desencadeava a destruição física e cultural dos mais fortes e desenvolvidos.

Em poucas palavras, o resultado do cruzamento de raças é, portanto, sempre o seguinte: A) Rebaixamento do n. 1 da raça mais forte; B) Regresso físico e intelectual e, com isso, o começo de uma enfermidade, que progride devagar, mas seguramente. Provocar semelhante coisa não passa então de um atentado à vontade do Criador, o castigo também corresponde ao pecado. Procurando rebelar-se contra a lógica férrea da Natureza, o homem entra em conflito com os princípios fundamentais, aos quais ele mesmo deve exclusivamente a sua existência no seio da humanidade – Desse modo, esse procedimento de encontro às leis da Natureza só pode conduzir à sua própria perda. É oportuno repetir a afirmação do pacifista moderno, tão tola quanto genuinamente judaica, na sua petulância: “O homem vence a própria Natureza!” (IBIDEM, p. 186-187).

Para Hitler os judeus são o exemplo mais eloquente de bastardos. Torna-se evidente, deste modo, que o extermínio dos mais de 4 milhões de judeus, além dos ciganos, negros, homossexuais e demais “inferiores”, foi uma forma de “colaborar” com a natureza na eliminação das espécies “bastardas” ou subtipos humanos, e livrar a Alemanha e o mundo de uma possível e total “degeneração”.

Hitler entendia que a dominação dos mais fortes sobre os mais fracos é natural e

[...] não está em franco desacordo com a vontade da Natureza, que, de um modo geral, visa o aperfeiçoamento da vida na procriação [...]. O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria (IBIDEM, p. 185).

O nazismo com essas teorias, transformou o povo judeu no “anti-tipo” ou na contradição do povo alemão. Hitler afirmava que o judeu é apátrida, um tipo do universal e do abstrato. Raça que não possui religião e cultura próprias, pois o monoteísmo é anterior a sua constituição de povo. O judeu para Hitler não possuía as características que ele tanto exaltava no povo ariano, a *Seelengestalt* (forma ou figura na alma), e a *Rassengestalt* (forma ou figura na raça) (LACQUE-LABARTHE; NANCY, 2002, p. 53).

Foi assim que se estabeleceram os mecanismos primordiais e determinantes para a aceitação e crença do povo alemão à ideologia racalista de Hitler. Rosenberg possibilitou o despertar do mito, enfraquecendo valores cristãos e humanísticos tradicionais, oriundos do Romantismo Alemão. Entendia serem aspectos “judaizados” (IBIDEM, p. 53).

Em suas reflexões, fazia explícita referência aos arianos como herdeiros do mito solar. Para os povos do norte da Europa, o sol sempre foi um evento fascinante. O sol vem de encontro às divindades e mitos da Noite, comuns nas lendas e mitos nórdicos e, mais tarde, muito desenvolvidos na literatura gótica⁹. O uso dos símbolos solares, como a suástica, foi e é uma das marcas mais importantes para representar o nazismo (IBIDEM, p. 57). A simbologia solar foi fundamental para as reflexões de Rosenberg. O sol simboliza a luz que faz surgirem as formas, o colorido e a verdade da *Gestalt* de todas as coisas. É o mito da força, do calor, da intensidade. “*Sie ist mystisches Erlebnis und doch klar wie weisser*

⁹Os mitos de Frankenstein e do Lobisomem são exemplos da Literatura Gótica. São personagens ou criaturas ligadas às trevas. Esse tipo de literatura sempre esteve presente nos povos europeus.

Sonnoenlicht” (A experiência mítica é clara como a luz branca do sol), dizia Rosenberg (ROSENBERG, 1930, p. 146, tradução nossa).

Concomitantemente aos valores da terra e da raça, contribuíram no processo de identificação do povo ao mito, alguns outros aspectos não menos fundamentais. Neles, entende-se não só a adesão, mas a militância junto à NSDA. Diga-se de passagem, que esses elementos foram gestados a partir dos meios de comunicação disponíveis na época.

A ideia primária para convencer as massas foi um intenso investimento na propaganda nazista. Desde a chegada de Hitler ao poder, a partir de 1933, os meios de comunicação estiveram totalmente voltados para a doutrinação popular, realizando a manutenção e a perpetuação do poder. Na medida em que se firmava no governo, a propaganda servia para exaltar a alma germânica e condenar os judeus. Para isso todos os métodos utilizados se tornaram lícitos. Multiplicavam-se os discursos, os programas radiofônicos e até filmes e peças teatrais no país¹⁰. O governo controlava todos os meios de comunicação social, com forte censura aos conteúdos expostos.

A propaganda foi tão importante para a manutenção do poder, que durante a era do Terceiro *Reich* o ministério mais importante não foi o da guerra, mas, o Ministério da Propaganda. O personagem que muito se destacou em toda a arquitetura propagandista do nazismo, foi o filólogo e escritor Joseph Goebbels (1897 – 1945). Goebbels foi o principal ministro da propaganda de Hitler e teve a missão de convencer a população a aderir aos ideais do *Führer*.

Inicialmente, pode-se dizer que a propaganda de governo teve como primeiros interessados, os próprios membros do Estado e das Forças Armadas. Os longos discursos de Hitler para seus generais foi uma maneira de conquistá-los, tornando-os mais íntimos e seguros da doutrina *nazi*.

Em *As origens do totalitarismo* (1989), Hannah Arendt comenta que a propaganda foi um dos principais instrumentos para a manutenção do terror que caracterizou o regime nazista. E que mesmo antes da guerra já estava em curso

¹⁰Um dos eventos marcantes da campanha de Hitler foi o lançamento de um filme sobre o Congresso nacional do Partido Nazista, na primavera de 1934. O trabalho foi financiado pelo próprio partido e teve como diretora Leni Riefenstahl. Sobre isso, comenta Peter Longerich: “A obra intitulada *Triunfo da Vontade*, que viria a ser o filme propagandístico mais conhecido do regime nazista, distinguia-se dos documentários convencionais pela direção de fotografia extraordinariamente movimentada, pelas tomadas inusitadas, espetaculares até, e pelas sequências de cortes mais habituais no cinema de ficção” (LONGERICH, 2004, p. 265).

para manobrar e doutrinar as massas populares. Arendt afirma que os nazistas foram muito discretos num primeiro momento, tanto para expressar suas ideias quanto para desarticular os opositores do regime.

Ao contrário do comunismo, inicialmente os nazistas não mataram grandes personalidades. Em vez disso, divulgavam a execução de funcionários opositores e pessoas influentes de partidos contrários, procurando mostrar à população “[...] o perigo que podia acarretar o simples fato de pertencer a um partido” (ARENDR, 1989, p. 393). Esse tipo de terror, disfarçado de propaganda, foi “[...] valioso no sentido daquilo que um autor nazista chamou adequadamente de ‘propaganda de força’ [...]” (IBIDEM, p. 393).

Para Arendt, no centro da propaganda totalitária do nazismo está a mentira. Trata-se de uma espécie de “guerra psicológica”, cujo conteúdo baseou-se na conspiração judaica. O ódio aos judeus, conteúdo central da propaganda da NSDA, ocorreu por causa da grande concentração de poder e independência financeira e intelectual desse povo, no contexto do pós I Guerra Mundial¹¹. Sobre isso afirma Arendt:

Os nazistas deram à questão judaica a posição central na sua propaganda, no sentido de que o anti-semitismo já não era uma questão de opinião acerca de um povo diferente da maioria, nem uma questão de política nacional, mas sim a preocupação íntima de todo indivíduo na sua existência pessoal; ninguém podia pertencer ao partido se a sua “árvore genealógica” não estivesse em ordem, e quanto mais alto o posto na hierarquia nazista, mais longe no passado se vasculhava essa árvore genealógica (Arendt, 1989, p. 405-406).

E ainda:

A propaganda nazista foi suficientemente engenhosa para transformar o anti-semitismo em princípio de autodefinição, libertando-o assim da inconstância de uma mera opinião. Usou a

¹¹A esse respeito, destaca-se a entrevista de George Kateb, em 20/05/1992, em *Documenti correlati*. Explica o autor sobre a perseguição aos judeus, nestes termos: “Il problema fondamentale di Hannah Arendt era capire perché gli ebrei fossero detestati in Europa. Il fatto che lei stessa fosse ebrea rendeva tale interrogativo particolarmente acuto e pressante. Secondo la sua analisi, appunto, molti ebrei, avendo precluso altre opportunità, poterono solo accumulare denaro. Queste ricchezze, una volta messe al servizio di determinate élite politiche, generarono nella massa e nella pubblica opinione sentimenti di ostilità nei confronti degli ebrei, che erano in grado (o erano ritenuti tali) di influenzare la politica della società in quanto detentori di ricchezza e anche di poteri segreti [...]”. (O problema fundamental de Hannah Arendt foi entender por que os judeus eram odiados na Europa. O fato de que ela era judia fez esta pergunta particularmente aguda e urgente. Segundo sua análise, de fato, muitos judeus, privados de outras oportunidades, eles só poderiam acumular dinheiro. Essas riquezas, uma vez que foram feitas para o serviço de certas elites políticas, geraram nas massas e na opinião pública, sentimentos de hostilidade contra os judeus que foram capazes (ou eram considerados tais) de influenciar a política social enquanto detentores de riquezas e também de poderes secretos [...]) (KATEB, 1992, tradução nossa).

persuasão da demagogia de massa apenas como fase preparatória, e nunca superestimou sua duradoura influência, fosse em discursos ou por escrito. Isso deu às massas (...) um meio de se identificarem, não somente restaurando a dignidade que antes lhe advinha da sua função na sociedade, como também criando uma espécie de falsa estabilidade que fazia deles melhores candidatos à participação ativa (IBIDEM, p. 406).

Joseph Goebbels foi bastante engenhoso na promoção de eventos que reuniam e doutrinavam as massas populares, fazendo-as entender os rumos que a NSDA queria dar à Alemanha. Ao comentar sobre as estratégias desse propagandista, Peter Longerich na obra *Joseph Goebbels. Uma biografia* (2014), considerado um dos maiores biógrafos de Goebbels, descreve que já no segundo ano do governo de Hitler, sua imagem e suas ideias adquiriram força e adesão em todo o país, ajustando a imagem do Terceiro *Reich* às metas nacionalistas sonhadas pelo povo.

Os elaborados eventos de massa, as comemorações e ações de propaganda constantemente organizados pelo regime eram concebidos para documentar a alegada adesão entusiástica da grande maioria da população à política de governo [...]. Em especial, lograram dominar amplamente o espaço público com seus rituais e símbolos. Tome-se o exemplo dos onipresentes cartazes e faixas, dos mostradores em que se afixavam os “adágios semanais” do partido e exemplares do *Stürmer*, da redecoração de ruas inteiras por ocasião dos grandes comícios, da troca de nomes das ruas e logradouros, da introdução de estereótipos por nazistas na linguagem do dia a dia, que Viktor Klemperer descreveu com tanta ênfase, do “alinhamento” de grandes massas em colunas em marcha e blocos fechados nas concentrações e desfiles, mas também da transformação completa dos espaços públicos por meio de uma arquitetura do poder com a qual se pretendia criar o marco permanente para formação das massas (LONGERICH, 2014, p. 267).

Inicialmente, Goebbels usou dos mesmos recursos que os comunistas alemães se utilizaram para suas propagandas. Conforme Sérgio P. Couto, Goebbels começou sua carreira junto ao Partido Nazista em 1922. A seguir, se tornou um dos editores do jornal *Die Nationalsozialistischen Briefe*, onde consagrou sua carreira até ser chamado por Hitler a ocupar o importante cargo de ministro da Propaganda. Nas suas redações, atacava os judeus sem piedade, culpando-os pelos problemas socioeconômicos da Alemanha. Após esse tempo dirigiu o jornal *Der Angriff* (O Ataque), um jornal propagandista nazista, cujo conteúdo central era a propaganda antissemita.

Algumas de suas frases ficaram famosas ao longo da história. E até hoje são muito citadas. Goebbels dizia, por exemplo: “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade” (COUTO, 2008, p. 73). Sobre Hitler também afirmou: “Este homem é perigoso, ele acredita no que diz” (IBIDEM, p. 73).

Conforme crescia no movimento nazista, Goebbels empreendia grandes campanhas publicitárias para impressionar a população. No poder do *Ministério da Conscientização Pública e Propaganda*, exigiu que todos os meios de comunicação estivessem submetidos a uma das câmaras do seu Ministério. Dividiu as categorias dos meios de comunicação em imprensa, artes, música, cinema, literatura e rádio.

Conforme Couto (2008), havia também uma preocupação em manter o diálogo com os alemães de outros países, inclusive o Brasil, a fim de convencê-los a aderir ao Partido Nazista.

Alguns dos objetivos da propaganda nazista incluíam lembretes aos alemães de que o Partido Nazista fazia um esforço constante contra intervenções externas e internas de judeus. Além de também lembrar aos germânicos, presentes em países como Tchecoslováquia, Polônia, União Soviética e Países Baixos, de que os alemães preservavam seus laços consanguíneos e que os nazistas não tinham nada contra os inimigos potenciais como a França e a Grã-Bretanha, potências estas que tentavam fazer a guerra contra a Alemanha (IBIDEM, p. 74).

No trabalho acadêmico de Vulmeron Neto, intitulado *A propaganda Nazista. Seus Instrumentos e Estratégias* (2003), o autor expõe esclarecimentos sobre as técnicas e os instrumentos utilizados pelos nazistas na arte do convencimento e adesão das massas populares às suas ideias. Abaixo, elencam-se os instrumentos de comunicação mais importantes da propaganda nazista, citados pelo autor.

Na imprensa alemã, duas corporações da mídia impressa se destacaram desde o início do século XX. Uma delas foi a Muezenberg, mais próxima das ideias comunistas e a Hugenberg, que praticamente monopolizava a imprensa na Alemanha. Em 1929, a poderosa corporação Hugenberg aliou-se a Hitler e a seu partido. Deste modo, as ideias nazistas foram amplamente difundidas em virtude do poder que essa empresa detinha no país. Inicialmente, a divulgação ocorria de modo arcaico, no encontro pessoal com algumas pessoas. Após um tempo nesse método, passou-se à distribuição de panfletos e de reportagens escritas.

Além da imprensa escrita, o *sistema de rádio* significou um avanço para a propaganda nazista. A partir da década de 1920 houve na Alemanha um grande apreço pelo rádio, principalmente após investimentos americanos nessa área. Também pelo fato de que os trabalhadores alemães passaram a produzir seus próprios aparelhos, tornando-os mais baratos e populares. As notícias, as propagandas e as mensagens doutrinárias chegavam com rapidez em quase todos os lares e nos horários mais apropriados.

Conforme Vulmeron Neto (2003), no início da década de 1930 quando o nazismo estava ainda se consolidando, houve uma disputa pelo espaço das rádios entre nazistas e comunistas. Estes, mais intelectuais, tentavam conquistar adeptos evidenciando os problemas sociais e políticos oriundos das superestruturas governamentais. Ao passo que os nazistas conseguiram, com maior habilidade e com uma linguagem popular, incutir a ideia de que os problemas enfrentados foram gerados, sobremaneira, pela má fé econômica do povo judeu (VULMERON, 2003, p. 36). A mensagem nazista ficou mais clara e direta quando passou a utilizar o povo judeu como causa de todos os males sociais e econômicos. Bem diferente das teorizações de difícil compreensão popular, elaboradas pela ideologia comunista.

Além do rádio, o *cinema* foi outro importante instrumento de convencimento do povo. Vulmeron Neto, citando Lenharo (1986), diz que nos 12 anos do nazismo foram produzidos pelo menos 1350 longas-metragens. Destes, 96 a mando do próprio Ministério da Propaganda. Segundo o autor, os “[...] estilos eram muito variados – comédias românticas e musicais – operetas, filmes de costumes, de guerra e de exaltação dos valores do regime tais como xenofobia e racismo” (IBIDEM, p. 38). O autor destaca ainda, que

[...] esses filmes superdoutrinários [projetavam] sobre os inimigos externos, práticas obscuras que estavam sendo alimentadas na própria Alemanha: Campos de concentração, perseguições, tortura, genocídio de civis (LENHARO, 1986 apud VULMERON, 2003, p. 38).

O cinema foi determinante para a formação da juventude. No filme “O jovem hitlerista”, de 1934, os nazistas trouxeram questões bem reais, tais como os problemas existenciais e econômicos vividos pelos jovens, adotando uma perspectiva ativa, de esperança na transformação da nação a partir do trabalho e da filiação do jovem à NSDA. O filme destaca o jovem que trabalha e se sacrifica, mas

que encontra motivação e grandes ideais amando e se dedicando ao país e ao governo.

O filme se abstém de uma visão derrotista e adota um viés de superação das crises pelo trabalho. Vulmeron citando Marcondes (1982), diz que o contexto daquela época colaborava para que o jovem atendessem melhor o recado pelas imagens e pela cinestesia das propagandas, do que propriamente pela realidade nua e crua (VULMERON, 2003, p. 40). Por isso, a arte cinematográfica foi muito importante para conquistar a juventude.

Como já se falou, Leni Riefenstahl (falecida em 2003) foi considerada a principal cineasta do nazismo. Dirigiu vários filmes importantes, seguindo fielmente os preceitos doutrinários do movimento. Dentre os filmes por ela dirigidos, mencionam-se *Das Blaue Licht* (1932); *Siegdes Glaubens* (1933); *Tag der Freiheit* (1935); *Triumph of the Will* (1934-35); *Unsere Wehrmacht* (1935) e também *Olympia: the festival of beauty. The festival of the people* (1936-38).

Na campanha a favor da raça ariana, os filmes induziam os alemães a crer que os outros povos eram desprezíveis. Os comunistas russos, por exemplo, eram retratados pelos nazistas como pessoas asquerosas, alcoólatras e aliciadores de mulheres. Os ingleses, como traiçoeiros e mentirosos. Os soldados franceses e americanos eram tidos como desorganizados. Os judeus, mais que outros povos, foram acusados de povo inferior, sem nação e capazes de trair os países em que residiam se houvesse interesse financeiro.

Na questão da utilização do teatro, da poesia e da literatura, talvez pela pouca cultura dos membros dos altos escalões do regime de Hitler, esses elementos não foram muito valorizados. Entretanto, todas as manifestações artísticas que acenavam contra o regime foram destruídas e, seus autores, punidos, exilados ou mortos. Freud e Adorno foram duas personalidades que sofreram o exílio por causa de ideais contrárias ao nazismo.

Nas artes plásticas houve alguns incentivos. Mesmo que o nazismo não produzisse muitas expressões artísticas variadas, Hitler mostrou-se interessado por este tipo de arte. Em sua obra *Mein Kampf*, Hitler afirmou que aos treze anos de

idade já sentia uma forte tendência para seguir a carreira de artista e pintor. Porém, encontrou forte resistência de seu pai. Dizia Hitler:

Meu talento para o desenho, inquestionavelmente, continuava a afirmar-se, e foi até uma das razões por que meu pai mandou à escola profissional sem, contudo nunca lhe ter ocorrido dirigir a minha educação nesse sentido. Muito ao contrário. Quando eu, pela primeira vez, depois de renovada oposição ao pensamento favorito de meu pai, fui interrogado sobre que profissão desejava então escolher e quase de repente deixei escapar a firme resolução que havia adotado de ser pintor, ele quase perdeu a palavra. “Pintor! Artista! exclamou ele. Julgou que tinha perdido o juízo ou talvez que eu não tivesse ouvido ou entendido bem a sua pergunta (HITLER, 1983, p. 18).

As belas artes na Alemanha, muito apreciadas por Hitler, foram apoiadas e multiplicadas. Vulmeron ao citar Adriana Kurtz (2003), afirma que só no auge da guerra Hitler deixou de participar das “[...] inaugurações de seus eventos artísticos. A valorização das Belas Artes na nova Alemanha [foi sempre um] reforço ao programa nazista” (KURTZ, 1983 apud VULMERON, 2003, p. 42).

A música também foi importante instrumento no convencimento das massas. Hinos foram compostos para a SS, Gestapo e Juventude Nazista. Eram entoados com solenidade e atitude de profunda veneração. Muitos hinos foram utilizados em cerimônias da NSDA, nas passeatas e nos grandes desfiles militares, fazendo com que o povo se envolvesse emocionalmente nesse aparato litúrgico de gestos, palavras de ordem e simbolismos. Houve um cuidado no controle das composições musicais germânicas. Vulmeron comenta que o Salmo 106, por exemplo, que foi musicado por Hendel, teve a palavra Israel substituída por ‘Povo Alemão em um poderoso *Reich*’ (VULMERON, 2003, p. 44).

Os cartazes também foram muito utilizados pelos nazistas, sobretudo entre os menos letrados. As imagens tinham cores fortes, com muito uso da cor vermelha e destaque à bandeira do Partido Nazista e a suástica (IBIDEM, p. 44).

Os inúmeros eventos realizados para promover o partido e a doutrina, foram vitais para levar aos recantos mais longínquos da nação, a proposta da NSDA. Foi marcante a linguagem agressiva e enérgica nos comícios públicos e nos discursos das lideranças do regime. Os desfiles fascinavam e, ao mesmo tempo, intimidavam adversários e simpatizantes do partido. Pode-se dizer que era a experiência da

thámbos grega, “[...] um misto de medo e admiração, gerando certo conforto pela sensação de pertencer a um coletivo protetor [e] de promoção social na nação alemã” (IBIDEM, p. 45).

Para Marcondes (1982), também citado no escrito de Vulmeron, a arquitetonica propagandista nazista encontrou um ambiente favorável para desenvolver suas estratégias, pois a Alemanha situava-se num contexto cultural de descoberta da informação, “[...] onde as imagens [...] artefatos visuais em jornais, revistas, Cartazes coloridos e o início da popularização do cinema [tiveram grande êxito e aceitação]” (MARCONDES, 1982 apud VULMERON, 2003, p. 46).

O regime totalitário, cada vez mais firme com seus ideias e mais decidido em propagar o ódio aos judeus e outras raças julgadas inferiores, assumiu totalmente o controle dos meios de comunicação do país, determinando o que deveria ou não ser dito e ouvido pelo povo. As pesquisas de Szniter (1996), mais um autor citado por Vulmeron Neto em seu trabalho, elencam outros métodos teóricos inseridos na propaganda que tornou a NSDA um mito, acolhido e aclamado pelo povo, impreterivelmente.

Um primeiro dado explorado pelos nazistas foi a própria *predisposição do público*. O povo queria mudanças e mudanças rápidas. A linguagem firme e convicta, aliada às promessas de estilo profético, Hitler e seus colaboradores fascinavam o povo e o envolvia de grande esperança no desenvolvimento da Alemanha. Tudo veio a calhar com a índole altamente nacionalista dos alemães, que diviniza, por assim dizer, seu sangue, sua raça e seus costumes.

O segundo aspecto é a *credibilidade das fontes*. As pessoas buscam nas autoridades, o conhecimento, a direção e a força que lhes falta no cotidiano da vida. Quando uma fonte é aceita, as conseqüências desta fonte são facilmente suportadas. Quanto mais aderiam à fonte ideológica nazista, tanto mais o povo era convencido e envolvido por suas manobras.

Um terceiro aspecto explorado pelos nazistas foi a conquista de *líderes de opinião* importantes para o povo. Nesse caso, Hitler e seus colaboradores, paulatinamente adquiriam mais força e confiança popular na medida em que ajuntavam ao redor de si, pessoas influentes e lideranças do meio popular.

O quarto aspecto foi o *contato face a face* com a população. Hitler presidiu inúmeros eventos, nos quais pôde estar bem próximo de seus colaboradores e do

povo em geral. Nos longos e eufóricos discursos públicos, falava com convicção, utilizando-se de muitos gestos e palavras emotivas. Por vezes focando uma única ideia, repetida e bem articulada.

O quinto aspecto são as *normas ditadas pelo grupo* a que se pertence. Um indivíduo tende a obedecer às normas de seu grupo, mesmo em prejuízo seu. Por isso, muitas vezes assume opiniões e ideias contrárias às suas, para estar bem com a maioria. O sexto aspecto foi a *punição e a recompensa*. Os agentes propagandistas induziam os indivíduos a obedecer às normas e os coagiam caso não obedecessem. Para isso, os nazistas empreenderam punições e até execuções públicas para seus adversários. Por outro lado, premiações e títulos de honra foram concedidos aos simpatizantes que se destacavam nas atividades partidárias.

Um sétimo aspecto muito importante foi a utilização dos *símbolos do poder*. Os discursos de Hitler e seus colaboradores reuniam multidões. Os desfiles militares, as procissões do partido e outras demonstrações públicas eram projetadas numa atmosfera quase religiosa. Os discursos eram próximos à bandeira da NSDA, aos cartazes com a imagem do *Führer* e à suástica. Tudo isso fazia parte da metodologia da repetição de ideias-força. Os símbolos da luta nazista, reverenciados e difundidos em todo o país, despertavam a crença e proporcionavam a sensação de potência popular.

Um dos ícones muito utilizados foi a águia, impressa na bandeira do partido. Ela expressa autoridade e vitória, atributos exaltados pela ideologia nazista. Conforme Jean Chevalier, em *Diccionario de los símbolos (1986)*, para muitas culturas da Antiguidade, ela significava superioridade e poder. A águia, “capaz de elevar-se por encima de las nubes y de mirar fijamente al sol, se considera universalmente como símbolo celeste y solar a la vez [...]” (capaz de elevar-se acima das nuvens e olhar fixamente o sol, é considerada universalmente como símbolo celeste e solar ao mesmo tempo) (CHEVALIER, 1986, p. 60, tradução nossa).

A suástica ou cruz gamada foi igualmente utilizada na bandeira nazista e nos materiais de propaganda do partido. Conforme Chevalier, a suástica é “[...] uno de los símbolos más extendidos y más antiguos que existen [...]” (um dos símbolos mais populares e mais antigos que existem) (CHEVALIER, 1986, p. 967 tradução nossa). É identificada com o sol. Nesse sentido, a NSDA se colocou como a luz para a

resolução dos obscuros problemas sociais, econômicos e étnicos da Alemanha, especialmente após a I guerra Mundial.

A saudação *Heil Hitler* – “Viva Hitler” ou “Salve Hitler” – foi um dos grandes gestos acompanhados por palavras de força do nazismo. Trata-se de uma adaptação de *Sieg Heil*, que quer dizer “Salve a Vitória”, uma saudação bastante comum na Alemanha da época. *Heil Hitler* tornou-se uma aclamação habitual do povo, na presença do *Führer* ou nas grandes concentrações populares promovidas pelo partido nazista. Ian Kershaw (2010) comenta, no início da biografia de Hitler, que o fato de seu pai ter trocado o sobrenome *Schicklgruber* por Hitler, foi uma dos muitos motivos de orgulho para o *Führer*. Isto porque a saudação *Heil Schicklgruber* “[...] teria sido uma saudação improvável a um herói nacional” (KERSHAW, 2010, p. 35).

Todas essas técnicas persuasivas que conquistaram adesão e militância por parte do povo, sempre foram acompanhadas de uma linguagem popular e de ideias bem articuladas, como se fossem dogmas seguidos ou precedidos de imagens. Essa linguagem contou com o apoio de lideranças do meio popular. Nos discursos e nas outras atividades sociais do Partido Nazista, pais, professores, esportistas, empreendedores, heróis e deuses mitológicos serviram como justificção.

Na metodologia empregada por Goebbels as insinuações foram uma das grandes ferramentas do regime. Era uma das manobras para que o povo tirasse suas próprias conclusões e tivesse a sensação de que pensavam por si mesmos. Mas na verdade estava sendo manipulado.

Pode-se afirmar, a partir das considerações de Domenach, que a

[...] propaganda hitlerista [mergulhou] suas raízes nas mais obscuras zonas do inconsciente coletivo, ao gabar a pureza do sangue, ao glorificar os instintos elementares de violência e destruição, ao renovar por meio da cruz gamada remotíssima mitologia solar. Ademais, [utilizou] termos diversos e até contraditórios com a única preocupação de orientar as multidões ante as perspectivas do momento (DOMENACH, 2001/2005).

A maioria da população alemã passou a militar junto à NSDA e aderir as suas ideias, pelas intensas e bem trabalhadas técnicas de comunicação para as massas. Longerich (2014) explica como a adesão popular passou a ser uma realidade naquele contexto:

A julgar pelo seu comportamento cotidiano, a grande maioria da população se acostumou – como dela se esperava – a encarar

positivamente o regime: provas disso eram por exemplo a adoção da oficialmente desejada saudação hitlerista, o fato de uma parte considerável da população passar a usar uniforme ou pelo menos mostrar simpatia pelo governo mediante emblemas exteriores, a decoração da própria moradia com bandeiras, a participação nos eventos de rua, a audição coletiva de transmissões radiofônicas em praças pública, mas, à parte outras coisas, também a paulatina marginalização dos judeus, agora rotulados de inimigos do Estado, do contato diário (LONGERICH, 2014, p. 267).

Também foi um importante instrumento de persuasão, a *deificação* da figura de Hitler. Isso foi de suma importância para a NSDA. A saudação *Heil Hitler*, passou a ser exigida não só dos membros do partido, mas de toda a população. Era uma das marcas mais emblemáticas da contemplar da figura do *Führer* e sua ideologia. Utilizando-se de meios espúrios, Hitler tornou-se um mito, uma espécie de “salvador”, filho de Odin e da Nação, e que deveria projetá-la como a grande e eterna nação ariana.

Um dos fatos que demonstram a deificação de Hitler foi a “Noite das Facas Longas”. Noite em que membros da SA¹² foram executados pelos militares da SS¹³. Goebbels, com suas técnicas avançadas de comunicação, conseguiu elevar esse acontecimento a uma categoria de heroísmo da NSDA. Apesar dos muitos limites pessoais e intelectuais e das más lembranças da infância¹⁴, Hitler superou-se pela sua boa oratória. Realizava discursos cheios de palavras emotivas, proféticas e com ideias bem claras. Utilizava-se de gestos firmes e de palavras messiânicas.

Outro instrumento de persuasão do povo alemão foi a *criação de um inimigo nacional*, no caso, o povo judeu. Isso provocou o efeito que faltava para completar a arquitetura nazista, pois não bastava elencar problemas, era preciso apontar as suas causas. Deste modo, a culpa pela crise econômica e pela humilhação após a I Guerra, recaiu diretamente sobre o povo judeu. A ponto de sempre nos discursos, Hitler proferir: *Die Juden sind unser Unglück!* (Os judeus são a nossa desgraça!).

Todos esses fatores, agindo conjuntamente, foram os elementos mais importantes para a adesão e a crença incondicional do povo alemão – considerado o mais culto da Europa – ao mito NSDA.

¹² *Sturmabteilung* ou Divisão de Assaltos.

¹³ *Schutzstaffel* ou Tropa de Proteção.

¹⁴ No final do primeiro capítulo de sua obra, Hitler, ao falar de sua infância, comenta a morte repentina de seu pai. A preocupação dele por sua educação e a resistência de Hitler em ser um burocrata, como sua família desejava. A seguir, no capítulo II, Hitler narra sua trajetória de aprendizados e sofrimentos em Viena (cf.: HITLER, 1983, p.23-52).

4 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL: DOS PRIMÓRDIOS À REALIDADE ATUAL

A Alemanha foi um dos últimos países da Europa a unificar-se como Estado de Direito. Em sua primeira fase, o Sacro Império Romano Germânico ou Primeiro *Reich* (962-1806), caracterizou-se pelos ideais religiosos, inspirados na grandeza e no esplendor do Império Romano¹⁵. Uma segunda fase vivida pelos alemães, chamada Segundo *Reich* (1871-1918), foi marcada pelo desejo de unificação nacional e o fortalecimento cultural¹⁶.

Após a Revolução Francesa, os feudos que formavam o Sacro Império Romano-Germânico (962-1806) foram reduzidos a 35 Estados e quatro Cidades Livres, na chamada Confederação Germânica, de 1815. Foram medidas tomadas em prol da unificação nacional. Por nação entende-se uma comunidade de pessoas reunidas em torno de aspectos históricos e antropológicos comuns, como a cultura, religião, idioma, hábitos, costumes e tradições, além da consciência de pertença ao mesmo povo (BASTOS, 2004, p. 85). Com o fim das guerras napoleônicas percebeu-se um maior fortalecimento da consciência nacional e os vínculos de sangue entre os povos alemães.

¹⁵ O termo *Reich* em alemão significa Reino ou Império. O primeiro *Reich*, que durou até o ano de 1806 foi a mais duradouro da Nação Germânica. Conforme Couto (2008), *Reich* diz respeito à expressão alemã *Heiliges Römisches Reich Deutscher Nation*. Sua correspondente latina é *Sacrum Romanorum Imperium Nationis Germanic*. Diz o autor que o território deste grande império estendia-se desde a chamada “[...] Francia Oriental, que abrangia os atuais países da Alemanha, Bélgica, Países Baixos e Áustria. Obteve expansão em 870 (com a anexação do reino da Lotaríngia, estreita faixa de terra ao longo dos rios Reno e Ródano), em 1014 (com a anexação de alguns reinos da Itália atual), e em 1033, com o reino da Borgonha. Em seu apogeu, ele tinha um vasto território que incluía Alemanha, Áustria, Suíça, Liechtenstein, Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo, República Checa, Eslovênia, a região leste da França, o norte da Itália e o oeste da Polônia. Como podemos perceber, era mesmo uma grande faixa de terra” (COUTO, 2008, p. 59). Trata-se de um reino que fora governado por muitos príncipes, reis, clérigos, prelados e cavaleiros nobres. Esse tipo de administração não permitia que o império fosse uno e forte, como muitas nações ao redor. Por isso, alerta o autor, “Foi o Reich que mais durou, mas o que menos importância como país unificado teve” (IBIDEM, p. 60).

¹⁶ O Segundo *Reich* alemão iniciou em 1871, tempo em que o povo germânico estava vivendo uma grande campanha em prol da unificação nacional. Essa questão tornou-se evidente nos vários conflitos armados provocados pelo ideal de unificação. Ainda em 1848, os Estados alemães uniram-se para elaborar uma constituição para a Alemanha unificada. Conforme Couto (2008) nesse tempo surge a figura central para a criação desse Segundo *Reich* – Otto Von Bismarck. Este monarca “[...] criou uma política de guerras contra inimigos externos e contra a ocupação das regiões alemãs, o que resultou na expansão do território Prussiano e, depois, germânico. Em oito anos (entre 1864 e 1871), foram travadas três grandes guerras que visavam a unificação dos germânicos: A Guerra dos Ducados (em 1864), a Guerra Austro-Prussiana (em 1866) e a Guerra Franco-Prussiana (em 1870/71)” (IBIDEM, p. 60).

Segundo o texto de André Santos (2004), com o término da revolução francesa, houve uma expressiva rejeição a essa cultura e a muito do que ela representava, tanto na Alemanha como no restante da Europa. Os alemães, ciosos de sua identidade ariana empreenderam várias iniciativas para firmar seu nacionalismo, como por exemplo, o movimento do Romantismo Alemão, o estímulo à economia pelas atividades aduaneiras e uma sólida industrialização.

Um sentimento antifrancês assombrava toda a Europa dominada por Napoleão. Na Alemanha não foi diferente [...]. Esse avanço, que fez os povos germânicos deixarem de pensar como principados isolados criou toda uma corrente nacionalista, entre os intelectuais, de libertação; e logo foi cogitada a criação de uma Alemanha unificada (SANTOS, 2004).

O movimento romântico foi uma reação ao racionalismo iluminista que dominava a Europa naquela ocasião e que teve a França napoleônica como uma das máximas expressões. O Romantismo valorizou a arte, a poesia, a música e outras expressões que não fossem apenas atributos do movimento racionalista, mas que contemplassem as expressões artísticas e sentimentais para o processo civilizatório do país.

Em 1834 as atividades aduaneiras, chamadas *Zollvereins*, desenvolveram e estimularam o crescimento econômico e tecnológico alemão. Tempos depois, em 1866, Otto von Bismark que foi chanceler da Prússia, reorganizou a Confederação Alemã, retirando dela a Áustria, o que gerou um conflito armado entre esta e a Prússia. Com a vitória da Prússia sobre a França, em janeiro de 1871 e com a coroação do Imperador Guilherme I como o Segundo *Reich*, consolidou-se a tão sonhada unificação da Alemanha. O novo Estado estava pronto para continuar disputando mais espaço e notoriedade entre as principais nações europeias (cf.: PERAZZO, 1999, p. 57).

O Romantismo Alemão, a consciência do sangue ariano e outros aspectos sociais contribuíram para o fortalecimento da identidade nacional alemã. (Essas ideias nacionalistas foram essenciais para a elaboração dos princípios doutrinários de Hitler e seu movimento racial *nazista*).

Vencida a etapa da reunificação alemã, outros desafios deveriam ser enfrentados. Um dos sérios problemas foi a distribuição das terras para a agricultura

familiar, frente a uma população cada vez mais numerosa. Nessa época, a maioria do povo alemão dependia das atividades agropecuárias. Uma solução para resolver esse impasse foi o estímulo à imigração de trabalhadores alemães para outras regiões do mundo, inclusive para o Brasil.

A imigração para o Brasil e para outras partes das Américas, sobretudo os EUA, ocorreu fortemente no século XIX e início do século XX. Conforme Marionil de Magalhães (2004), aproximadamente 57 milhões de pessoas de diversos países da Europa migraram para as Américas. As famílias alemãs que chegaram ao Brasil foram distribuídas em muitos estados, mas com maior número nos três estados do Sul (MAGALHÃES, 2004, p. 258). As elites brasileiras desejavam a vinda desses imigrantes a fim ocupar áreas de terras ociosas e aproveitar da mão-de-obra especializada que detinham. A ocupação ajudaria na proteção das fronteiras brasileiras que estavam despovoadas, além de estimular a política de branqueamento populacional do governo, defendida amplamente por políticos como Silvio Romero (cf.: PERAZZO, 1999, p. 51).

Nessa época, na Alemanha havia um forte incentivo aos colonos que partiam para outras nações em busca de trabalho e melhores condições de vida. Esse apoio garantia que no futuro, os imigrantes pudessem retornar ao país de origem. No Brasil, a imigração foi relativamente fácil e rápida, pois o país mantinha, nessa época, boas relações diplomáticas com a Alemanha. Além disso, havia no Brasil, mas especificamente nos três estados do sul, políticas de incentivo à chegada dos trabalhadores estrangeiros.

As elites sul-rio-grandenses tinham interesse em ocupar as áreas ao norte da província, onde predominava as matas fechadas, com poucas saídas para o escoamento dos produtos oriundos da parte sul da província. Nela, localizavam-se as fazendas produtoras de carne, charque, leite e derivados. Esses produtos precisavam ser vendidos para o restante do país. Nesse sentido os imigrantes foram fundamentais para a derrubada das matas e a abertura de novas estradas.

Na Alemanha, as notícias sobre o número expressivo de imigrantes que rumavam para o Brasil, foi muito bem vista pelo governo e por muitas instituições daquele país. Autores como Luvizzoto (2009) mencionam, inclusive, que mais tarde

houve um interesse político por parte da Alemanha pelas regiões colonizadas por seus cidadãos.

O interesse do Estado alemão em constituir uma pátria-filha no Hemisfério Sul era muito grande. A partir de 1889, a perspectiva da derrubada da monarquia no Brasil levantou a hipótese de que o Brasil poderia se dividir em duas ou mais repúblicas e que essa separação ocorreria a partir dos Estados do sul do Brasil. O governo alemão entusiasmou-se com a ideia de que um Estado alemão se organizasse na região do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, ou, pelo menos, que uma nova república formada por esses Estados recebesse forte influência do governo alemão (LUVIZOTTO, 2009, p. 77).

Caroline Luvizotto (2009) citando René Gertz (1987) afirma que o interesse alemão pelos estados do Sul ocorreu depois de sua unificação. Mais tarde, com a ascensão de Hitler ao poder, as relações entre Brasil e Alemanha se intensificaram. Iniciativas foram empreendidas nos estados sulinos por volta do ano de 1934, sob o pretexto de ajudar economicamente a região colonizada por alemães e ajudá-los no próprio desenvolvimento. Nessa ocasião, o governo Vargas mostrou simpatia e apreço pelas ajudas. Alguns fatos intensificaram as relações entre os dois países, como por exemplo, o treinamento dos soldados brasileiros pela polícia alemã.

Entretanto, não demorou muito para essa situação mudar. Os EUA e a Inglaterra estavam bastante preocupados com as relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha e logo articularam formas de afastá-los. Caroline Luvizotto comenta que a

[...] harmonia entre teutos e brasileiros, [...] não durou muito tempo: a partir de 1938, os ingleses e norte-americanos extremamente preocupados com essa relação abalaram a aliança, chamando atenção dos brasileiros para o “perigo alemão”: os alemães pretendiam apoderar-se do território brasileiro partindo do Rio Grande do Sul, pois era a região que havia sofrido maior influência dos povos germânicos. O interesse da Alemanha pelo território do sul do Brasil já era conhecido desde as primeiras décadas da colonização alemã no País, principalmente por causa de sua posição geográfica e influência na América Latina (IBIDEM, p. 77).

Foi marcante na história da imigração alemã ao Brasil, o fato de que a Alemanha sempre prestou pronta ajuda às regiões onde residiam seus imigrantes. Sejam elas caracterizadas pela mão-de-obra agrícola ou prestação de serviços nas cidades. Nesse sentido, os imigrantes alemães, juntamente com outros povos imigrados, como italianos, russos, poloneses e ucranianos, por possuírem o domínio

de muitas técnicas de trabalho, foram essenciais para o desenvolvimento econômico dos três estados do Sul e de outras regiões do Brasil.

Caroline Luvizotto afirma em suas pesquisas, que as ajudas econômicas vindas da Alemanha e a experiência trazida pelos imigrantes, provocaram certos privilégios aos estados do Sul e, com o passar do tempo, culminou numa espécie de descontentamento do governo brasileiro. O idioma alemão literário tornou-se matéria escolar comum em muitas escolas¹⁷. Nas colônias, as crianças aprendiam primeiramente o idioma alemão ou seus dialetos e, depois, na escola, o português. Sempre houve materiais impressos vindos diretamente da Europa, com notícias e atualizações dos acontecimentos mais importantes daquele continente.

Com o desenvolvimento econômico e social acelerado dos estados sulinos, resultado da colaboração entre o povo nativo e os imigrantes, a inveja e a insegurança tornaram-se mais perceptíveis nas autoridades brasileiras e nas elites de muitos estados brasileiros. Temia-se que a Alemanha pudesse conquistar e anexar o Sul do Brasil com facilidade, visto o grande número de teuto-brasileiros e outros europeus apoiadores da causa alemã, embora já bem estabelecidos e adaptados ao Brasil. Trata-se do chamado “perigo alemão”.

Por outro lado, o professor René Gertz, na obra *O Neonazismo no Rio Grande do Sul (2012)*, contra-argumenta a ideia de Caroline Luvizotto, quando ela afirma que uma possível invasão e anexação do Rio Grande do Sul por parte da Alemanha eram iminentes. Gertz afirma que as únicas evidências com relação a uma possível invasão foram mencionadas na obra de Hermann Rauschning, *Gespräch mit Hitler (1940)*, um ex-dirigente da NSDAP de Danzig. Tal afirmação foi rechaçada como fraude por Hänel, na década de 1980 (GERTZ, 2012, p. 17).

¹⁷ A pesquisa do historiador Jean Roche destaca esse fato de que o uso do idioma alemão foi amplamente difundido nas escolas e falado nas ruas e estabelecimentos públicos nas regiões de imigrantes. Na obra *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul II (1969)*, Roche comenta sobre tempos em que os colonos orgulhavam-se de suas raízes e sua língua materna. O que constituía uma das formas mais excelentes de manter as tradições entre as famílias e sofrer menos influências de outras culturas que coexistiam no país. O autor destaca que as escolas particulares eram preferidas às escolas públicas. Pois nelas era possível o ensino fiel da cultura e da língua alemã. Nelas era “[...] ministrado o ensino da língua mais pura e mais literária. No último quartel do século XIX, o alto alemão tornou-se a língua de comunicação e de cultura, porque os colonos e os organismos pangermanistas se aproveitaram da indiferença das autoridades republicanas” (ROCHE, 1969, p. 658).

A ideia do “perigo alemão” surgiu em virtude da influência das agremiações de alemães e descendentes que apoiavam o Partido Nazista dentro do território brasileiro. E que Hitler estaria apostando na força da identidade nacional alemã (*völkisch*) – que ultrapassa os limites territoriais – para obter apoio em seus interesses. Esse perigo pode ser ilustrado pelo discurso, de Rudolf Batke, no Círculo Teuto-Brasileiro de 1935, quando diz:

O povo alemão não é somente um conceito de Estado, válido para a Alemanha, e que abrange os súditos do Estado alemão, mas sim um conceito de homens, independentes da cidadania, e que se deriva do sangue, da espécie, da cultura e da língua. Quem for de sangue alemão e congênera, se confessar adepto de nossa cultura e língua e do povo alemão quanto à espécie, esse também pertence ao povo alemão, embora seja cidadão de um outro país (PY *apud* LEVIZOTTO, 2009, p. 81).

Uma das maneiras de manter os alemães e seus descendentes atualizados sobre os acontecimentos da pátria-mãe foram as publicações de notícias impressas, distribuídas pelo partido *nazi* nas regiões dos imigrantes.

Alguns fatos lamentáveis, porém, dificultaram a ação partidária no Brasil. Publicações que instigavam o racismo e exaltavam a superioridade ariana foram identificados, condenados e confiscados. Palavras como mulato, judeu e negro foram usadas de modo depreciativo, classificando-os como a anti-raça ariana, ao mesmo tempo em que tais escritos apoiavam e reverenciavam o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NSDA).

Para René Gertz, essas situações constrangedoras no Estado do Rio Grande do Sul, “[...] eram frutos venenosos da teoria da superioridade da raça ‘ariana’, que germinava em território brasileiro, onde não houve jamais questões raciais” (GERTZ, 1987, p 122). Opinião questionável, uma vez que é sabido ser o Brasil um País racista desde seus primórdios.

Em Porto Alegre, por exemplo, ocorreram situações que excederam os limites do bom senso. Em 1935, situações envolvendo racismo e um ultranacionalismo à pátria alemã tornaram-se tão comuns, que foram decretadas prisões para alguns teuto-brasileiros perturbadores da ordem pública. Isso levou algumas pessoas a se

convencer de que a “[...] campanha hitlerista ficava bem na Alemanha, mas nunca no Brasil” (GERTZ, 1987, p 141).

Muitos alemães e seus descendentes, os de boa formação intelectual e profissional e também os mais simples, atrelados aos serviços manuais ou às atividades agropastoris, foram, nas primeiras décadas de século XX, a favor da ideologia político-partidária nazista, até o momento em que ela se revelou um totalitarismo racista e sanguinário, reificado pelos campos de concentração e de extermínio.

É importante destacar que antes de sua manifestação totalitária, o Partido Nazista conseguiu desenvolver humana e economicamente a Alemanha e seu povo num curto espaço de tempo. Por isso, justifica-se o apoio inicial recebido por Hitler em muitos países do mundo, especialmente nas regiões de imigrantes alemães.

As pesquisas do professor Gertz (2012) apontam para alguns dos exageros originados nos tempos nazistas¹⁸ e que ainda perduram nos dias atuais, com relação à cultura germânica e sua vinculação ao movimento nazista. A década de 1930, com os primeiros conflitos diplomáticos entre Brasil e Alemanha, foi um tempo difícil para os alemães e seus descendentes. Sofreram intensa perseguição do povo e das autoridades brasileiras, como se todos os alemães fossem militantes do Partido Nazista. Gertz cita um fato ocorrido em março de 1938, quando o então embaixador alemão no Brasil escreveu para seu governo o seguinte:

No caso da população de origem alemã no Brasil, trata-se de ex-alemães que estão separados da Alemanha pelo oceano, e que há 100 ou 50 anos emigraram, voluntariamente, para cá, adotando a cidadania brasileira [...]. Por isso é necessário que se saiba aí em casa que a maior parte dessa população de origem alemã no Brasil, *na eventualidade de uma agudização da crise, que a coloque diante da alternativa cultural brasileira ou alemã, sem qualquer dúvida, optará pelo Brasil* (GERTZ, 2012, p. 14).

Apesar deste testemunho, ainda em 1938, na chamada “campanha de nacionalização¹⁹” houve muita repressão e preconceito generalizado às populações de origem germânica, italiana e japonesa no Brasil. Essa prática estendeu-se por

¹⁸ Tempos nazistas aqui significa desde o princípio do movimento, antes mesmo de ser partido, até sua extinção, com o término da II Guerra.

¹⁹ Ver esse assunto amplamente debatido em GERTZ, 2012, p. 144-177.

vários anos. Durante e após a II Guerra, parte considerável da população de origem germânica manteve-se retraída e indiferente à política brasileira.

No caso do Rio Grande do Sul, essa situação só passou a melhorar anos mais tarde, quando alguns descendentes de alemães ocuparam cargos públicos e comprovaram ser verdadeiramente brasileiros. Quando Ernesto Geisel tornou-se presidente do Brasil e Euclides Triches governador do Rio Grande do Sul, abriram-se novas perspectivas para se falar sobre imigração, etnia e outros aspectos culturais polêmicos. Nessa época aconteceram os festejos dos 150 anos da imigração alemã e os 100 anos da imigração italiana no Estado (cf.: GERTZ, 2012, p. 20-21).

A ideia de relacionar alemães com o nazismo ainda existe nos dias de hoje no sul do Brasil²⁰. Nessa região isso se tornou tão sério, que muitos ainda acreditam que ser alemão ou ter essa origem é o mesmo que ser nazista ou apoiador dessa ideologia. Trata-se de uma percepção falsa e preconceituosa que ainda perdura, segundo o autor.

As pesquisas de Gertz mostram que o apoio às ideias nazistas entre os imigrantes no início do século XIX, mais do que a defesa de um partido, foi a defesa de uma cultura. Em outras palavras, foi a autopercepção dos imigrantes enquanto pertencentes ao mesmo sangue e à mesma raça ariana, independente da nação em que vivem. O problema desta percepção cultural foi o problema do racismo. Para compreender a questão da identidade alemã e de seus descendentes, comenta René Gertz, é preciso entender o conceito de germanismo.

Germanismo seria a melhor indicação para caracterizar o afã étnico que envolveu e ainda envolve – hoje com menor peso – os descendentes de alemães gaúchos. Germanismo, na concepção de René Gertz (1987), significa o sentimento de pertença à Alemanha que os teutos imigrados para o Brasil conservaram, e a adesão ao partido nazista de Hitler. Embora a ideia de nova Alemanha não significasse algo real, nem mesmo pelos partidários nazistas mais fervorosos, o

²⁰ A obra *O Neonazismo no Rio Grande do Sul (2012)*, o autor René Gertz comenta sobre a necessária distinção entre alemães e seus descendentes e os adeptos do nazismo e neonazismo. O autor diz ser um erro acreditar que os imigrantes foram ou são todos concordes ao nazismo e neonazismo. Na prática, especialmente nas localidades do interior, muitos descendentes de alemães são chamados pejorativamente de nazistas.

caráter étnico do nazismo, a preservação da identidade cultural do povo alemão em outras nações, a unidade, o crescimento e fortalecimento da identidade étnica alemã no sul do Brasil e o imenso respeito que sempre foi demonstrado pela pátria de origem caracterizaram esse germanismo (LUVIZOTTO, 2009, p. 84).

O fato é que a imigração alemã no Brasil, especialmente na região Sul, mesmo com os conflitos, mal-entendidos e perseguições internas, trouxeram grandes benefícios para o desenvolvimento do país. Pode-se citar como um dos exemplos desses benefícios, os conhecimentos técnicos aplicados à agroindústria. O Estado do Rio Grande do Sul tornou-se um expoente na economia nacional também por força de muitos imigrantes que ajudaram a transformar um Estado pouco valorizado desde os tempos do Império, numa das regiões agrícolas e industriais mais produtivas do País e um dos povos mais cultos e organizados do Brasil e do mundo.

4.1 Ações do Partido Nazista no Brasil

O Brasil, em meados da década de 1930, foi marcado pela política de branqueamento, instituída pelo Estado Novo. O branqueamento populacional tinha como objetivo o desenvolvimento cultural e econômico do País, pois acreditava-se que povoando o Brasil de pessoas brancas, iria trazer mais status, cultura e credibilidade frente aos outros países. Foi essa justificativa para o apoio e acolhimento aos imigrantes europeus que chegavam ao País.

Um dos brasileiros que mais se destacaram nessa política foi o doutor em Medicina e antropólogo João Baptista de Lacerda. Na condição de diretor do Museu Nacional, representou o Brasil no Congresso Universal das Raças, realizado em Londres, no ano de 1911. Em seu discurso defendeu o País alegando que o processo de miscigenação que estava ocorrendo, era positivo, pois a mistura entre

negros e índios com os brancos – lusos ou imigrantes – já repercutia no gradativo embranquecimento populacional²¹.

Outro expoente nas discussões acerca da racialidade brasileira foi o escritor e político Plínio Salgado, fundador do Movimento Integralista Brasileiro. Esse movimento era de índole fascista e nacionalista e defendia a reestruturação étnica e cultural no Brasil, a partir da política de branqueamento da população. A campanha pró-branqueamento foi muito bem recebida pelo governo Vargas. Ela teve por base ideológica os estudos empreendidos por europeus, como o determinismo de Henry Thomas Buckle, o darwinismo social de Herbert Spencer e o arianismo de Gobineau.

Na era Vargas, havia no Brasil mais de 140 mil imigrantes. Eles foram estimulados a permanecer no País. No Estado do Rio Grande do Sul, já havia pelo menos 600 mil pessoas descendentes de germânicos. Entende-se o empenho da Alemanha em convocar com veemência seus súditos para filiarem-se ao Partido Nazista, às associações e a clubes recreativos de cultura alemã que estavam sendo fundados e consolidados no Brasil e no mundo.

Entre os colonos alemães e seus descendentes era forte o sentimento nacionalista ariano, o patriotismo cultural e o resgate das tradições trazidas da Europa, que constituíram o suporte da identidade coletiva, independentemente das distâncias territoriais com a pátria-mãe. Hitler soube utilizar-se muito bem desses aspectos para congregar filiados ao seu partido fora das fronteiras da Alemanha. Mas o *Führer* não fez tudo sozinho e em pouco tempo. O germanismo vinha de longa data. Desde sua unificação em 1871, o espírito nacionalista germânico alcançou maior expressão, na Europa e fora dela. Intelectuais pangermanistas tiveram a missão de elaborar um discurso de exaltação da cultura, da história e da superioridade da raça ariana (PERAZZO, 1999, p. 57).

A propaganda nacionalista utilizou-se do fato que muitos alemães imigrados para os vários países do mundo, carregaram uma forte marca de derrota e pobreza.

²¹A tela “Redenção de Cam” (1895), pintada pelo espanhol radicado no Rio de Janeiro, Modesto Brocos y Gómez (1852-1936), expressa claramente a situação que inspirou Lacerda em muitos outros estudiosos da relação entre raça e desenvolvimento humano e social dos povos. Na tela, percebe-se uma senhora negra, com braços erguidos aos céus, como se agradecesse por uma graça alcançada. Vê-se uma jovem mulata sentada com sua criança, branca, no colo. Ao seu lado está o esposo que também é um homem branco. A pintura retrata a evolução étnica e social que o Brasil deveria realizar (Cf.: SOUZA, V. S.; SANTOS, R. V., 2012, p. 745-760).

A maioria imigrou justamente porque não havia alimentos, empregos e espaço geográfico para todos. Época em que o país via-se dividido em vários Estados e assolado por muitas guerras, especialmente a I Guerra Mundial.

Com Hitler, a propaganda foi amplamente utilizada para reacender o sentimento nacionalista de unidade e pertença à raça e ao sangue ariano e recuperar a dignidade e a estima nacional. A propaganda foi um dos instrumentos mais utilizados para despertar a consciência de unidade étnica e para emitir ideias-força que recobriam um campo cultural amplo para se dominar pela persuasão (PERAZZO, 1999, p. 58). Uma das práticas persuasivas mais importantes para instituir, entre os imigrantes, uma espécie de culto ao Terceiro *Reich*, foi a criação do chamado departamento de *Organização para o Exterior da NSDAP (A.O.)*, que paralelamente ao Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, introduziu o movimento nacional-socialista na América Latina, fazendo veicular material de propaganda.

René Gertz afirma que a difusão propagandista do *Deutschtum* (germanismo; nacionalismo), na região Sul do País iniciada nos primórdios do século XIX, emergiu fortemente nas primeiras décadas do século XX, em meio às instituições ligadas à cultura e às tradições germânicas, muito latentes nas colônias dos estados do Sul (cf.: GERTZ, 1987, p. 108). O nazismo obteve sucesso ao potencializar um sentimento que, *a priori*, estava na vida e na memória coletiva dos teuto-descendentes.

Além do germanismo, é importante assinalar que o governo de Getúlio Vargas foi simpático às ideias hitleristas. Independentemente das razões, dos objetivos ou dos personagens envolvidos na difusão do nazismo, o fato é que muitas das ideias nazistas foram bem acolhidas pelo governo brasileiro. Tudo indica que entre os mais interessados em tornar o partido conhecido no Brasil, estavam os imigrantes mais instruídos, os altos funcionários de empresas estatais ou particulares da Alemanha que atuavam no Brasil, religiosos e estudantes. Havia também espiões infiltrados em instituições alemãs, que enviavam relatórios detalhados sobre fatos ligados ao partido e seus filiados em território brasileiro.

Com a política de nacionalização do governo brasileiro, Vargas tornou o nazismo mais conhecido. Identificado com o nacionalismo, Vargas apoiou iniciativas nas colônias de imigração alemã, como as festas culturais, a fundação de associações, os clubes sociais e entidades religiosas²². Mais tarde, porém, com os problemas diplomáticos causados pela II Guerra Mundial, as relações entre os dois países mudaram drasticamente.

Perazzo (1999), mencionando Gertz (1987), comenta que muitos grupos alemães do Sul, costumavam expor publicamente símbolos nazistas, como a suástica; veneravam a imagem de Hitler, entoavam canções alemãs, recitavam juramentos de fidelidade com a pátria-mãe, em forma de orações, etc. Entretanto, falar a língua alemã, publicar ou ler livros e jornais em alemão, ser membro de uma associação recreativa ou de auxílio, transformou-se um crime, sobretudo com a guerra.

Nas colônias mais prósperas, como as do Vale do Rio Pardo, região próxima à capital, Porto Alegre, embora com um número pequeno de filiados, mas grande de adeptos e apoiadores, foi a região que mais se destacou pelo grande número de pessoas reunidas ao redor do rádio para escutar os discursos de Hitler diretamente de Berlim. Em sua reportagem, Andréia Bueno, João Caraméz, Renan Silva e Wesley Soares (2015) afirmam que a maioria dos que simpatizavam com os discursos do *Führer*, eram na maioria das vezes pessoas esclarecidas, como padres, comerciantes, jovens estudantes brasileiros na Alemanha e pessoas que tiveram contato mais direto com o Partido Nazista²³. Abaixo, citam-se alguns dos principais membros fundadores e mantenedores do Partido Nazista do Rio Grande do Sul, todos residentes na região do Vale do Rio Pardo:

²² Na reportagem de Augusto Hoffmann e Yaundé Narciso, no site “Tempos Nazistas”, os autores relatam um resumo sobre o Partido Nacional Socialista alemão no Vale do Rio Pardo. Trata-se de uma das regiões de imigração alemã que mais se desenvolveu no Estado do Rio Grande do Sul. Numa época em que os adeptos do nazismo podiam expressar suas ideias e aderirem publicamente ao *Führer*, comentam os autores, a NSDA no Estado fundou várias outras entidades, como a “[...] Hitler Jugend (Juventude Hitlerista), a Deustch Arbeits fronts (Frente de Trabalho Alemão), entre outras”. Na cidade de Santa Cruz do Sul, primeira colônia do Estado, “... já em 1933, havia [...] um núcleo do NSDAP. Os adeptos do partido promoviam no Deutsches Heim (Casa Alemã), encontros e festividades para os imigrantes da célula local, simpatizantes e convidados, como noites de músicas típicas, projeções de filmes, comemorações do Dia Nacional do Trabalho e apresentações de discursos do *Führer*” (HOFFMANN; NARCISO, 2015).

²³Cf.: BUENO, Andréia; CARAMEZ, João; SILVA, Renan; SOARES, Wesley, 2015.

- Oskar Agte, nacionalidade alemã, nascido em 1897, chefe da célula local nacional socialista;
- Paulo Ellwanger, alemão, engenheiro, técnico em eletricidade da Usina Elétrica de Santa Cruz, chefe da Frente Alemã do Trabalho;
- Walter Schreiner, brasileiro natural de Santa Cruz, nascido em 1909, engenheiro mecânico formado na Alemanha;
- Alfredo Heim alemão, jardineiro da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul;
- Henrique Frohwien, alemão, oficial da marinha alemã;
- Arno Ser, alemão, pintor de igrejas;
- Eugênio Pfeil, alemão, veterinário;
- Ernesto Germano Becker, brasileiro, casado, natural de Porto Alegre, nascido em 1869, comerciante, vice-cônsul honorário da Alemanha em Santa Cruz, instrução secundária, religião protestante, cunhado de Oskar Agte;
- Frederico Ludwig, alemão, tesoureiro do Partido;
- Paulo Erath, alemão, industrial fabricante de móveis, casado, presidente do Turnverein (Sociedade Ginástica Santa Cruz);
- Wilhelm Hilbk, alemão, pastor do Sínodo Rio-Grandense em Santa Cruz;
- Heinrich Hiller, alemão, nascido em Berlim em 1900, pastor em Vila Tereza do Sínodo Rio-Grandense;
- HanBelmann, alemão, líder da DBJ - Juventude Hitlerista (Deutsch brasilianischer Jugendrig) (HOFFMANN; NARCISO, 2005).

No afã de ter os imigrantes mais próximos e fiéis, Hitler não mediu esforços para promover a fundação do Partido Nacional Socialista Brasileiro e suas várias ramificações. O objetivo principal foi instruir os imigrantes com a doutrina da NSDA. O partido foi responsável pela maioria da propaganda ideológica alemã no País. Uma das atribuições do partido consistiu na “[...] ‘unidade’ dos súditos alemães, sem esquecer que a preservação do corpo uno [...] submetido ao Estado (cuja figura personificava no *Führer*), era um dos elementos componentes da ideologia totalitária” (PERAZZO, 1999, p. 63).

O regime totalitário²⁴, que se consolidava na Alemanha, teve a pretensão de atravessar as fronteiras e chegar a outros países, como já se comentou. No Brasil, quando fora fundado na década de 1920, agia livremente, conquistando e recrutando súditos para a “Grande Alemanha”, isto é, para o ideal de nação germânica e ariana que transcendia os limites territoriais da Europa.

²⁴ O conceito de totalitarismo foi amplamente refletido por Hannah Arendt em *As origens do Totalitarismo* (1989). A filósofa o define como um fenômeno novo, diferente de todos os outros regimes existentes e correlatos, como as ditaduras, as tiranias ou outras formas de despotismo histórico. O totalitarismo está assentado na ideologia e no terror total, por meio do domínio total, destruindo o espaço público e toda forma de liberdade humana.

Ao contrário do comunismo, o nazismo no Brasil não possuía um projeto nacional. Seus adeptos eram apenas um “[...] corpo dentro do outro, o qual ainda que diferente, deveria usufruir do direito de existir, de pensar e agir de acordo com seus valores originais” (MAGALHÃES, 2014, p. 43).

Tão logo ocorreu sua extinção, em 1938, o Partido Nazista Brasileiro continuou a agir clandestinamente e alguns fatos tornaram-se uma perseguição judicial. Em 1943, no estado de Santa Catarina, a Delegacia de Ordem Política e Social elaborou um *dossiê* com nomes de partidários nazistas presos e com os motivos de suas prisões. Quase todos se envolveram com propagandas ilícitas, impressas e radiofônicas. Muitos desses presos eram trabalhadores influentes e bem adaptados à sociedade: técnicos em eletricidade, guarda-livros, empregados de empresas estatais alemãs, professores, médicos, advogados, comerciantes e engenheiros.

No Estado do Rio de Janeiro, a polícia rastreou várias atividades partidárias do movimento à revelia de sua proibição. A justiça sabia que da Alemanha vinham orientações e patrocínios para a divulgação de suas ideias. De lá partiam também as nomeações dos chefes e dirigentes mais importantes do movimento.

Para que alguém fosse nomeado a um cargo, precisava viajar à Alemanha e participar dos cursos oficiais, oferecidos pelo Ministério do Exterior e promovidos pela NSDA. Um dos fatos históricos mais relevantes no estado do Rio de Janeiro foi a punição da entidade chamada *Socorro Alemão*, sediada naquela região. Essa entidade era responsável por socorrer os alemães pobres no Brasil e recebeu punição pela prática da espionagem (PERAZZO, 1999, p. 67).

Em São Paulo, o Partido Nazista contou com a ajuda de profissionais influentes do meio social, destinados a chefiar órgãos oficiais. Na década de 1940, a polícia paulista identificou professores, empresários, profissionais liberais, jornalistas e trabalhadores rurais em órgãos como: a Obra de Ajuda aos Alemães Pobres (*Hilfswerk*); a Associação de Senhoras (*Frauenschaft*); a Frente de Trabalho Alemã (*Arbeit Front*); e radialistas e educadores de entidades oficiais (*Leherschaft*) (IBIDEM, p. 64-65).

Hans Henning von Cossel foi o nome mais importante na direção do Partido Nazista Brasileiro, com sede em São Paulo. Além da sua função de presidente do partido, servia de adido cultural no Consulado da Alemanha, na década de 1930. Ele chegou à cidade de Santos em 1934. Foi apresentado ao cônsul geral do Brasil pelo chefe da Seção do Exterior da NSDA. O cônsul declarou que Cossel seria o responsável por chefiar as organizações socialistas alemãs em todo o Brasil (IBIDEM, p. 72).

Em 1938, Getúlio Vargas encontrou o embaixador alemão Karl Ritter para indagar sobre as atividades de Hans von Cossel como chefe do Partido Nazista no Brasil. A preocupação partia de comentários sobre a idoneidade desse alemão e suas declarações que já preocupavam o governo brasileiro. Em 18 de abril de 1938, foi decretada a Lei nº 383, que proibia a atuação de estrangeiros em atividades políticas no País. Em 1939, o então comandante da 1ª Região Militar e 1ª Divisão de Infantaria do Exército, José Vasconcelos, desenvolveu um dossiê sobre as atividades do Partido Nazista.

Questionava que o partido de Hitler estava sendo acobertado e protegido por instituições e pessoas influentes da sociedade brasileira e por estrangeiros. Duas dessas instituições, sediadas no Brasil, foram o Banco Germânico da América do Sul e o Banco Transatlântico (IBIDEM, p. 75-76).

Para a maioria dos imigrantes, o nazismo nada mais era que a exaltação da identidade germânica, ou seja, a prática do germanismo. Poucos imigrantes estavam realmente intencionados em promover e instituir as práticas do nazismo no País.

Em 1937, ao consolidar sua ditadura, Vargas suspendeu todos os partidos políticos nacionais e proibiu todas as práticas estrangeiras ligadas a partidos políticos, ONGs ou instituições religiosas. A crise entre Brasil e Alemanha agravou-se quando navios brasileiros foram afundados por submarinos alemães. Nesse momento o Brasil declarou guerra à Alemanha e aos países do Eixo.

Foram tempos difíceis para os imigrantes alemães e seus descendentes que viviam no Brasil. Não só os alemães, mas imigrantes italianos e japoneses sofreram perseguições, violências e escárnios por parte dos brasileiros. Os idiomas estrangeiros foram proibidos de serem falados em público. Muitos foram presos por

não saberem o português. Livros, rádios, jornais e muitos outros objetos estrangeiros foram apreendidos, e seus proprietários, punidos.

No Vale do Rio Pardo, considerada a região mais germânica do Estado do Rio Grande do Sul, muitas pessoas foram presas, torturadas e seus bens confiscados. Festas, quermesses, atividades religiosas ligadas ao culto luterano foram proibidas. Para a pesquisadora e escritora Marli Marlene Hintz (2015), citada no site *Tempos Nazistas (2015)*, até mesmo a economia da região retrocedeu bastante, pelo medo que os imigrantes tinham de comercializar seus produtos, visto que muitos ainda não sabiam falar o português (HINTZ, 2015 apud Garcia, 2015).

Passados os tempos do poder nazista com o término da II Guerra, logo em todo o Brasil o chamado “perigo alemão” perdeu força. Os imigrantes voltaram a realizar suas atividades culturais e religiosas sem medo ou restrições. Uma marca que até hoje se percebe nas cidades que foram colônias alemãs, principalmente na região metropolitana de Porto Alegre, é o permanente cultivo das tradições germânicas, como a língua, as danças, a culinária, a indumentária e o sentimento de pertença à nação ariana. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina acontece a mais famosa das festividades alemãs, a *Oktoberfest*.

Atualmente, ainda se percebe que a terceira ou quarta geração dos descendentes de alemães possuem um forte e convicto germanismo. Percebe-se que o objetivo de Hitler em tentar relacionar sua ideologia à cultura germânica para se fortalecer, com o passar dos anos foi se diluindo. Não o germanismo anterior ao próprio Hitler. Praticamente não há mais resquícios do velho nazismo entre os poucos que ainda vivem e que testemunharam o desenrolar da guerra. Mas nem todas as pessoas de origem alemã simpatizavam com o nazismo. Sobretudo quando ele se revelou um regime totalitário. O fato é que as ideologias políticas parecem surgir em tempos de crises.

No limiar do século XXI, o mundo ainda sofre muito com as guerras e as crises econômicas e sociais. É perceptível que nações estabilizadas economicamente, como as da Europa, estão vivendo essa crise mais concretamente com as imigrações e o medo do terrorismo. E este ambiente caótico parece estar

provocando o reacender de antigas e novas ideologias, inclusive ideias de índole fascista. É o caso do neonazismo.

No Brasil, o neonazismo age sorrateiramente na sociedade. Mas é preciso deixar claro que nem todos os que se intitulam neonazistas são descendentes de alemães. Entretanto, assumem o preconceito de que a mistura de “raças” ameaça o desenvolvimento dos povos, degenera e empobrece a cultura. Por isso afirmam que os arianos são os herdeiros e responsáveis pela cultura e pela racionalidade. Devem, portanto, governar e determinar as regras de uma nova ordem mundial. As demais “raças”, porém, precisam ser eliminadas.

A seguir far-se-á uma análise sobre o neonazismo, buscando seus fundamentos com o antigo nazismo e como estão se manifestando na sociedade sulina.

4.20 nazismo no Sul do Brasil

Por volta dos anos 1930, conforme as pesquisas de René Gertz (2012), um quarto da população do Estado do Rio Grande do Sul era descendente de alemães. Esses imigrantes, em sua maioria viviam das atividades agropecuárias. Não só eles, mas os italianos – bem mais numerosos no Estado –, e poloneses, austríacos, franceses, japoneses, gregos e árabes, para citar os mais expressivos. Alguns viviam do comércio nas cidades. Receberam o nome de colonos, pois moravam em aglomerados populacionais pequenos, nas vilas chamadas colônias de imigração.

Na tese de doutorado de Ana Maria Dietrich, *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil (2007)*, a autora descreve que a Alemanha nazista sempre proporcionou apoio e acompanhamento de seus imigrantes nos diversos países para onde imigraram. Para se ter uma ideia, o Partido Nazista esteve presente em 83 países, em todos os continentes, agregando por volta de 29 mil integrantes. A imigração alemã que se disseminou por várias nações motivou o governo de Hitler a manter um contato mais direto com seus compatriotas (e descendentes).

Nos anos que antecederam a II Guerra houve intensa articulação política e diplomática entre o governo brasileiro e os partidários nazistas que aqui residiam. A

relação mostrou-se cordial até a proibição total das atividades do partido no Brasil, em 1938. O governo alemão mantinha relações com seus partidários tanto no Brasil quanto nos demais países por meio da *Auslands organization der Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Organização do Partido Nazista no Exterior).

No ano de 1937, essa organização foi elevada à categoria de Comarca (*Gau*). Concedia ordens e emitia diretrizes para seus representantes nas nações onde exercia influência. Em cada país, a *Gau* detinha o controle por meio da *Landesgruppen*, os grupos nacionais, e das *Ortsgruppen*, os grupos regionais do partido no exterior. A jovem *Gau* detinha o *status* de terceira força na hierarquia de poder do *Terceiro Reich* (cf.: DIETRICH, 2007, p.143). Primeiramente estava Hitler, depois, seu substituto direto, Rudolf Hess.

Em 1937 Ernst Wilhelm von Bohle foi nomeado chefe da Organização do Partido no Exterior (A.O.), uma das esferas do Ministério das Relações Exteriores. Abaixo de von Bohle estavam os chefes do partidos nas nações, os chamados *Landesgruppenleiter*. No Brasil, como já se referiu, o chefe do Partido Nazista foi Hans Henning von Cossel.

Na tabela abaixo, apresentada na tese de doutorado de Ana Maria Dietrich, evidencia-se a hierarquia do governo Nacional Socialista, nos seus 1º, 2º e 3º escalões de poder (IBIDEM, p. 143-144).

Tabela 1: Hierarquia do Governo Nacional Socialista, nos seus 3 escalões.

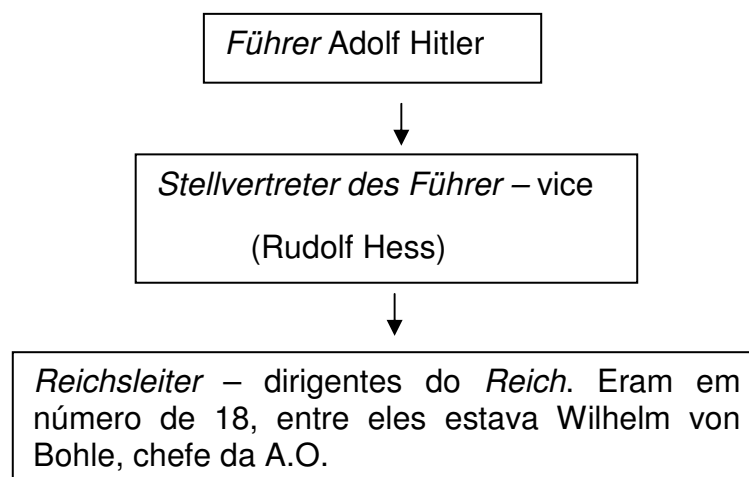
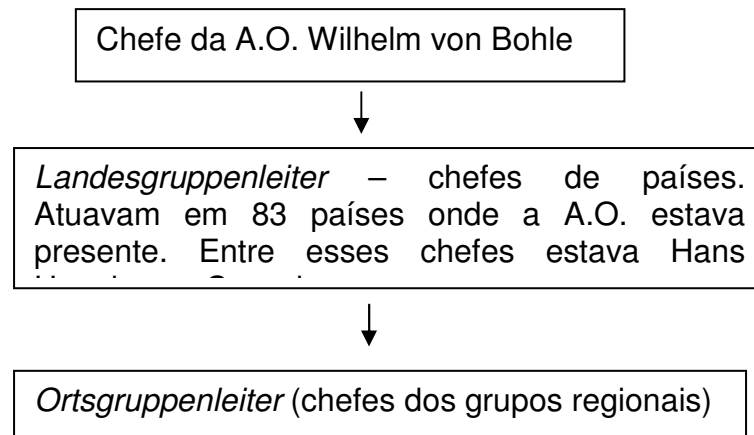


Tabela 2: Hierarquia da A.O.: 1º, 2º e 3º escalões.



As *Gaue* (comarcas) controlavam as atividades do Partido Nazista, promoviam eventos e assessoravam inúmeras atividades culturais, além de monitorar as relações sociais entre os imigrantes alemães e os povos nativos das regiões de imigração. Uma de suas metas era agregar mais adeptos para a NSDA fora da Alemanha. Essa prática pautava-se no princípio ideológico, amplamente difundido entre os alemães, segundo o qual as fronteiras da Alemanha não se limitavam à Europa. A Alemanha estava representada onde estivesse seu povo. O critério para a nacionalidade alemã não eram, portanto, os limites territoriais, mas a presença da chamada raça ariana. “Onde houvesse o sangue germânico, haveria simbolicamente a Alemanha, enquanto nação universal” (DIETRICH, 2007, p. 145).

Ainda hoje a Alemanha mantém o “direito de sangue”. Princípio que não permite aos estrangeiros nascidos em suas terras receberem a cidadania alemã. Ao passo que os que possuem sangue germânico, por ascendência paterna e materna, mesmo nascidos em outros países, são considerados alemães. Esse princípio é também válido para aqueles que não falam o idioma alemão ou não conhecem a cultura alemã.

Conforme a autora, os

[...] alemães ao redor do mundo – intimamente ligados pelos laços de sangue – formariam a sonhada *Volksgemeinschaft* (Comunidade do povo). O objetivo era chamar cada um deles onde quer que estivessem para seu dever de servir a Pátria. Toda a propaganda da A.O. foi dirigida na direção de um “chamado” – todos os alemães deveriam fazer a sua parte para o crescimento da nação, mesmo que, muitas vezes, isto acarretasse sacrifícios (IBIDEM, p. 145).

Dentro da dinâmica propagandista e da campanha pela valorização do sangue ariano, uma das estratégias do nazismo, muito difundida no Brasil, e muito fortemente no Estado do Rio Grande do Sul, foi o chamado pangermanismo. Este princípio sempre esteve acompanhado pelas ideias racialistas. O pangermanismo previa um mundo dividido em colônias informais ou zonas de influência para obtenção de novos mercados consumidores. Mas sempre a partir da busca pela unidade da raça e do sangue daqueles que eram considerados alemães “puros” (cf.: MAGALHÃES, 2014, p. 104-105).

A A.O. detinha a incumbência de divulgar as ações partidárias do nazismo e obter relatórios precisos sobre os progressos ou regressos das suas atividades. Os temas mais preconizados nesses relatórios, além das atividades político-partidárias, era acompanhar o cenário político da *Gastland*, ou seja, a terra onde os imigrantes estavam hospedados. Devia-se detalhar e promover resoluções nos eventuais conflitos sociais entre as colônias alemães e a população local.

Um dos objetivos do professor René Gertz, em sua obra *O Nazismo do Rio Grande do Sul* (2012), é o de desmistificar a relação preconceituosa que relaciona os imigrantes alemães e seus descendentes como nazistas. Ora, nem todo descendente de alemão colaborou ou mesmo simpatizou com as ideias de Hitler. No entanto, é fato histórico que o partido de Hitler, enquanto atuou no Brasil, proibiu a participação dos “não alemães” em suas atividades, mas admitiu apenas pessoas de sangue alemão puro. “O partido seria formado por esta grande “raça de eleitos”, que foi chamada de uma espécie de elite do *Führer*” (DIETRICH, 2007, p. 146).

Mesmo que nem todo imigrante alemão tenha colaborado com o nazismo, é fato que o movimento difundiu-se primeiramente entre os imigrantes. A força da NSDA no País iniciou por aqueles considerados parte da arquitetônica ideológica de Hitler. Possivelmente daí tenha se originado o preconceito ainda hoje existente de relacionar descendentes de alemães com o nazismo e o neonazismo. No livro, Gertz

afirma que atualmente, quando ocorrem fatos relacionados ao neonazismo, muitas pessoas afirmam ser “coisa de alemão”²⁵.

Uma das teses defendidas pela A.O. foi a de que os teutos residentes em outros países, e adeptos do nazismo, não deveriam se miscigenar com povos de outras raças e tampouco usar a língua local. Caso contrário, seriam considerados traidores do povo ariano. A neutralidade política exigida dos alemães residentes nos vários países foi, na verdade, uma estratégia para manter as atividades do partido de Hitler atuante, sem conflitos ou polêmicas com o povo e o governo locais.

Apesar disso, muitos alemães no Brasil aliaram-se a movimentos de cunho nacionalista, como a Ação Integralista Brasileira (AIB), criada por Plínio Salgado, cuja inspiração indiscutivelmente estava atrelada ao fascismo italiano e ao movimento integralista português. As ideias nacionalistas presentes tanto no nazismo quanto no integralismo brasileiro possuíam uma inegável identificação política.

O nazismo, mesmo não exercendo o poder político dentro do território brasileiro, enfrentou alguns desafios. Em Santa Catarina, por exemplo, oito prefeitos integralistas de origem alemã foram eleitos em 1936. Em sua tese de doutorado, Dietrich descreve que este fato foi uma das provas da “tropicalização” do nazismo, ou seja, da sua influência direta em terras brasileiras.

Os objetivos e o público-alvo do Partido Nazista no Brasil sempre foram manter o vínculo entre a Alemanha e seus cidadãos imigrados. O *Landes Gruppe* da NSDAP (Grupo Nacional do Partido Nacional-Socialista) do Brasil funcionou legalmente entre os anos de 1928 e 1938, quando foi abolido. Até o 1933 priorizou o apoio político para Hitler chegar ao poder. Após, trabalhou incansavelmente na divulgação do partido para congregar novos adeptos dentro do Brasil.

Um jornal bastante popular na Alemanha, chamado *Deutscher Morgen*, no ano de 1932, fala sobre o “despertar” da comunidade alemã do exterior para “viver

²⁵ René Gertz menciona o político Jair Krischke, dirigente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul. Em 2006, num programa de rádio, ele teria feito a seguinte afirmação: “Onde a colonização alemã é muito forte, como no Sul do Brasil, ainda persiste um sentimento neonazista” (KRISCHKE, 2006 apud GERTZ, 2012, p. 36).

um novo tempo”, que surgia com o nacional-socialismo (IBIDEM, p. 153). Esse tipo de propaganda motivava o comprometimento dos alemães fora da Europa.

No Brasil, o germanismo foi realizado de muitas formas. Além da intensa propaganda partidária, criaram-se escolas alemãs, a fim de manter uma educação essencialmente ariana. Foram promovidas atividades culturais de língua e cultura alemã, especialmente para a juventude, com destaque à origem, preservação da preservação da língua e do sangue. Com os grupos de jovens, escolas dominicais e outras atividades ligadas às igrejas e às escolas, gerações inteiras foram motivadas a não perder a identidade cultural de seus antepassados.

Com o sucesso político e econômico da Alemanha nos primeiros anos do nazismo, a estima dos alemães fora da Europa crescia e se fortalecia. Alguns fatos, porém, excederam o bom-senso, pois o sucesso alemão também serviu para práticas espúrias, como o antissemitismo. Um dos casos mais conhecidos, citado na tese de Dietrich, foi o boicote dos alemães às lojas judaicas e a radical proibição da miscigenação entre alemães e judeus.

A historiadora Zilda Iokoi, em *Intolerância e resistência. A saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1935-1975)*, (2004), afirma que o Brasil sempre recebeu com bom grado os imigrantes judeus. Recebeu-os desde a época colonial até o pós - II Guerra. Vieram muitos intelectuais, cientistas, comerciantes, banqueiros e técnicos que contribuíram com o desenvolvimento do País.

A autora pondera, entretanto, que não houve um antissemitismo generalizado por parte do governo e da população brasileira. O que houve foi a resistência aos judeus oriundos do Leste Europeu que eram comunistas. Mas tal perseguição não aconteceu pelo fato de serem judeus, mas tão-somente por serem comunistas (cf.: IOKOI, 2004, p. 50).

Além do antissemitismo velado, os nazistas brasileiros desenvolveram outra forma de racismo: o ataque à raça negra. O negro foi considerado como ser degenerado. Muitas foram as queixas dos partidários nazistas contra negros e mestiços brasileiros.

Embora o incentivo à imigração alemã para o Brasil fosse contínuo, muitos tiveram ressalvas com essas terras, pelo fato de terem que conviver com negros. Alegavam problemas com o clima, com a natureza e, sobretudo, com as populações que aqui encontraram. Um fato de cunho racial marcante foi o relatório enviado a Berlim pelo partidário Albrecht Andriessen, de São Paulo, quando escreve:

O solo do Brasil não é nenhum Eldorado de abundância, que tudo dá, esse solo precisa como o solo da Alemanha, de muito cuidado, contra o que falam os prospectos da propaganda de imigração. A selva é atroz, tanto quanto as pessoas podem imaginar, ela assassina nossa gente alemã no corpo e na alma, a selva torna a gente alemã má, porque os alemães não pertencem a esta terra, mas sim as condições climáticas de sua terra voltadas para sua raça. Ela torna os alemães maus porque estes são obrigados a conviver com uma gentalha infame, uma mistura de todas as raças (ANDRIESSEN, 1939 apud DIETRICH, 2007, p. 162).

Em meio a tantas teorias que geraram conflitos raciais, uma atitude estranha causou mal-estar entre os descendentes de alemães nascidos no Brasil. Numa dada ocasião, eles também foram proibidos de participar como membros do Partido Nazista no Brasil. Como essa inconformidade foi grande, houve a criação da Associação dos Teuto-Brasileiros Pró-Nazismo, muito bem articulada pelo representante mais proeminente em solo brasileiro, o Sr. Hans Henning von Cossel.

Os problemas de adaptação ao clima brasileiro, o preconceito com a miscigenação entre teutos e brasileiros e a preocupação com a possível degeneração da raça ariana foram temas muito debatidos pelo Partido Nazista na Alemanha. Lá, o Instituto Tropical de Hamburgo encomendou exames em alguns dos descendentes de alemães brasileiros para verificar se a raça ariana estava se adaptando ou sofrendo degeneração com o clima tropical. E também se estava suportando conviver com os povos mestiços, ou para usar a definição de Andriessen, com a “gentalha infame”.

A região escolhida para a pesquisa foi o estado do Espírito Santo, localizado no “norte do país” e considerada região de “clima tropical”. Nessa região havia cerca de 30 mil alemães e descendentes puros de alemães naquela região. Conforme as análises do Instituto de Hamburgo, foram

[...] estudadas modificações na massa corporal dos alemães, taxas de mortalidade e incidência de doenças tropicais. Os resultados foram positivos. Segundo os dados do relatório, não foram

encontrados sinais de degeneração do corpo ou do espírito daquela comunidade alemã devido à influência dos trópicos. A taxa de mortalidade era de apenas irrisórios 8,7%. Os alemães foram descritos como tendo corpos fortes e boa saúde. A ocorrência de doenças venéreas, malária e tuberculose era rara. A única grande incidência era de vermes (90% da população) (DIETRICH, 2007, p. 165).

Em suma, a pesquisa encomendada nas terras brasileiras teve a seguinte conclusão:

Os imigrantes estavam saudáveis e capazes, eles conseguiram manter sua raça no estrangeiro e evitar toda a mistura de raças com a população local [...], até onde podemos verificar hoje, pode-se dizer que o grande experimento de europeus em uma região tropical foi bem sucedido (Der Ausland Deutsche, 1937 apud DIETRICH, 2007, p. 165).

Destacou-se, portanto, nessa pesquisa, a ausência de miscigenação e a resistência ao clima tropical hostil da “região norte” do Brasil.

Já na Região Sul, as colônias alemãs tiveram uma experiência um pouco diferente. A começar pelo quesito clima, não houve muita estranheza, assemelhando-se muito com o clima da Alemanha. A natureza também parecia ser menos hostil. As colônias sulinas eram abundantes e bastante desenvolvidas, especialmente as que estavam mais próximas das grandes cidades, como o caso das colônias no Vale dos Sinos, próximas a Porto Alegre. Algumas, porém, se localizavam em regiões de difícil acesso. Por este motivo, as notícias vindas da Alemanha, divulgadas em todas as colônias, demoravam mais a chegar. Porém, não deixavam de ser enviadas.

Na década de 1930, a maneira mais prática e fácil de manter os alemães e seus descendentes informados sobre a doutrina nazista era a utilização do rádio. A difusão da cultura foi amplamente preconizada pelas igrejas e pelas escolas, ajudando, deste modo, a manter a língua e os costumes. Eram muito comuns as festas dos padroeiros e as comemorações de datas cívicas da Alemanha.

Na reportagem de Augusto Hoffmann e Yaundé Narciso (2015) sobre o nazismo no Rio Grande do Sul, encomendado pela Universidade de Santa Cruz (Unisc), os autores atestam que os primeiros imigrantes que chegaram às terras gaúchas, eram

[...] sem exceção, gente praticamente destituída de meios, cujo principal capital se compunha da disciplina hereditária, de uma robusta capacidade de trabalho e do amor à ordem e à economia (HOFFMANN; NARCISO, 2015).

Foram muitos os testemunhos de que os imigrantes contribuíram para o desenvolvimento do Estado. O major Aurelio Py, no final da década de 1930, ao enviar um relatório secreto sobre as atividades do nazismo no Estado, ao então interventor federal, Oswaldo Cordeiro de Farias, documentou que os imigrantes no Estado formavam um padrão cultural e social que deu ao Sul do Brasil um caráter único (IBIDEM, 2015).

A colônia da região de Santa Cruz do Sul, fundada em 1849, destacou-se pela intensa atividade comercial, jornalística e cultural com a Alemanha. Hoffmann e Narciso destacam na reportagem, que as lideranças das Igrejas Católica e Luterana estavam bastante convictas da importância de apoiar e difundir os ideais nazistas no Estado, pois, como a maioria dos alemães e seus descendentes, acreditavam que o nazismo representava o povo, a raça e o sangue alemães:

As comunidades evangélicas e também as católicas, mantinham contato com suas sedes no além-mar e de lá recebiam auxílios financeiros. Com seu cunho totalmente doutrinário, o nazismo procurou unificar o interesse político e o sentimento religioso (IBIDEM, 2005).

Um exemplo de apoio das igrejas à ideologia de Hitler está expresso numa oração daquele tempo que diz: “Permaneçamos, embora longe e isolados da nossa Pátria Alemã, fiéis na Oração para com a nossa Comunidade, nossa Igreja, nosso Povo e nosso *Führer*” (IBIDEM, 2015).

Mas com a proibição do partido em 1938 e a intensa perseguição a tudo que pudesse representar o nazismo, os colonos gaúchos começaram a se retrair. O idioma alemão foi proibido. As escolas não mais podiam ensinar a língua materna e nem comemorar as datas cívicas alemãs. O Sr. Décio Lau, proprietário da eletrônica Lau, de Santa Cruz do Sul, explica em entrevista que a prefeitura recolhia todos os rádios que conseguiam sintonizar emissoras na Alemanha.

A pesquisadora Marli Marlene Hintz (2015) comenta que com a ditadura do Estado Novo em 1937, o governo Vargas tornou ilegais todos os outros partidos brasileiros, proibindo-lhes qualquer manifestação. Aos estrangeiros também foi

vetada a possibilidade de se manifestarem politicamente. Mesmo com ideias afins com o fascismo, o Estado Novo forçou o “abrasileiramento” das colônias de imigração. Conforme a pesquisadora, o governo por vezes foi violento na perseguição aos alemães, italianos e japoneses natos e descendentes.

Na cidade de Candelária, uma das mais germânicas do Sul do País, muitas famílias tiveram que modificar radicalmente sua forma de viver. Nas suas pesquisas sobre a história dessa cidade, Hintz afirma que a

[...] repreensão aos alemães no município teve início a partir da década de 1940, motivada pela ideologia do Estado Novo e também pela guerra interna entre federalistas e liberais no Rio Grande do Sul.[Naquela época] os imigrantes alemães que residiam no município [já] não podiam falar a sua língua-mãe para se comunicar, caso contrário, seriam presos (HINTZ, 2015 apud GARCIA, 2015).

Outro fato narrado pela escritora refere-se à família Gierstorfer, bastante conhecida na cidade, durante as décadas de 1920 e 1930. Francisco Xavier Giersdorfer era proprietário de uma famosa sorveteria na cidade e sua esposa era conhecida como a professora de harpa naquele município. Esse casal foi um dentre os vários que receberam cartas enviadas por Hitler, convidando-os a visitar seus parentes na Alemanha.

Estrategicamente, Hitler mandava apenas as passagens de ida, pois, assim que chegavam à Alemanha, eram escoltados e o homem integrado à SS – organização paramilitar ligada ao Partido Nazista. Em caso de recusa, eram encaminhados aos campos de extermínio. Como esta família nunca mais fez qualquer contato com a comunidade candelariense, acredita-se que todos tenham morrido, ou em algum campo de concentração, ou em consequência da guerra (IBIDEM, 2015).

Ainda em Candelária, durante o Estado Novo, ocorreu o fechamento de uma das instituições educacionais mais importantes do América Latina – o Colégio Sinodal, hoje Escola Estadual Gastão Bragatti Lepage. Marli Hintz comenta que o colégio foi obra idealizada por Wilhelm Schütze e sua esposa, Helene von Hasselblatt. O casal era natural da Alemanha e mantinha muitas relações com a terra-mãe. Inclusive eles tiveram a oportunidade de adquirir recursos para a compra de 100 hectares de terra para a construção dos prédios do colégio, tornando-o uma referência latino-americana. Hintz afirma que, como

[...] a escola foi idealizada por um alemão, durante a perseguição feita pelo Estado Novo, a instituição teria sido alvo de uma tentativa de incêndio realizada por cidadãos de outras etnias contra os alemães. O grupo saiu da praça central [...] e dirigiu-se à escola levando galões de gasolina para atear fogo no prédio. [O prefeito da época] o intendente Albino Lenz, ao saber do fato, teria ido até o local e ao chegar, posicionou-se no portão e gritou com os braços abertos: “Daqui para diante, só por cima do meu cadáver” (IBIDEM, 2015).

Após o fato, as pessoas desistiram do atentado, mas conforme Hintz, alguns ainda invadiram a biblioteca, recolheram bíblias e todos os livros escritos em alemão e os queimaram na praça da cidade.

O preconceito e as agressões aos descendentes de alemães em Candelária perduraram ainda por muitos anos, mesmo após a II Guerra Mundial. Os cristãos evangélicos de confissão luterana eram mais perseguidos do que os católicos. Estes últimos detinham certo privilégio por serem católicos, como a maioria da população. O pastor Schüle, por exemplo, membro da principal Igreja Luterana de Candelária, teria sido torturado psicologicamente para denunciar pessoas que estariam envolvidas em eventuais atividades nazistas na região.

Acreditando que com a delação a Escola Sinodal não fosse fechada e a perseguição a outras pessoas tivesse um fim, o pastor Schüle acabou por denunciar o professor Fink, como “adepto da ideologia nazista”. Ao contrário do que o governo prometera, a escola acabou sendo fechada, e os professores alemães, orientados a retornar a seu país de origem. Os livros da grande e moderna biblioteca foram queimados ou lançados nas águas do rio Pardo.

Para Hintz, o professor Schüle, já na Alemanha, foi escalado para lutar contra os russos. Muito ferido, acabou sendo internado num dos hospitais da Cruz Vermelha. A seguir, foi lutar na Rússia. Mas durante a batalha desapareceu. Acredita-se que tenha sido prisioneiro do exército russo e, a seguir, levado prisioneiro nos campos de concentração na Sibéria.

A história do nazismo no Rio Grande do Sul teve vários outros fatos marcantes que foram catalogados em escritos históricos. Contudo, oficialmente, após 1938 não houve mais atividades do partido de Hitler no Estado. O que começou a emergir, com o passar dos anos, tanto no Rio Grande do Sul quanto em

outras partes do Brasil e do mundo, foi o fenômeno do neonazismo – um resgate ideológico do nazismo para a atualidade. Abaixo, o texto irá tratar do neonazismo como um fenômeno atual, crescente e preocupante e que já ocupa os interesses do poder público e das sociedades gaúcha e brasileira.

5 O NEONAZISMO NO BRASIL: O EXEMPLO DO RIO GRANDE DO SUL

A caracterização do neonazismo e sua influência na Europa e no Brasil, com destaque à experiência do Estado do Rio Grande do Sul, pressupõe apontar aspectos de sua constituição, expansão e manifestação ideológica, expressos num radicalismo de extrema direita. Parte-se do pressuposto de que o neonazismo é a continuação e a atualização do regime nazista de Hitler. Sua base doutrinal é o racismo, com acento à superioridade da raça ariana.

Essa visão considera a miscigenação étnico-cultural da raça branca com as raças inferiores, a responsável pelo declínio social de um Estado. O neonazismo apoia-se em falsas doutrinas biológicas e em intelectuais e partidos políticos que o apoiam. No discurso de direita, já bastante comum na Europa, os neonazistas encontram justificativas para sua doutrina. Assim apoiados, conseguem expandir a segregação e a violência a outros países, inclusive o Brasil. É importante, porém, ressaltar que nem todos os partidos de direita ou extrema-direita são neonazistas. Mas todos os grupos neonazistas identificam-se com as ideias de direita.

Algumas características aqui apresentadas ajudam a entender quanto esse movimento consegue atrair adeptos e, de modo indireto, influenciar na política de muitos países culturalmente desenvolvidos e socialmente organizados. No Brasil, o movimento possui maior influência nos estados do Sudeste e do Sul, principalmente o Rio Grande do Sul, um dos mais prósperos e desenvolvidos do País.

5.1 O Neonazismo como metástase do Nazismo

A ação do neonazismo é inicialmente ideológica, na tentativa de convencer e recrutar adeptos. A seguir, torna-se a tentativa de aliciar forças políticas, na disseminação de suas ideias. Por fim, é violenta, nas formas de discriminação e de terror.

Um dos grandes questionamentos com relação ao neonazismo é como e por que algumas pessoas, a maioria delas jovens, aderem de modo irrestrito a uma ideologia espúria que causa danos à sociedade e ameaça a paz mundial. Até hoje

estão presentes na memória histórica da humanidade, as atrocidades da II Guerra Mundial e do holocausto.

Salvo algumas adaptações nas diferentes regiões do mundo, o neonazismo conserva a estrutura doutrinal e simbólica do nazismo alemão. Mantém, sobretudo, o ideal da superioridade da raça ariana, pelo qual os homens são classificados como superiores ou inferiores²⁶. Preserva o ódio aos judeus, aos negros, aos homossexuais e aos imigrantes.

Na Europa, neonazistas e boa parte da população consideram os judeus, os imigrantes do Leste Europeu, e sobretudo os refugiados da Ásia e da África, como povos invasores e inferiores. Na “tropicalização” do neonazismo, como alguns autores chamam o fenômeno brasileiro²⁷, dificilmente o inferior é o eslavo ou o sírio-libanês branco e cristão, mas o índio, o negro, o nordestino e, a exemplo da Europa, também o muçulmano.

Além da segregação racial, uma das práticas atuais dos neonazistas é a segregação cultural. Para eles, não basta separar as raças, é preciso evitar a interação cultural e a miscigenação dos povos. Essa medida colabora, segundo a ideologia, para o desenvolvimento econômico e social dos Estados e suas comunidades.

Conforme o texto de Paulla C.G. França (2003), os aspectos mais importantes que identificam e distinguem o nazismo do neonazismo são os seguintes:

NAZISMO:

- Doutrina voltada para os alemães e todos os nórdicos;
- Expansão territorial: a invasão a outros países significa o aumento do poder e do território geográfico para o desenvolvimento dos arianos;
- A organização é centralizada na pessoa do *Führer*;
- A relação entre os membros do movimento é hierárquica e disciplinar;

²⁶Existe uma única raça, a humana. Mas aqui será usado o termo raça como sinônimo de etnia ou cultura, da mesma forma que foi utilizada pelo nazismo e, atualmente, pelo neonazismo.

²⁷Ver a obra: *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória (2006)*, de Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus.

- A base doutrinal é a crença na raça ariana superior;
- Rejeição aos judeus e a outras raças consideradas inferiores e degeneradas;
- Deificação da figura de Hitler;
- Uso de uma variedade de símbolos, muitos advindos dos mitos, das lendas e da literatura nórdica;
- Violência e o terror como meios legítimos para obter o poder e o *status*;
- Rejeição às ideologias e partidos da esquerda socialista.

NEONAZISMO:

- Crença na superioridade da raça branca;
- Defesa da criação de uma nação ariana;
- Não há uma organização central bem definida. Alguns grupos neonazistas interagem entre si, mesmo em países diferentes, mas estão primeiramente submetidos às forças políticas de direita e são adeptos anônimos nos seus próprios países;
- Carência de rigidez disciplinar e militar do nazismo;
- Rejeição mais acentuada a judeus, negros, homossexuais e mulçumanos. Mas também a outras raças consideradas inferiores;
- Deificação da figura de Hitler;
- Estudo da doutrina hitlerista (*Mein Kampf*), utilização dos símbolos, ritos e aclamações usadas pelos nazistas;
- A violência e o terror são os meios legítimos para alcançar o poder.

Dentre as causas mais frequentes e conhecidas para o aumento dos grupos neonazistas no Brasil e no mundo estão: a crise econômica, o desemprego, a fragilização das instituições democráticas, como a União Europeia (U.E.) e

atualmente o problema da imigração. Questões que contribuem para o desenvolvimento dos nacionalismos radicais, sobretudo os de natureza fascista.

A maioria do povo europeu não concorda com o neonazismo. Porém, percebe-se que atualmente parte da população aceita algumas de suas ideias, como o fechamento das fronteiras da Europa para a chamada “invasão” dos imigrantes. Argumenta-se que, deste modo, a estabilidade econômica e social está assegurada.

Percebe-se o aumento dos grupos radicais, mas também das mobilizações populares, protestos e críticas aos governos que facilitam a entrada de refugiados e imigrantes no continente. De igual modo, cresce o apoio popular aos partidos, candidatos e governantes que utilizam discursos fascistas em nome do nacionalismo, e que defendem uma política radical de defesa e proteção à cultura, ao patrimônio e à etnia europeia.

A Áustria, para citar um exemplo, sempre foi um país politicamente conservador, e desde o final da II Guerra Mundial foi governada por partidos tradicionais, como a Social Democracia e a Democracia Cristã. Entretanto, nas eleições de 2016, o país surpreendeu o mundo ao apoiar a extrema-direita, a ponto de ela quase vencer as eleições no país. O partido FPÖ, de Norbert Hofer, venceu o primeiro turno, mas por apenas 0,6% de diferença perdeu no segundo turno para o ecologista Alexander Van der Bellen.

Hofer atua no partido de maior ascensão política na Áustria – um partido claramente neonazista. Hofer obteve apoio popular e seu partido, um rápido crescimento institucional, com discursos de oposição à imigração e a favor da retomada dos empregos e do crescimento econômico apenas por parte dos austríacos. E isso não ocorre apenas na Áustria, mas por quase toda a Europa a perspectiva é a mesma. Muitos adeptos dos movimentos nazifascistas estão ganhando espaço, inserindo-se em partidos radicais, em esferas sociais relevantes e influenciando setores da mídia. O resultado é uma popularidade jamais vista desde os tempos da formação do nazismo.

Para um razoável entendimento dos motivos que levam o neonazismo a desenvolver-se como uma metástase do nazismo, é necessário observar aquilo que Pierre Bourdieu (2001) chamou de historicização do problema, isto é, suas causas

precisam ser analisadas por meio da “[...] história social da emergência desses problemas e de sua constituição progressiva” (BOURDIEU, 2001, p. 36-37).

Dentro da realidade brasileira, para melhor situar e compreender o neonazismo e suas atividades, parte-se de uma análise das suas origens históricas na Europa. O texto de Paulo Fagundes Vizentini, intitulado *O ressurgimento da extrema direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional* (2000) detalha que o nacionalismo proporcionou o surgimento dos movimentos de direita, dos quais participa o neonazismo. E destaca que até poucas décadas, o neonazismo foi tratado como assunto de pouca ou nenhuma importância nos meios acadêmico e social. Mas que essa mentalidade já está mudando rapidamente.

O fato é que o neonazismo já possui grande expressão social e está conseguindo ampliar seu círculo de influências. E por mais curioso que possa ser, apresenta-se como uma alternativa política para a sociedade, ora inserindo-se na direita partidária, ora agindo pela via da violência nas ações das gangues e grupos armados. Trata-se da estratégia do próprio Hitler, que uniu o fascismo ao uso da força para realizar seu projeto político.

Primeiramente, identificou os problemas sociais, denunciou suas causas, elegeu os culpados e empenhou-se na resolução dos problemas. Foi aí que o nazismo construiu o “bode expiatório” – o povo judeu – tornando-o responsável pela desordem política e econômica do país naquele tempo. Alegava que a convivência com raças humanas degeneradas não trazia prosperidade, mas a decadência social e econômica. Nesse caso os judeus, considerados raça inferior e degenerada, deveriam ser banidos do meio dos arianos. A liberdade e o desenvolvimento da Alemanha dependiam, portanto, dessa purificação étnica.

O fim da II Guerra Mundial não significou o fim da mentalidade racalista e ultranacionalista difundida pelo nazismo. Ela perdurou, de modo clandestino, do início da Guerra Fria à queda do socialismo no Leste Europeu. E hoje em dia, essa ideologia já não parece estar tão preocupada em se camuflar, mas em adaptar sua doutrina em diferentes esferas sociais.

Para introduzir um breve histórico do neonazismo, parte-se do fato de que muitos dos apoiadores da NSDA e alguns de seus descendentes participaram da

formação de novos grupos reacionários no pós-guerra. Impulsionados pela experiência política adquirida, reorganizaram ideias de base nazista e ousaram enfrentar o problemático modelo neoliberal e democrático, vigente em quase todo o Ocidente. Essa foi uma prática bastante comum na época, pois os grandes movimentos político-reacionários do pós-guerra nasceram e se desenvolveram a partir das crises que seus países enfrentavam.

O próprio nazifascismo surgiu da noção de progresso na década de 1920 e como retaliação à ascensão da União Soviética. Afora isso, foi impulsionado pela Grande Depressão de 1929, quando os milhares de desempregados ao redor do mundo – especialmente na Europa e Estados Unidos, motivados por um intenso sentimento nacionalista – começaram a pensar em meios para retomar a produção e o consumo sem, contudo, deixarem-se influenciar pela esquerda, que se desenvolvia com muita força no lado oriental da Europa. E o nazismo foi também uma resposta à humilhação que a Alemanha sofreu durante e após a I Guerra Mundial, com as sanções impostas pelo Tratado de Versalhes.

Conforme as análises de Vizontini (2000), no século XIX, as grandes democracias ocidentais sempre apoiaram movimentos ultranacionalistas, alegando serem um “[...] “mal menor” e uma forma de bloqueio à possibilidade de outras revoluções socialistas na Europa” (MILMAN; VIZENTINI, 2000, p. 19). Tanto é verdade que, após o fim da II Guerra Mundial, o perigo vermelho era visto como um tremendo fantasma que assombrava e ameaçava as nações. O centro da Itália, por exemplo, continuava impregnado de guerrilheiros comunistas que dominavam várias regiões. Na França, algo semelhante ocorreu com os *Maquis* da resistência. A maioria deles estava sob a liderança dos socialistas.

De modo discreto, mas atuante, o nazifascismo perdurou em dois regimes bem conhecidos na Europa: em Portugal, com Salazar, e na Espanha, com Franco. Regimes que duraram décadas após a II Guerra. Ambas as nações negociaram com as grandes potências e permaneceram no poder até meados de 1970. Portugal, inclusive, participou da Otan.

Desde o início da Guerra Fria, a Europa foi dividida em dois blocos: um liderado pelos EUA e outro liderado pela URSS. Uma das preocupações do velho

mundo foi a reorganização política dos Estados e o fortalecimento da Direita Nacionalista, para fazer frente à poderosa Esquerda Socialista, que estava recrutando multidões pela Europa, especialmente a juventude.

Foi necessário reformular a política de centro e centro-direita dos países que possuíam forte influência dos socialistas, como a Grécia, a França e a Itália. A resolução política encontrada por esses países foi o apoio a partidos conservadores, como a Democracia Cristã. Esses partidos também receberam o apoio de ex-dirigentes e ex-militantes nazistas, que se identificaram prontamente com os movimentos de direita. E isso não foi visto como um problema.

Na época, o mais importante, segundo Vizentini, era reconstruir a economia dos países arrasados pela guerra e restituir a autoestima do povo. Com o Plano *Marshall*, pessoas ilustres, algumas que não só participaram, mas patrocinaram o nazismo, foram liberadas de suas acusações ou receberam penas leves, já que eram muito importantes para a reconstrução da Europa. Exemplo disso foi a Família Krupp, que produzia armamentos para Hitler, antes e durante a guerra. Terminado o conflito mundial, Alfred Krupp von Bohlen und Halbach foi condenado à prisão, mas logo recebeu indulto e sua empresa continuou a investir e a gerar empregos na Alemanha. A multinacional chama-se, hoje, *Thyssen Krupp AG*, e continua a ser um grande empreendimento europeu.

Pode-se também mencionar como exemplo, personalidades de grande conhecimento técnico e científico e que se tornaram extremamente úteis para a nova constituição da Europa. Wemer Von Braun, um membro assíduo do nazismo, foi considerado o pai dos foguetes alemães e, a seguir, dos foguetes americanos. Seus crimes foram totalmente esquecidos, pois o que mais importava eram seus conhecimentos e sua atuação na corrida espacial americana contra a URSS. Por essas e muitas outras personalidades nazistas é que as nações ocidentais, lideradas pelos EUA, obtiveram mais progresso e estruturação para enfrentar os tempos de Guerra Fria. Esta é mais uma das razões por que as ideias nazistas continuavam vívidas no pós-guerra.

Vizentini comenta ainda que o anticomunismo foi o grande pano de fundo para ludibriar a opinião pública e semear um tipo de discurso que influenciou na retomada da visão político-partidária neonazista:

É curioso, mas poucos anos depois de terminada a Segunda Guerra Mundial, já havia um discurso liberal em muitos dos antigos países fascistas, como se ali não tivesse havido nada de excepcional. Ou seja, o problema estava do outro lado da Cortina de Ferro, exclusivamente. Essa foi uma camuflagem muito útil para a manutenção da vida política nesses lugares, para quebrar o poder da resistência dos grandes partidos de esquerda e dos sindicatos, que eram extremamente fortes em vários desses países (MILMAN; VIZENTINI, 2000, p. 21).

Um aspecto histórico faz toda a diferença para entender a sobrevivência do nazismo em tempos de Guerra Fria. Ex-militantes de direita aventuraram-se em outros países, especialmente do Terceiro Mundo, fazendo o “trabalho sujo”, colaborando com ditadores, lutando em milícias e treinando facções, bastante comuns em regiões como a América Central. Nesse tempo, a Europa passava por uma “desnazificação”.

Na década de 1960, a juventude vivia intensamente o consumo, o nascimento dos movimentos *hippies*, a liberdade de expressão e da sexualidade, com o movimento *Sexo, Drogas e Rock'n' Roll*. O cenário não parecia muito apropriado para a devida compreensão dos graves problemas sociais, políticos, ambientais e diplomáticos dos Estados.

Os movimentos direitistas dessa época eram compostos por pessoas com mais de 60 anos – e a grande maioria teve contato com o nazismo em sua juventude. Nessa ocasião, os militantes de direita e extrema-direita se adaptavam e toleravam as medidas governamentais de seus Estados e não causavam transtornos à política. Vizentini afirma que o problema eclode quando “surgem as novas gerações que não viveram a Segunda Guerra Mundial ou, praticamente, pessoas que eram muito jovens na época, e dela não tinham senão lembranças muito remotas” (IBIDEM, 2000, p. 25).

Na década de 1970, os problemas econômicos complicaram-se ainda mais. Países estáveis foram afetados por crises, primeiramente a do petróleo. Nessa época, os grupos armados estremeciam muitas nações do Terceiro Mundo. Com o

acirramento do conflito entre Estados Unidos e Vietnã, grupos pacifistas uniram-se ao redor do mundo e protestaram pelo fim da guerra. Os universitários suecos, ligados à Social Democracia, passaram a vestir camisetas de Che Guevara e chapéus vietnamitas, em apoio aos asiáticos e em repúdio aos norte-americanos.

As revoluções que eclodiam em países do Oriente Médio traziam vários problemas econômicos à Europa, além da crise petrolífera. O socialismo que se alastrava nas formas de revoluções em quase todos os continentes, preocupava as grandes potências mundiais. Conforme Vizontini, a simpatia que os europeus e norte-americanos tinham pelo Terceiro Mundo mudou rapidamente. A independência econômica de alguns países pobres surpreendeu as grandes potências. Período em que também o Brasil se destacou no desenvolvimento industrial, a ponto de concorrer com as grandes potências.

Alguns capitalismos no Oriente foram bem-sucedidos – o chamado “milagre asiático”. Países como Taiwan, Hong Kong e Cingapura tiveram um rápido desenvolvimento industrial e elevaram o padrão social de suas populações. Foi deste modo que o Ocidente passou a ser invadido por produtos asiáticos mais baratos, como os manufaturados e os eletroeletrônicos. Surgiu, deste modo, uma espécie de xenofobia aos povos “amarelos”.

Outro fator que arrefeceu as tendências nazifascistas na Europa foi a diminuição da densidade demográfica no continente. Os países passaram a necessitar de mão-de-obra, principalmente para os trabalhos pesados. Por isso, permitiram a entrada massiva de imigrantes. Pessoas geralmente pouco instruídas, empobrecidas e que não estavam acostumadas à vida confortável típica dos europeus, mas que se submetiam ao rigor do trabalho braçal. Embora menos remunerados que os anfitriões, eles encontraram na Europa uma oportunidade para crescer e se desenvolver economicamente.

Dentre os povos que mais imigraram estavam: os turcos, quase todos islâmicos, que foram para a Alemanha; os magrebinos, que foram para a França, e os indianos, para a Inglaterra. É assim que pouco a pouco a ideia de “invasão dos bárbaros asiáticos” foi se enraizando entre os europeus. E não apenas nas classes

sociais mais simples, mas também no meio das pessoas cultas e politicamente influentes da Europa.

A juventude mostrava-se preocupada com todos esses acontecimentos. Muitos começaram a ver os estrangeiros como concorrentes nos estudos e nos postos de trabalho. Em meio à invasão de orientais e africanos, muitos começaram a reagir e a se opor, inclusive de modo agressivo.

Dos *hippies*, logo surgiram versões mais populares, como os *skinheads*. Inicialmente, o movimento *hippie* era formado por jovens de classe média que se identificavam com a cultura jamaicana, com o reggae, as vestimentas e as ideologias produzidas pela música, pela dança e pela maneira de se relacionarem. Também eram solidários com os que vinham trabalhar na Europa. Não excluía os imigrantes e seus descendentes.

Na Inglaterra, com a crise de década de 1970, muitos desses jovens pacíficos e ordeiros começaram a aderir às ideias racistas e a se voltarem violentamente contra os imigrantes, chamando-os de “invasores”. Os amigos da “paz e amor” tornaram-se verdadeiras ameaças. O ódio aos estrangeiros despertou a antiga ideologia da superioridade racial europeia, que logo despontou com força no velho continente.

Com a queda dos regimes fascistas de Portugal e da Espanha, a extrema-direita precisou reorganizar-se imediatamente. Os dois regimes que inspiravam as práticas nazifascistas em todo o continente já não existiam mais e a primeira medida tomada pela direita foi a de expor abertamente suas ideias nacionalistas e suas intenções políticas, apoiadas pela grande movimentação pró-Europa e contra a imigração.

Os anos de 1980 foram ainda mais difíceis para o cenário econômico mundial. Foram tempos da retomada do liberalismo na economia e de maiores tensões na Guerra Fria. Os europeus, acostumados com o progresso científico, o consumo abundante e certa estabilidade econômica, começaram a perder muitos de seus privilégios. A juventude preocupava-se com seu futuro, temendo o desemprego e a instabilidade econômica.

No Reino Unido e na França cresciam bairros cheios de desempregados, de pessoas deprimidas e fadadas à drogadição. Nesses lugares não só encontravam-se os *skinheads*, mas também cresciam as torcidas organizadas, os chamados *hooligans* (IBIDEM, p.28). Pode-se afirmar, portanto, que a válvula de escape para as tensões que assolavam a Europa manifestava-se pela xenofobia e pela discriminação. Aos estrangeiros foram imputados os principais problemas sociais que surgiam. Contra eles recaíam as culpas pelo aumento da criminalidade, do tráfico de drogas e de armas, pela feiúra dos bairros decadentes nas periferias das grandes cidades. Assim, as tensões se avolumavam por todo o continente.

Grupos organizados, diz Vizontini, começaram a manifestar todo o seu ódio racial e preconceito contra os imigrantes. Inimigos eram fabricados quando havia oposição em algum aspecto social relevante, como o fato de torcer por um time de futebol diferente. “Os *hooligans* vão mostrar que aí na Europa, efetivamente, o futebol vai acabar se tornando uma espécie de ‘ópio do povo’ – é o momento de se fazer uma catarse social, literalmente, espancando os adversários” (IBIDEM, p. 28). Na Alemanha, esses grupos de jovens também começaram a se multiplicar bem rápido nessa época. Em alguns países eles foram numericamente inexpressivos, mas influentes e perigosos.

A Europa entrou numa nova postura política na década de 1980, com o aumento do apoio aos partidos conservadores de direita. No lado Ocidental, a poderosa Social Democracia, que reinou absoluta no pós-guerra, praticamente foi esquecida pelo seu eleitorado. Algumas exceções ocorreram em países como a França, de Mitterand. Mas mesmo na França, o governo precisou se adaptar para governar. No lado oriental da Europa era perceptível que a superestrutura socialista já dava sinais de fragilidade e esgotamento em suas práticas ideológicas.

Apesar disso, a Guerra Fria estava vivendo sua maior expressão e espalhava um clima de violência e tensão entre os dois blocos políticos. EUA e seus aliados sondavam os exércitos vermelhos e apoiavam grupos radicais armados que, em suas nações, barravam o contágio com as ideias comunistas. Recursos financeiros e armamentos de ponta foram dispensados ao Iraque e ao Afeganistão, e até mesmo Osama Bin Laden se mostrou um forte aliado dos EUA, contra os russos.

Porém, com o passar dos anos e o fim da URSS, numerosos grupos radicais muçulmanos, sempre dispostos a iniciar uma nova *Jihad*, classificaram o Ocidente cristão como tendo um povo infiel e inimigo do Profeta. Do lado ocidental, os grupos radicais islâmicos foram classificados como terroristas e fundamentalistas. Verdadeiras ameaças, como foram na época das Cruzadas. Os radicais islâmicos aliados tornaram-se inimigos. Pode-se dizer que as criaturas se voltaram contra seus criadores.

Ainda na década de 1980, as ciências, as artes e a cultura em geral proclamaram um novo tempo, a chamada pós-modernidade. Tempos de crítica e negação dos paradigmas que sustentavam a sociedade até o momento. A tese de que “[...] o mundo é inexplicável, contraditório e fragmentado; a realidade seria fragmentada e não poderia ser compreendida na sua totalidade” (IBIDEM, p. 29). Percebeu-se o aumento do fenômeno religioso, que passou a condicionar a vida social das massas.

A instabilidade que emergia das crises econômicas, da iminência das guerras e das incertezas quanto ao futuro proporcionaram uma atmosfera social mítica, cheia de práticas devocionais e exotéricas. Era grande o número de peregrinações, visões de divindades e consultas a horóscopos. Surgia a chamada “Nova Era”. Essas práticas enraizaram-se na vida social das décadas de 1970, 1980 e 1990. Passaram a ser aspectos suplementares na segurança e na estabilidade social e até emocional das pessoas, algo não encontrado nos governos e nas instituições democráticas. No Brasil, como em muitos outros países, a religiosidade inseriu-se nas questões políticas, tornando-se comum o aumento das bancadas evangélicas na Câmara e no Senado.

Os anos de 1990 presenciaram o fim da URSS e da Guerra Fria. Houve muitos problemas políticos, mas também vários acordos e negociações internacionais, como o Tratado do Mercado Comum do Sul (Mercosul) de 1991, incluindo o Brasil e países circunvizinhos; o Tratado da União Europeia (Maastricht) de 1993, e o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta) de 1994.

As uniões entre países foram motivadas pela concorrência econômica e pela cooperação tecnológica. Nesses complexos acordos, alguns surtiram efeitos

positivos na economia, outros nem tanto. Época em que a extrema-direita aproveitou para imprimir ideias nacionalistas nas massas, promovendo lideranças e grupos em suas mais variadas manifestações: separatistas, militares, associações e ONGs, religiosos conservadores e grupos neonazistas.

Os acordos entre os países facilitaram o livre comércio e fortaleceram o mercado e a economia. Entretanto, o contexto mundial continuava apresentando uma ação política praticamente sem causa e sem metas bem definidas. O neoliberalismo continuava desgastado e incapaz de propor novos rumos à economia e instituir novos paradigmas. Deste modo, a extrema-direita assumiu atitudes atávicas, oriundas de tempos remotos e de versões mítico-ideológicas para fortalecer suas convicções políticas. Na base de seus discursos era possível perceber a xenofobia, o racismo e a intolerância cultural. Exatamente o método inicial do *Führer*: diminuir uns para exaltar outros.

A extrema-direita organizou-se institucionalmente para se manter dentro da legalidade. Foi preciso relativizar algumas das suas ideias mais rígidas. As críticas dirigidas à direita acusavam-na de apoiar a crescente onda de violência e de discriminação contra as minorias étnicas, utilizando os recursos do medo e da intimidação.

Algumas expressões desse pensamento ultranacionalista inspiraram ações extremistas marcantes na história. Nos EUA, Timothy Mc Veigh, um dos membros do grupo separatista dos texanos promoveu, em 1995, um atentado em Oklahoma, matando mais de 160 pessoas e ferindo outras 500. Na Espanha, os separatistas de direita assolavam o país numa onda de atentados. Ainda hoje exigem a independência de regiões como a Catalunha e o País Basco e utilizam-se de meios violentos para isso.

Na Irlanda do Norte, na Escócia e na Itália há muitos movimentos separatistas. A maioria desses movimentos não apoia publicamente grupos que agem na clandestinidade, como os neonazistas. De fato, não há como provar uma suposta relação pactual entre ambos. Por outro lado, é sabido que possuem ideias afins.

Deve-se salientar que há movimentos separatistas pacíficos, embora ligados à direita, e que pautam suas ações no diálogo e no direito inalienável da autodeterminação dos povos, conferido pelos estatutos da ONU, como a Resolução 1.514 (XV)²⁸. Mesmo no Brasil há movimentos separatistas. O mais conhecido e mais bem estruturado é o movimento *O Sul é meu País*²⁹, que reivindica a independência política dos três estados da Região Sul, sem, contudo, utilizar-se de qualquer tipo de violência ou discriminação.

Para Vizentini, o crescimento da extrema-direita é resposta ao descrédito popular com relação à política de esquerda, às instituições democráticas e ao sistema neoliberal. Uma das vias alternativas encontradas são as ações antipolíticas. Para amenizar a insatisfação popular, muitas vezes se recorre a um tipo de “bode expiatório”. Em seu tempo, Hitler culpou os judeus pelos problemas da Alemanha. Décadas depois, na Polônia, Lech Walesa, um dos heróis do Sindicato da Solidariedade, ascendeu ao poder utilizando discursos antissemitas.

Quando o líder dos croatas, Tudjman, um apoiador dos grupos *Ustachis* fascistas e dos grupos da extrema-direita católica, proclamou a independência do país, disse que a Croácia é um Estado dos croatas. O problema disso, admite Vizentini, foi ignorar que um quarto da população não era croata, mas sérvia. O efeito desse tipo de discurso foi que os não croatas passaram a ser considerados um povo de segunda categoria e uma ameaça à estabilidade social. Um dos motivos da Guerra dos Bálcãs.

O discurso ultranacionalista por vezes assume uma atitude irracional. E novas entidades supostamente étnicas e culturais são geradas. É o que Vizentini denomina de micronacionalismos ou nacionalismos tribais. Eles criam um ambiente social conflitivo e racista. A xenofobia, o medo e a intolerância ganham força e espaço nesses ambientes.

Esse irracionalismo tem força para dividir, inclusive, pessoas de um mesmo grupo étnico. É o que ocorre em países como a Itália e a Alemanha. A Liga-Norte italiana rechaça a Região Sul do país. É antigo o preconceito entre os italianos do

²⁸ Cf.: United Nations, XV, 1960.

²⁹ Cf.: <http://www.sullivre.org/>.

Norte com relação aos italianos do Sul, por isso muitos afirmam que a verdadeira Itália é de “Roma para cima”. São comuns expressões como esta: “O Norte trabalha, Roma arrecada e o Sul gasta.” Essa atitude torna-se irracional porque o Norte italiano depende muito da Região Sul. Grande parte dos consumidores dos produtos do Norte vive na Região Sul. Parece que o preconceito fala mais alto que o bom-senso.

Esse sentimento discriminatório também é encontrado na Alemanha, entre os *wessís* e os *ossís*. Os alemães ocidentais (*wessís*) consideram os orientais (*ossís*) como pobres e vencidos. Tanto no caso dos italianos como dos alemães, as motivações discriminatórias estão também ligadas aos aspectos sociopolíticos e econômicos.

Além dos problemas culturais, a baixa taxa de natalidade na Europa continua sendo um dos grandes desafios. Problema das últimas décadas do século XX e que persiste no início do século XXI. A natalidade condiciona o bom ou o mau desempenho da economia e da estabilidade social dos Estados. Com a baixa natalidade, a Europa enfrenta um rápido envelhecimento populacional, o crescimento dos gastos com a Previdência Social e a diminuição da população economicamente ativa. Percebe-se que a taxa de natalidade dos europeus de origem estrangeira e de imigrantes islâmicos está acima da média dos europeus natos.

Conforme Vizentini, pelo menos três quartos dos jovens da França não são de origem francesa. A Itália possui aproximadamente 60 milhões de habitantes, mas chegará em 2050 com 30 milhões de habitantes. E grande parte dessa população não será etnicamente italiana (IBIDEM, p. 32). Os países estão preocupados com o baixo índice de nascimentos, e por isto criam mecanismos para dirimir os prejuízos através de leis de incentivo ao nascituro (ClickPB, 2015).

A política das décadas de 1990 e 2000 ainda estava muito atrelada à lógica do sistema neoliberal. O fato é que muitos outros interesses e necessidades, ligados às questões sociais, culturais e ambientais, surgiam e tornavam-se tão ou mais importantes que a própria economia. Temas como o superaquecimento global, a

escassez de água, o surgimento de novas doenças e a necessidade de fontes renováveis de energia ganharam espaço e discussão.

Ademais, foram décadas em que os problemas de imigração e o combate ao terrorismo agravaram-se muito. As guerras do Golfo e a perseguição a Saddam Hussein e a Osama Bin Laden foram temas acompanhados por milhões de pessoas pelos meios de comunicação já bem popularizados nessa época, principalmente a internet.

As tensões no Oriente Médio e o surgimento de novos grupos terroristas, como o Estado Islâmico (EI) em 2004, tornaram-se preocupação para todo o Ocidente. Entende-se o porquê de quase todos os programas governamentais preverem políticas antiterroristas e outros meios para frear a imigração. Não parece ser mera coincidência que nesse cenário de instabilidade, a extrema-direita, os novos tipos de nacionalismo e os movimentos neonazistas cresçam e se expandam numa proporção jamais antes documentada.

Nos discursos dos candidatos direitistas de maior projeção política estão presentes temas raciais, culturais e eurocêntricos. Mesmo que não haja relação direta entre a direita, o nacionalismo e o neonazismo, todos apontam para a mesma direção: a promoção dos seus e a exclusão dos outros. E quando esses princípios são excessivamente valorizados, abrem-se precedentes para uma antipolítica irracional.

No Oriente Médio multiplicam-se os grupos islâmicos com ações terroristas. O mundo, assombrado, passa a visualizar os numerosos atentados contra cidadãos e instituições com vínculos ocidentais. Osama Bin Laden utilizou toda a sua influência, seus conhecimentos militares e sua enorme fortuna para libertar o Islã dos infiéis ocidentais, literalmente explodindo seus inimigos. Um marco na história da humanidade, sem dúvida, foram os atentados às torres gêmeas em Nova Iorque.

A estrutura mundial fragiliza-se cada vez mais e é perceptível a carência de referenciais políticos e de novos paradigmas que orientem os Estados e atendam às necessidades das massas. Nem mesmo a ONU consegue influenciar devidamente nos problemas internacionais. Muitos países são pressionados internamente pelos

grupos políticos neonazistas e afins, e externamente, pelo temor à imigração e ao terrorismo.

Os neonazistas, nesse sentido, tornam-se um dos grandes problemas, sobretudo para as nações europeias e americanas, pois agem na retaguarda da extrema-direita e são uma constante ameaça à democracia. Eles estão convictos da missão de reacender a doutrina nazista a partir da Europa, dando continuidade àquilo que Hitler deixou de fazer. Portanto, a metástase do nazismo cresceu e adquiriu força e poder institucionais.

Mas o que esperar do neonazismo? Primeiramente, seus membros têm consciência de que o mundo hoje é diferente dos tempos do *Führer*. Porém, algumas coisas permanecem iguais. *Mein kampf* continua sendo a principal referência para a ação política do neonazismo. A questão central é a adaptação ao contexto social, que pressupõe a omissão de parte de suas ideias, o anonimato e a clandestinidade dos membros em algumas ações e o adiamento temporário de suas atividades. Por ser um movimento internacional, na Europa e nos EUA já há uma rede organizada de comunicação e mútua ajuda entre as células espalhadas pelos diversos países. A doutrina, as simbologias, os gestos, as palavras de ordem, a violência e a difusão do medo são práticas cotidianas e o “distintivo” oficial do movimento.

Quanto aos vínculos do neonazismo com partidos de direita e extrema-direita, há uma racional prudência. As marcas deixadas pelo extermínio dos judeus nos campos de concentração ainda estão muito vivas na memória histórica da humanidade. Por isso, um discurso político neonazista, discriminatório ou revisionista, que pretenda diminuir ou negar a tragicidade dos fatos ocorridos na II Guerra, torna-se questionável e insustentável.

No texto de Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus, intitulado *Neonazismo: nova roupagem para um velho problema (2003)*, o autor analisa a maneira com a qual o neonazismo se adapta ao contexto atual da história. Deste modo, mostra a que veio e para onde quer ir. Uma das primeiras questões pertinentes do texto é o esclarecimento da relação entre o nazismo e o neonazismo. O autor comenta que apesar das suficientes provas de que o neonazismo é a continuidade ou, por assim

dizer, a metástase do nazismo, há pensadores como Barker (1981, p. 23-24) que insistem em situá-lo como movimento diferente e independente do nazismo.

O argumento parte da afirmação de que o neonazismo não está interessado em separar as raças superiores das raças inferiores, mas tão-somente em se preocupar com as diferenças culturais. A tese assenta-se na experiência de alguns países que sofrem com o problema das imigrações. Muitos imigrantes são brancos, e outros, além de brancos pertencem ao mesmo continente. É o caso dos imigrantes do Leste Europeu que zarpam para os países mais desenvolvidos da parte ocidental da Europa. O problema central aqui é o fato de não pertencerem à mesma cultura. Deste modo, a tarefa do neonazismo é separar os donos da terra dos invasores estrangeiros, sejam eles próximos ou distantes.

É a ideia de que cada povo deve manter sua identidade original, cultura, costumes e tradições sem influenciar ou deixar-se influenciar pelas demais culturas. Nesse caso, a distinção entre nazismo e neonazismo consiste na afirmação de que aquele defende a incompatibilidade entre etnias diferentes, e este defende a incompatibilidade entre culturas diferentes. A discriminação que no nazismo foi racial, no neonazismo torna-se cultural.

A discriminação cultural realiza-se nos ataques violentos às minorias, com o objetivo de intimidar os imigrantes e estrangeiros para fazê-los retornar aos seus países de origem. Trata-se da ideia de que uma cultura só se desenvolve quando separada, independente e imune às influências das outras culturas. Exemplo disso são os movimentos separatistas ETA e IRA. Eles afirmam que não são neonazistas, mas defendem a separação cultural.

Os que defendem o argumento segundo o qual nazismo e neonazismo são grupos diferentes encontram dificuldades para responder por que razão o “novo racismo” neonazista, que defende o retorno das culturas diferentes para seus países, continua a discriminar e matar minorias étnicas da própria cultura, da própria nacionalidade, como negros, homossexuais, judeus, etc.

Ora, nesta conduta fica claro que o princípio nazista da intolerância em relação ao diferente é que a tese da superioridade e inferioridade raciais ainda continua presente. Conforme Carlos G.N. de Jesus, essa mentalidade está bem

visível no grupo neonazista *National Alliance*, que defende a guerra racial onde os brancos irão extinguir as sub-raças negra e judaica. Esta ideia está no romance escrito por um de seus líderes, William Pierce, intitulado *Turner Diaries*, inspirador dos atentados em Oklahoma (1995).

Diante dos fatos que ocorrem ao redor do mundo, pode-se afirmar que o neonazismo, embora distinto em alguns aspectos do nazismo original, postula, ele próprio, a sua continuidade. Não são dois grupos separados, mas uma só doutrina readaptada para os novos tempos.

O fato é que o nazismo não se findou com a queda de Hitler. E mesmo que o neonazismo enfatize as distinções culturais como estratégia de adaptação ao século XXI, sua base está na crença da superioridade da raça ariana e na discriminação das raças consideradas inferiores.

Para demonstrar fidelidade e preservar as ideias do *Führer*, como já se mencionou, os neonazistas recorrem à biografia das antigas lideranças e exibem um aparato simbólico tal qual os antigos nazistas.

É comum aos verdadeiros grupos neonazistas espalhados pelo mundo a veneração à suástica, o contato com o idioma alemão e a leitura do *Mein Kampf*, além da preservação ritual das expressões e saudações que foram dedicadas a Hitler.

Nessas últimas duas décadas, o Brasil está presenciando o aumento das investigações policiais, das publicações da imprensa e do debate social acerca do neonazismo. A Região Sul parece possuir características bem específicas que facilitam a presença e o crescimento do movimento.

É importante, então, analisar os motivos desse crescimento, as metas e as características do neonazismo, a partir da experiência do Estado do Rio Grande do Sul. Deste modo será mais fácil traçar um perfil aproximado dos neonazistas brasileiros e responder se, de fato, por meio de uma filiação ficcional, esses grupos se apoiam nos referenciais históricos do nazismo para atuar no país, como ocorre na Europa e nos EUA.

5.2 Neonazistas no Rio Grande do Sul (RS)

O Rio Grande do Sul³⁰ é considerado um dos estados economicamente mais prósperos e socialmente mais desenvolvidos do Brasil. O povo gaúcho, desde suas origens coloniais, é fruto da miscigenação de índios nativos, africanos, portugueses e espanhóis. Em seguida vieram os imigrantes europeus, principalmente italianos e alemães, além de judeus, eslavos e sírios.

Por razões históricas e culturais, que aqui não serão comentadas, o povo gaúcho possui um forte sentimento separatista em relação ao restante do Brasil³¹. Uma das explicações mais aceitas pelos estudiosos da cultura gaúcha para essa tendência à emancipação está no mito fundador do Estado, a *Revolução Farroupilha*, iniciada em 20 de setembro de 1835. Luta travada pelos gaúchos contra o Império e a favor de sua independência política. Pelo senso comum, muitos gaúchos atestam que mesmo politicamente unido à Federação, o RS é culturalmente independente, pois possui tradições, usos e costumes próprios que diferem do restante do País.

Alguns estudiosos do neonazismo afirmam que o crescimento do movimento no RS está relacionado a diversos fatores culturais, à presença de etnias europeias e à tendência ao separatismo³². O fato é que o Estado do RS é o lugar em que o neonazismo mais cresce e se desenvolve no Brasil. A maioria das notícias acerca do movimento provêm do RS. Apesar das conjecturas sobre o Estado, é preciso ter cuidado ao relacionar com o neonazismo os movimentos separatistas existentes no RS e em toda a Região Sul do País.

Devem-se distinguir a experiência gaúcha das experiências de alguns países europeus, que recebem dos neonazistas e de outros grupos radicais o apoio necessário para a causa separatista. Ou do provável patrocínio concedido aos neonazistas pelas organizações separatistas.

Independentemente dos estudos que costumam relacionar o separatismo, o etnicismo e o neonazismo, o que interessa para este estudo é demonstrar as

³⁰ A partir de agora, abrevia-se a expressão Rio Grande do Sul pela sigla RS.

³¹ Ver capítulo VI da obra *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, de Darcy Ribeiro (1995).

³² Ver a obra *Cultura Gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul* (2009), de Caroline Luvizotto.

características, atividades e metas dos grupos neonazistas no Estado do RS, sem referência às suas possíveis conexões com outras instituições. E descrever, a partir daqueles que foram identificados pela justiça como subversivos, que existe na capital do Estado, Porto Alegre, uma das maiores células do País.

Prioriza-se, a seguir, dentre tantos fatos ocorridos, a agressão de neonazistas a três judeus no centro de Porto Alegre, em 2005. Tal fato, conforme entrevista do delegado Jardim, que cuida do caso, tornou-se um marco para avaliar a ação neonazista no Estado. Nessa circunstância, identifica-se não só o perfil, mas a correspondência do movimento gaúcho aos princípios internacionais que regem o neonazismo.

5.2.1 Fontes e crítica das fontes

Quando o neonazismo apareceu como uma das expressões juvenis na década de 1980, o assunto foi debatido primeiramente por pesquisadores como Luiz Roberto Lopes, Helena Salem, Márcia Regina Costa e Paulo Vizentini. Eles analisaram o contexto e as razões desse fenômeno, suas características e implicações sociais. Perceberam que o Brasil da década de 1980 tornou-se um ambiente oportuno para o desenvolvimento de grupos radicais, movimentos sociais, sindicais e várias outras expressões políticas inexistentes ou suspensas durante o regime militar. Além dos neonazistas, apareceram os *punks*, *skinheads*, os carecas do subúrbio e outros grupos minoritários.

O País estava estagnado, vivendo incertezas políticas e caminhando para o processo de redemocratização. Havia um alto índice de desemprego e a instabilidade econômica, causados pela inflação e a desvalorização da moeda. A classe operária enfrentava mudanças, com a fundação dos sindicatos, a questão da anistia política e a reorganização constitucional. Um ambiente de crises, propício para o surgimento de movimentos radicais, com propostas alternativas e/ou revolucionárias.

A grande maioria dos jovens brasileiros sofria as consequências da crise social. Poucos conseguiam ser aprovados nas universidades, disputar bons empregos e projetar-se economicamente. A instabilidade social causava

preocupação com o presente e o futuro. Deste modo, muitos encontravam na militância política um ambiente de identificação e valorização pessoal, e uma forma alternativa de lutar por seus direitos.

Assim, cresceram os movimentos da Juventude Operária e dos grupos de jovens ligados aos partidos políticos, sobretudo de esquerda. Outros, porém, preferiram militar nos grupos radicais de direita vindos da Europa, porquanto,

[...] sem perspectivas de futuro e frustrados com a falta de possibilidades e ascensão social, em meio às mudanças do capitalismo (início da globalização e desenvolvimento do neoliberalismo), encontravam consolo em grupos conservadores (ANDRADE, 2014, p. 19).

Desde suas primeiras manifestações, o neonazismo foi considerado como o novo nazismo e uma forma saudosista de cultuar o passado. Em termos políticos, foi situado como uma das expressões do fascismo, juntamente com a extrema-direita, integralistas, religiosos ultraconservadores e separatistas. Inicialmente, não representou um perigo social, pois muitos o julgavam um movimento inexpressivo, com poucas chances de crescer e se desenvolver. Mais do que isso, o nazismo foi e é apontado como um fato lastimável, uma ferida ainda não bem cicatrizada e bem recente na memória histórica da humanidade.

Considerada como uma das primeiras fontes da crítica ao neonazismo no Brasil, a obra *Do Terceiro Reich ao Novo Nazismo* (1992), do historiador Luiz Roberto Lopes, comenta que “os neonazistas são grupelhos isolados, idealistas sem causa e sem rumos, que encontram na violência, na discriminação étnica das minorias e no confronto de rua uma maneira de chamar a atenção da sociedade”.

No País, eles são inexpressivos na classe política e não representam um grande perigo para a sociedade. Da mesma forma que o nazismo não representou um grande perigo para o Brasil em seus tempos áureos, os neonazistas também não devem nutrir muitas esperanças de se expandirem. Há, porém, muitas pessoas que se impressionam com suásticas pintadas nas paredes ou tatuadas em alguns corpos, mas isso não é prova de que haja algum tipo de conspiração subterrânea (cf.: LOPES, 1992, p.146). Conforme o autor, o neonazismo não tem força para impor suas ideias no cenário político, e a direita brasileira nunca precisou do neonazismo para assegurar suas posições (IBIDEM, p. 146).

Essa crítica encontra-se também nas pesquisas de Helena Salem (1995). Ela diz não haver motivos plausíveis para o caos social, pois o movimento neonazista é constituído de pequenos grupos, se comparados às demais forças políticas radicais atuantes. Isso, porém, não significa subestimar o preconceito presente em sua doutrina e a violência urbana expressa em suas ações.

No Brasil e fora dele, o que intensifica e corrobora as práticas neonazistas é a questão cultural já bem enraizada na sociedade e que é anterior à fundação do próprio movimento – o problema do racismo. A intolerância e a discriminação de pessoas, avaliadas em superiores ou inferiores, são endêmicas à própria história da humanidade (cf.: SALEM, 1995, p. 37).

As análises dos autores acima foram e são importantes para o desenvolvimento desse tema polêmico e ainda pouco analisado e conhecido no Brasil. Deve-se, porém, ponderar que são estudos das décadas de 1980 e 1990.

Com o passar dos anos, percebe-se que, ao contrário do que os autores afirmaram, os grupos neonazistas não diminuíram, mas estão cada vez mais fortes e atuantes, sobretudo nas últimas duas décadas, período em que a mídia mais registrou casos de violência e discriminação envolvendo o neonazismo. Não só a mídia, mas as redes sociais, os trabalhos acadêmicos e os boletins de ocorrência policial.

Há hipóteses de que já existem políticos brasileiros, ligados à direita, simpatizantes das ideias neonazistas. Isso é atestado pelo chamado Partido Nacional Socialista Brasileiro³³, um partido fictício, com fins educacionais e voltado para o neonazismo. Ele publica expõe suas ideias a partir da internet.

As primeiras críticas a respeito dos movimentos juvenis radicais da década de 1980 enfatizam mais suas características e o seu modo de agir. Percebe-se, contudo, uma dificuldade para distinguir a identidade ideológica, o perfil e as metas dos diversos grupos em questão. Essa dificuldade não decorre tanto das análises dos pesquisadores, mas da falta de compreensão da identidade de cada movimento por parte de alguns integrantes; e também em decorrência das variantes de adaptação dos grupos, cujas origens são estrangeiras, dentro do contexto brasileiro.

³³Esse partido político é claramente neonazista (cf.: <http://pnsb.tumblr.com/>).

Os movimentos juvenis radicais que mais se destacaram e ainda se mantêm conhecidos são: os *punks*, os *skinheads*, os neonazistas e os carecas do subúrbio – uma dissidência do movimento *punk* brasileiro. Os carecas foram estudados e apresentados pela pesquisadora Márcia Costa, na obra *Os carecas do Subúrbio. Caminhos de um nomadismo moderno* (2000).

Conforme a autora, os primeiros *punks* brasileiros surgiram na região do ABC paulista e, a seguir, na zona leste da cidade de São Paulo. Com o passar dos anos, houve discrepâncias doutrinárias entre os grupos dessas duas regiões. Conseqüentemente, acabaram se dividindo em duas grandes facções e em grupos minoritários. Os representantes do movimento *punk* da região leste de São Paulo acusavam os grupos do ABC por se “venderem” à indústria fonográfica, adotando uma atitude mercenária e burguesa. Porém, alguns líderes dos *punks* fizeram todo o empenho para fortalecer e unificar os diversos grupos ao redor da chamada cultura *punk*. Entretanto, conforme Costa,

[...] esse movimento punk, que eles buscavam construir, tornou-se incompatível com um niilismo anárquico e violento, a agressão como forma de expressão, o uso da suástica nazista, etc. (COSTA, 2000, p.51).

O que parece evidente é que desde os primeiros tempos, o movimento *punk* sofreu divergências internas, subdividido-se em várias linhas de pensamento e em vários grupos, alguns influenciados pelos europeus. Um dos grupos dissidentes de maior expressão concentrou-se na região do ABC paulista, mais especificamente em Santo André, quando um grupo de *punks*, insatisfeito com os rumos do movimento, fundou o chamado grupo dos “carecas do subúrbio”.

Essa nova expressão juvenil rapidamente cresceu naquela região e na cidade de São Paulo. Indiscutivelmente, havia muitos resquícios do movimento *punk* nessa nova facção, como o culto à discriminação de minorias, a violência organizada em gangues e a veneração à suástica nazista, um dos símbolos usados para causar temor na sociedade.

O objetivo do movimento dos carecas não é muito diferente dos demais grupos radicais. O que talvez lhe seja peculiar é a preocupação em instruir jovens, filhos de operários pobres do subúrbio, acerca dos problemas políticos e sociais vividos no Brasil. Ainda hoje lutam contra toda forma de imperialismo econômico

representado pelas superestruturas empresariais, principalmente a mídia que, segundo eles, é monopolizada e dominada por judeus.

Eles fazem questão de não serem confundidos com outro movimento bem conhecido e atuante na cidade de Santo André, os *skinheads*. Uma parcela considerável dos *skins* concentrou-se na defesa do nazismo, proclamando a superioridade dos brancos e agredindo as minorias étnicas. A princípio, não estavam muito preocupados em investigar a árvore genealógica de seus membros, a fim de se ajustarem à doutrina nazista original, que pressupõe a ascendência nórdica para o autêntico nazista. Dificilmente todos os esses *skinheads* brasileiros, autodenominados neonazistas, possuem a genética nórdica. Algo que parece mais difícil quando se pensa no Brasil, um País de mestiços.

Dentro do movimento dos carecas do subúrbio havia aqueles que classificavam os *skinheads* como *punks* violentos que “agrediam pelas costas” (IBIDEM, p.188). Acusavam-nos de não terem clareza sobre os princípios originais do movimento *skinhead* inglês.

Conforme Márcia Costa, no ano de 1986, um *punk* publicou um artigo demonstrando as diferenças entre *punks* e *skinheads* europeus e brasileiros. Destacou a razoabilidade de membros dos grupos europeus serem, ao mesmo tempo, neonazistas. Mas criticou ferozmente *punks*, *skinheads* e carecas brasileiros, que utilizam símbolos nazistas sem muita consciência do que isto implica. E comentou: “Se a pessoa é latina ou brasileira [...], esses animais nos consideram lixo por pertencermos a um povo diferente do deles” (“Oi”, 2000 apud COSTA, 2000, p. 119).

O fato é que havia, já desde os primeiros tempos, divergências e muita falta de clareza nos integrantes, com relação aos princípios e às finalidades de cada movimento juvenil radical. Na prática, era difícil distinguir um grupo do outro. Conseqüentemente, muitas pesquisas acadêmicas que se propuseram a analisar pontos comuns e divergentes entre os grupos, apresentavam dificuldades em suas análises.

No caso do neonazismo, a dificuldade é ainda maior, pois tanto os grupos aqui mencionados quanto outros existentes no Brasil, utilizam símbolos oriundos do

nazismo para afrontar a justiça e chamar a atenção da sociedade. É deste modo que muitos pesquisadores, como Lopes e Salem, acabam por conferir o título de neonazistas a quase todos os grupos radicais, pelo simples fato de utilizarem expressões simbólicas do nazismo.

Também há, entre os estudiosos, aqueles que procuram desvendar os mistérios do neonazismo por meio dos sites, comunidades das redes sociais e pelo número de *downloads* com conteúdo neonazista. Algo que parece bastante questionável, pelo fato de que nem todos os que concordam com o neonazismo, ou mesmo que pesquisam e baixam materiais da *internet*, estão vinculados ao movimento.

Assim, o neonazismo acaba por dissolver-se nas muitas expressões juvenis e nas diferentes linhas de pensamento. Também a pesquisadora Márcia Costa, ao analisar o movimento dos carecas do subúrbio, deixa transparecer em sua obra que este movimento é a representação do neonazismo no Brasil. Isto parece ser problemático em virtude de que grande parte dos membros dos carecas procede da miscigenação de negros, índios e europeus, que é a base étnica do País.

Além disso, como quase todos os outros movimentos juvenis, durante anos os carecas precisaram estruturar sua identidade e seus objetivos. Como bem lembra a autora, ao contrário dos “[...] *punks*, os carecas começaram a construir seu próprio movimento [...] através de uma complexa elaboração e reelaboração de mensagens, informações e signos produzidos e captados de diversos modos” (COSTA, 2000, p. 144).

As pesquisas realizadas por Márcia Costa e por muitos outros estudiosos dos grupos juvenis radicais optam por analisar o neonazismo brasileiro a partir das manifestações dos vários grupos, como os carecas do subúrbio. Numa perspectiva diferente desses pesquisadores, o presente texto não optará por essa via, primeiramente porque o neonazismo possui sua originalidade e difere muito do movimento dos carecas. Em segundo lugar, porque o neonazismo é oriundo do nazismo alemão e os carecas originaram-se dos *skinheads* ingleses.

A partir desses dados, não é possível descrever a ação do neonazismo pela análise do movimento dos carecas, nem a partir de qualquer outro grupo juvenil

radical brasileiro. A compreensão do neonazismo deve, antes de tudo, corresponder às suas origens europeias e, a seguir, exprimir o que permanece de original e o que foi adaptado nos lugares onde estão representados. Essa compreensão consta nas pesquisas de Paulo Vinentini (2000), quando analisa o movimento neonazista a partir de suas origens europeias. Esse autor será uma das bases para as considerações deste trabalho.

As muitas concepções do neonazismo no Brasil possivelmente revelam a pouca compreensão ou acesso aos referenciais históricos e doutrinários do movimento em sua originalidade. Parece haver uma espécie de “abrasileiramento” nas análises e, por consequência, na crítica ao movimento por parte de estudiosos e pela sociedade em geral. O fato é que é possível encontrar nos estudos e nas opiniões populares a atribuição de neonazista a membros *skinheads*, *punks*, carecas ou a qualquer grupo que utilize símbolos nazistas e instaure a violência urbana.

Mesmo que existam semelhanças e diferenças entre esses grupos radicais mencionados, todos fazem parte do ultranacionalismo. Uma das hipóteses que explicaria o motivo desses grupos utilizarem símbolos e práticas de inspiração nazista é a identificação mítico-doutrinária com o fascismo moderno, que na Alemanha foi propagado pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDA). Ou seja, o nazismo é uma maneira ficcional e mitológica de entender o mundo e de atribuir a si mesmo certas características e/ou ideologias para a aplicação política na realidade em que se vive.

O termo fascismo é usado de diversos modos devido à sua complexidade. Norberto Bobbio (1998) comenta os três diferentes usos e significados para o termo:

O primeiro faz referência ao núcleo histórico original, constituído pelo Fascismo italiano em sua historicidade específica; o segundo está ligado à dimensão internacional que o Fascismo alcançou, quando o nacional socialismo se consolidou na Alemanha com tais características ideológicas, tais critérios organizativos e finalidades políticas, o que levou os contemporâneos a estabelecerem uma analogia essencial entre o Fascismo italiano e o que foi chamado de Fascismo alemão; o terceiro, enfim, estende o termo a todos os movimentos ou regimes que compartilham com aquele que foi definido como “Fascismo histórico”, de um certo núcleo de características ideológicas e/ou critérios de organização e/ou finalidades políticas. (BOBBIO, 1988, p.466).

Percebe-se, nos termos de Bobbio, que o fascismo pode ser o sistema governamental instituído na Itália entre as duas guerras mundiais, o nazismo alemão ou um conjunto de ideologias coletivistas com fins políticos. Este terceiro ponto é o que se ajusta às definições dos grupos juvenis radicais, como o neonazismo.

Os neonazistas brasileiros, como todo movimento mundial, estão vinculados à extrema direita, também chamada de nova direita. Mas ao contrário dos grupos europeus e norte-americanos, não há indicações de que exerçam uma influência expressiva nos partidos políticos legítimos, isto é, os registrados no Tribunal Superior Eleitoral. Contudo, são expressões ideológicas com fins políticos do moderno fascismo brasileiro. Estão voltados para a ideia de que o real desenvolvimento social e econômico ocorrerá quando a raça branca assumir o poder e determinar os rumos do País.

No Brasil, a ideia de uma nação branca é vista como absurda. Isto pode ser um fator social relevante para barrar o crescimento do neonazismo no País. Entretanto, não se pode presumir que todos os brasileiros discordem da cultura *nazi*. Também o racismo, o preconceito, a homofobia e a agressão às minorias étnicas são vistos como algo socialmente execrável, no Brasil e no mundo; todavia, tudo isso ocorre com muita frequência e de modo velado. Não é possível, portanto, afirmar que as ideias e as práticas neonazistas não estejam crescendo e se desenvolvendo no País.

Em muitos países, ao contrário do Brasil, entidades sociais de direita e partidos políticos, acusados de colaborar com a nova direita, buscam criar um ambiente de aceitação e adesão popular às suas ideias e práticas ultranacionalistas. Encontram muitas maneiras de dissimular a verdade de suas diretrizes. Fundamentalmente, optam por um discurso brando acerca da intolerância racial e da superioridade da raça ariana, e tendem a minimizar a tragicidade dos crimes cometidos contra os judeus na II Guerra Mundial. O fato é que a direita fascista está se adaptando para concretizar suas metas políticas, especialmente na Europa e nos EUA.

Mesmo que esses acontecimentos mundiais em torno do neonazismo estejam influenciando o movimento no Brasil, aqui ele se encontra numa fase inicial. Não há

provas de que possua membros nos altos escalões da política, na mídia ou em associações ligadas a questões políticas, como os grupos separatistas existentes no País. Mas atuam com destreza nos ambientes em que conseguem influenciar. Um desses ambientes é a *internet*.

A antropóloga Adriana Dias realizou uma extensa pesquisa a respeito das influências do neonazismo nas redes sociais. Desde sua dissertação de mestrado, *Os Anacronautas do Teutonismo Virtual: uma etnografia do neonazismo na internet (2007)*, a autora constatou que o neonazismo atrai e instrui os novos membros por meio de apostilas, CDs, cursos e áudios que ensinam como ser neonazista e atuar nos grupos.

Em entrevista ao *Instituto Humanitas Unisinos*³⁴, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, em 2007, a pesquisadora diz ter localizado pelo menos 12.600 sites de conteúdo neonazista. Destes, selecionou 500 mais visitados, e a seguir, analisou os 40 sites considerados os maiores e com mais conteúdo sobre o neonazismo disponível na rede. O conteúdo diz respeito àquilo que já é conhecido do antigo nazismo: a superioridade da raça branca, o projeto de um Estado nazista – a *Neuland* – e o ódio às minorias étnicas. No Brasil, esse ódio racial está voltado primeiramente aos negros, índios, nordestinos, homossexuais e judeus.

Um dado que chama a atenção nas pesquisas de Adriana Dias é o número aproximado de neonazistas atuantes no País. A autora afirma que existem pelo menos 150 mil neonazistas no Brasil. A maioria deles situa-se nos estados do Sul, seguido dos estados do Sudeste e do Nordeste. Dos 150 mil neonazistas, 45 mil estão no estado de Santa Catarina. A autora também revela que a atuação do neonazismo nos estados sulistas está diretamente ligada aos movimentos separatistas, por isso alguns grupos ou células neonazistas denominam-se *nazisulinos*. Tais informações foram retiradas do site *Valhalla88*, considerado o maior site neonazista da América do Sul³⁵.

³⁴ Cf.: DIAS, 2007.

³⁵ Durante o período da redação desta dissertação, o site *Valhalla88* esteve fora da internet. Foram muitas as tentativas de acesso ao seu conteúdo, sem êxito.

O relato dos principais sites neonazistas, no Brasil e no exterior, muitos deles patrocinados por partidos políticos e grupos de pessoas anônimas, é um dos grandes méritos de Adriana Dias. Abaixo, os 40 sites analisados pela pesquisadora, com os devidos endereços eletrônicos.

URLS dos sites pesquisados por Adriana Dias, documentados em sua dissertação de Mestrado (2007):

HITLER PLATZ <http://hitler.blig.ig.com.br/>
AFRIKANER RESISTANCE MOVEMENT
<http://www.awb.co.za/english.htm>
AITHGENA (WAU PORTUGAL) <http://aithgena.blogspot.com/>
ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS AMADORES DERECHITAIS DE GUERRA É HOLOCAUSTO <http://www.vho.org/aaargh/port/port.html>
BENITO MUSSOLINI <http://www.ilduce.net/>
BLOG COMBATE <http://www.valenteeimortal.blogspot.com/>
BLOG CORSERPENTIS88 <http://www.corserpentis88.blogspot.com>
BLOG FASCISMO EM REDE <http://fascismoemrede.blogspot.com>
BLOG HOMEM LOBO <http://www.homemlobo.blogspot.com/>
BLOOD AND HONOUR SP <http://www.bloodandhonoursp.com/>
CAMPAIGN FOR RADICAL TRUTH IN HISTORY
<http://www.revisionisthistory.org>
CAUSA NACIONAL <http://www.causanacional.net>
COSMOTHEISM <http://www.solargeneral.com/mirrors/cosmotheism/>
CREATIVITY MOVEMENT- MOVIMIENTO CRIADOR
<http://www.geocities.com/pepinosmith/portuguese.htm>
DIRLIP <http://www.grupodirlip.org/>
EDITORA REVISÃO MIRROR <http://revisao.grupodirlip.org/>
FORUM LIBERTARIAN NATIONAL
<http://www.nazi.org/community/forum>
FÓRUM REVISIONISTA <http://forum.codoh.info/index.php>
HIJAS DE EUROPA <http://www.hijasdeuropa.tk/>
HISTORICAL REVISIONISM! <http://vho.org/index2.html>
KKK <http://www.kkk.bz>
KKK NET (DISSIDENTE) <http://kkkk.net/page1.htm>
LIBERTARIAN NATIONAL SOCIALIST <http://www.nazi.org/forum>
LOJA ZYKLONB <http://www.zyklonbwear.com/loja/>
NAÇÕES ARIANAS <http://www.aryannations.org/index.html>
NATIONAL ALLIANCE <http://www.natvan.com>
NAZI LAUCK NSDAP/AO <http://www.nazi-lauck-nsdapao.com>
NUEVORDEN <http://www.nuevorden.net/>
RETALIAÇÃO BRUTAL <http://retaliacaobrutar.blogspot.com/>
REVISIONISMO DA II GUERRA MUNDIAL
<http://rhistorico.tripod.com>
SITE DA REVISTA INSTINCT <http://www.rac-usa.org/wau/instinct.html>
SITE PESSOAL DO LEANDRO
http://www.geocities.com/leandrotr_net
SKINHEADS.NET!!! <http://skinheads.net/forums/index.php>
SOLAR GENERAL <http://www.solargeneral.com/>
SS ENTERPRISES <http://www.ssenderprises.com>
STORMFRONT <http://www.stormfront.org/forum>

VALHALLA <http://valhalla88.com/>
W.A.R. - WHITE ARYAN RESISTANCE <http://www.resist.com/>
WAU <http://www.rac-usa.org/wau/>
WHITE POWER SP <http://www.whitepowersp.org/> (DIAS, 2007, p. xix).

Alguns dos sites brasileiros pesquisados por Adriana Dias foram analisados também pela polícia. E muitas pessoas foram localizadas e autuadas. De fato, difundir o neonazismo no Brasil é crime, quando acompanhado do racismo e da intolerância. Independentemente dos muitos benefícios de suas pesquisas para a sociedade, o que ainda se torna questionável, em primeiro lugar, é o número de neonazistas apontados pela autora. Os 150 mil brasileiros neonazistas apontados em suas pesquisas são pessoas anônimas que se identificam com o nazismo, trocam informações e baixam arquivos da internet a respeito do assunto.

O questionamento gira em torno de como é possível comprovar, no anonimato da *internet*, que todos os que acessam conteúdos neonazistas são, de fato, membros do movimento? E ainda, como afirmar que todas as pessoas que baixam, lêem e divulgam esses arquivos estão mal-intencionadas e comprometidas com o movimento? Deve-se pressupor que há pessoas que buscam informações e materiais na *internet* por várias razões, sem, contudo, militarem nos grupos.

A contestação ao elevado número de neonazistas brasileiros assinalados por Adriana Dias é uma crítica que consta nas pesquisas de René Gertz (2012, p.37-39), uma das referências bibliográficas deste trabalho. O autor questiona o critério da veracidade e confiabilidade da *internet*, já que se trata de um ambiente de anonimato e de muitas informações questionáveis. Adriana Dias pautou-se nos dados do sociólogo Túlio Kahn, pesquisador do ILUNUD – Instituto Latino-Americano para a Prevenção de Delito e Tratamento do Delinquente (<http://ilanud.org.br/>), órgão das Nações Unidas para o combate à criminalidade na América Latina, como única fonte citada da *Web*. Também foi destacado pela autora que o maior site neonazista da América Latina, o *Valhala88*, seria mantido a partir do estado de Santa Catarina.

Um segundo ponto questionável nas pesquisas da antropóloga Adriana Dias é a hipótese de que há uma vinculação entre os neonazistas sulinos e os movimentos separatistas da região. De fato, a mentalidade separatista não faz parte da vida de

algumas pessoas, mas é algo cultural, presente em uma grande maioria da população sulista. Um dos fatos que comprovam essa realidade foi a realização de um plebiscito consultivo sem valor constitucional, que perguntou à população sobre a independência dos estados do Sul em relação ao restante do Brasil. Esse plebiscito foi chamado de *Plebiscul*. Realizou-se no dia 1 de outubro de 2016, um dia antes das eleições municipais. E foi organizado pelo maior movimento separatista que há mais de 20 anos atua na região, denominado de *O Sul é meu País*.

Pelo menos 5% dos eleitores dos três estados do Sul foram consultados. A pergunta única na cédula de votação foi a seguinte: “Você quer que Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul formem um país independente?”³⁶ A resposta deveria ser marcada com *Sim* ou *Não*. O resultado foi a vitória do *Sim*, com 95,74% de adesão dos votantes³⁷.

Como já se referiu anteriormente, o crescimento dos movimentos separatistas do Sul está ligado à própria cultura, ao mito fundador da região, desde suas origens imperiais. Basta reler a história da insurreição gaúcha na Revolução Farroupilha, com a República Rio-Grandense e da proclamação da República Juliana, em Santa Catarina. Entretanto, o que a pesquisadora Adriana Dias não deixa claro é de onde tirou informações que justifiquem a participação e a vinculação dos neonazistas com os separatistas do Sul e vice-versa. E de que forma isso ocorre. Até hoje não há algum registro oficial da imprensa que relacione neonazistas com as causas separatistas, a não ser a utopia da *Neuland*. Tampouco há registros de atividades do movimento *O Sul é Meu País*, movimento oficial do separatismo do Sul, que utilizasse símbolos ou aclamações nazistas em suas manifestações públicas.

A afirmação de que os brasileiros do Sul são, em sua maioria, separatistas – sejam eles de esquerda ou de direita, brancos, negros ou indígenas, de religião cristã, judaica ou muçumana ou sem referencial religioso – é uma possibilidade razoável, mas afirmar que os movimentos separatistas, conhecidos pela população, estejam por trás do neonazismo deve, no mínimo, apresentar fatos que comprovem

³⁶ Cf.: Site do movimento: <http://www.sullivre.org/>.

³⁷ O resultado total foi o seguinte: O Estado do Paraná registrou 88,82% de votos sim e 11,1% de não. Santa Catarina registrou 94,21% de sim e 5,37% de não. O Rio Grande de Sul registrou 97,21% de sim e 2,70% de não. Totalizando 616.917 votantes nos três Estados (Ver em: <http://www.sullivre.org/>).

sua veracidade; não apenas argumentos hipotéticos. Argumentos que não se pautaram em dados de uma pesquisa de campo, por exemplo.

Os grupos citados pela autora, e que são denominados de *nazisulinos* ou *sulnazistas*, revelam mais a localização geográfica em que se encontram e a distinção dos demais grupos do País, do que vínculos com os movimentos separatistas. Não há um único registro policial que comprove essa vinculação, tampouco uma única manifestação pública e oficial de apoio do *Sul é Meu País* em relação aos neonazistas.

As afirmações de Adriana Dias sobre o número de neonazistas³⁸ existentes no Brasil e que eles estão vinculados ao separatismo do Sul, sem, contudo, demonstrar provas concretas são dois motivos para que seus escritos não sejam uma das referências bibliográficas relevantes neste trabalho, embora importantes para a academia.

Esses e outros questionamentos ao trabalho da autora foram, primeiramente, assinalados por René Gertz. O historiador gaúcho há anos se dedica a temas como o nazismo alemão, o revisionismo e suas influências no Brasil. Em sua recente publicação *O Neonazismo no Rio Grande do Sul* (2012), faz referências a fatos ocorridos no cotidiano gaúcho que foram atribuídos ao neonazismo, notadamente a partir de 2003.

A obra tem por objetivo, mais que conceitualizar o neonazismo, questionar a ideia que relaciona a imigração germânica do Sul com o aparecimento e o desenvolvimento do neonazismo. Ideia defendida por estudiosos do assunto, como a antropóloga Adriana Dias.

No Brasil, como já é sabido, o nazismo foi trazido pelos imigrantes europeus, especialmente os alemães, mas isso não ocorreu com o neonazismo. Embora estejam relacionados, o nazismo e o neonazismo brasileiros possuem histórias diferentes nas suas fundações.

³⁸Gertz questiona a autora por primeiramente assinalar o número de 150 mil neonazistas no Brasil, mas em outra entrevista, colocar o número de 90 mil para os neonazistas brasileiros (cf.: GERTZ, 2012: p. 38).

Por uma lógica simples de entender, muitas pessoas relacionam o nazismo com os alemães, e conseqüentemente, o neonazismo com os descendentes dos antigos alemães vindos como imigrantes. Esse preconceito, afirma Gertz, é recorrente nas pesquisas acadêmicas e no senso comum em geral.

As análises acerca do neonazismo feitas por Gertz são importantes por desmistificarem esses antigos preconceitos existentes com relação à etnia germânica no Sul. Ajudam a compreender que, mesmo que o neonazismo seja a tentativa de dar continuidade às práticas do nazismo alemão, ele situa-se em outro contexto histórico. E já não pode mais ser considerado movimento puramente alemão. É adotado em diversos países e adaptado a muitas etnias. Se porventura os neonazistas pretendem dar continuidade ao projeto iniciado por Hitler, isto não lhes é mais possível, pois o nazismo histórico é único e irrepetível e não há como reproduzi-lo no tempo presente.

Essa ideia de continuidade entre os dois movimentos provoca a afirmação de que o novo nazismo continua nas mãos dos alemães e seus descendentes. Na Região Sul, ainda hoje é comum a acusação de que os gaúchos descendentes de alemães são os mais interessados em participar e difundir o movimento neonazista. As críticas de Gertz às concepções de Adriana Dias ocorreram quando ele identificou nos escritos da pesquisadora, a confirmação de que o crescimento do neonazismo sulino tem como principal causa o grande número de descendentes de alemães presentes naquela região.

Gertz menciona sua crítica às opiniões de Adriana Dias, nestes termos:

Minhas pesquisas e meu interesse estavam muito concentrados na tentativa de verificar o eventual caráter exclusivamente “alemão” do “neonazismo”, e [...] imaginei que [...] Adriana Dias pudesse tratar desse tema – e, eventualmente, provar, com dados “duros”, que minha opinião estava totalmente errada. (GERTZ, 2012, p. 38).

A opinião do autor, de fato, não estava errada. Adriana Dias e outros pesquisadores relacionam, sim, os descendentes de alemães ao neonazismo. O que o historiador questiona não é o fato das evidências que ligam o nazismo e ao neonazismo, mas, antes, a persistente vinculação que se faz entre neonazismo e a cultura alemã em seus descendentes.

Portanto, mesmo que o neonazismo pretenda ser a continuidade do projeto racista de Hitler, não é movimento vinculado apenas aos alemães. Possui adeptos em todos os continentes do mundo, principalmente na Europa e nos EUA. E por mais curioso que pareça ser, existem neonazistas em países que foram menosprezados por Hitler, constituídos por povos negros, amarelos e indígenas³⁹.

A obra *O Neonazismo no Rio Grande do Sul* (2012) possui o mérito de observar aspectos nem sempre entendidos pela sociedade e destacados pelos pesquisadores. Especifica que o neonazismo é um movimento internacional, ao indicar suas origens na Europa. Que a constituição de um grupo não depende apenas do pacto entre alguns jovens que agem violentamente, cometem crimes raciais e usam suásticas. O neonazismo não é do Brasil, mas está no Brasil e em outros países. Sempre assentado na doutrina racial ariana e adaptando-se, naquilo que é possível, ao contexto dos lugares em que atua.

Outro destaque importante da obra de René Gertz é mencionar as investigações do delegado Paulo César Jardim, da cidade de Porto Alegre, que é a maior autoridade legal para os assuntos concernentes ao neonazismo no País. Embora também tenha suas críticas às concepções do delegado Jardim, encontrando neles resquícios da relação neonazismo e descendentes de alemães, Gertz destaca um ponto fundamental para as investigações sobre o assunto e para essa pesquisa.

Até a publicação de seu livro, em 2012, não havia mais que 35 neonazistas registrados no Estado do RS. Em recente entrevista à imprensa, Jardim diz ter neste ano de 2016, cerca de 100 neonazistas registrados pela justiça. Ao contrário das pesquisas que levantam a hipótese da existência de centenas ou milhares de neonazistas no Brasil, ou daquelas que os confundem com outros grupos juvenis radicais, a justiça oficializa este pequeno grupo como neonazistas por julgar

³⁹Em países como a Mongólia é possível ver a incidência de grupos identificados com o neonazismo. Algo aparentemente muito estranho, pois na II Guerra Mundial, quando Hitler aprisionava soldados russos, aqueles que possuíam feições mongóis, eram imediatamente executados, ao contrário dos russos loiros. O Chile é outro país que curiosamente possui vários grupos neonazistas. E muitos dos seus membros são de ascendência indígena, como a maioria da população chilena, constituída da miscigenação de europeus (especialmente espanhóis e alemães) e indígenas (cf.: VASCOUТО, 2005). O Brasil, que é um País de mestiços, também está entre os países que mais possuem grupos neonazistas.

possuírem características, doutrina e práticas que se ajustam ao movimento internacional.

A obra de Gertz reflete sobre o preconceito racial outorgado aos alemães de ontem e de hoje (seus descendentes). De fato, não é racional justificar pesquisas ou imputar fatos obscuros do neonazismo à etnia germânica, por redundar em um novo preconceito. É fato inegável que a maioria do povo sulista – seja ele de origem germânica ou não – desaprova o neonazismo. Nem mesmo Hitler, com todo o seu poder e capacidade de persuadir as massas, obteve total e absoluto apoio em seu país. O fato é que o preconceito de relacionar os descendentes de alemães ao neonazismo persiste e é também difundido por estudiosos e pela irreflexão do senso comum.

A julgar pelo título – *O Neonazismo no Rio Grande do Sul* – a obra de Gertz parecia ser, num primeiro momento, um grande achado para esta pesquisa. Isto porque não há uma abundante bibliografia a respeito do tema do neonazismo no Brasil. Entretanto, o livro ocupa-se mais em absolver a cultura germânica da acusação de ser mentora do nazismo/neonazismo gaúcho. É o que destaca o autor, quando afirma:

[...] preocupo-me com a difusão de notícias desabonadoras sobre a população de origem alemã no Rio Grande do Sul, pelos perigos que elas representam para a paz, a estabilidade e a convivência minimamente harmônica neste Estado (GERTZ, 2012, p. 144).

Para uma suficiente análise do neonazismo no Brasil, especificamente na região metropolitana de Porto Alegre, a base reflexiva do trabalho são as análises, posicionamentos e informações prestadas ao domínio público proferidas pelo delegado Jardim, da 1ª Delegacia de Porto Alegre, que a seguir serão apresentadas.

5.2.2 Grupos Neonazistas

A história do neonazismo brasileiro teve início na década de 1980. Eram tempos de recessão na economia e de crise política. O “milagre econômico”, iniciado com a ditadura militar, estava em decadência e o desemprego aumentava rapidamente. Isso gerava insegurança e desconfiança nos brasileiros, com relação ao futuro, especialmente nos jovens.

Por outro lado, foi um tempo importante para a juventude, que conquistara maior liberdade de expressão, após anos de dura repressão militar. Multiplicavam-se os grupos juvenis, também chamados de tribos. Dentre eles estavam os *punks*, os *skinheads*, os góticos e as torcidas organizadas dos grandes times de futebol. Também havia os vinculados à música, à arte e à estética. Outros, ainda, mais ligados às religiões tradicionais e ao esoterismo, como as pastorais e ministérios, no cristianismo, e grupos como os *Rastafári* e *Hare Krishna*.

Nesse contexto apareceu o neonazismo. Ainda hoje é um fenômeno recente e pouco conhecido da sociedade brasileira. Foi a partir do ano 2000 que os casos de violência, envolvendo o neonazismo, começaram a ganhar mais repercussão nos debates sociais. Primeiramente pelo crescimento acelerado dos grupos no País e pela rapidez e facilidade com que as notícias são transmitidas, sobretudo com o advento da *internet*.

Os neonazistas estabeleceram-se inicialmente no Sudeste, mas, a seguir, também foram para a Região Sul do País. Os primeiros grupos eram pequenos e tímidos, quase que imperceptíveis. Por vezes foram confundidos com os *skinheads*. Mas com o passar dos anos, movidos pelo crescimento institucional e pelo fortalecimento do neonazismo europeu, os grupos brasileiros começaram a interagir com grupos estrangeiros, recebendo inclusive formação doutrinal e ajuda financeira.

Para a devida compreensão do neonazismo é preciso evitar a relação de igualdade com outros grupos radicais que também agem por meio da discriminação racial, da violência e da intimidação. É comum em comentários da imprensa e em trabalhos acadêmicos, como já se referiu acima, a afirmação de que neonazistas, *punks*, *skinheads*, *hooligans* e os carecas do subúrbio pertencem a um mesmo grupo.

Os *skinheads* nasceram na década de 1960, na Inglaterra. Formavam uma subcultura juvenil, inspirada na música caribenha, na estética e no próprio estilo comportamental afro-americano. Inicialmente, os grupos eram formados por ingleses brancos ou negros e por imigrantes jamaicanos e seus descendentes. Discordavam em muitos aspectos dos *hippies*, que eram jovens da classe média e pouco reacionários pelas causas sociais. Os *skinheads* da década de 1960 eram bastante

tolerantes com a cultura negra. Discordavam dos neonazistas por estes serem avessos aos não arianos.

O movimento *skinhead* sofreu várias modificações ao longo das décadas de 1970 e 1980, dando origem a diferentes grupos e formas de atuação. Com o passar do tempo, adotaram a marca do preconceito e da intolerância raciais. Tornou-se comum sua agressão aos negros, asiáticos e a todos os imigrantes que buscavam trabalho na Europa. Estes últimos foram considerados inimigos do velho mundo e concorrentes dos europeus natos nos postos de trabalho e nas vagas nas universidades. Pelo aspecto do preconceito e do racismo foram confundidos com os neonazistas (cf.: PEDROSO, 2011).

Os *hooligans* surgiram no Reino Unido na década de 1960. Etimologicamente, *hooligans* vêm da palavra inglesa *hooligan*, que significa vândalo. O objetivo do movimento é torcer e apoiar o time de futebol preferido, nos estádios e nas outras atividades sociais do clube. Na prática, promovem o confronto e a violência contra as torcidas organizadas dos times adversários. Estão ainda hoje presentes nos grandes campeonatos europeus de futebol. O preconceito, nesse caso, é mais desportivo do que racial.

No Brasil também existem torcidas organizadas nos principais times de futebol. Em algumas ocasiões, membros dessas torcidas agem como vândalos e enfrentam as torcidas adversárias e a polícia com violência, nos estádios, nas ruas e nas estações de transporte público.

Tanto os *hooligans* europeus como as torcidas organizadas brasileiras são totalmente diferentes do movimento neonazista. No Brasil, as torcidas organizadas são constituídas por pessoas de todas as etnias. Grande parte dos seus membros são moradores das periferias das grandes cidades, lugares em que residem muitos negros e mestiços. Isso já é motivo suficiente para não relacionar ou confundir as torcidas organizadas com o neonazismo.

No Estado do RS também existem torcidas organizadas. As mais conhecidas são as torcidas do *Sport Club Internacional* e do *Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense*. Ao longo da história houve vários incidentes violentos entre essas torcidas. No entanto, algumas medidas socioeducativas há tempos estão sendo tomadas e a

resposta é considerada eficaz. Um torneio entre ambas as equipes foi destaque nesse aspecto da reeducação esportiva das torcidas.

No dia 1 de março de 2015 aconteceu o tradicional *grenal*⁴⁰. Aquela disputa esportiva foi chamada de *Grenal da Paz*. Na ocasião, cada torcedor que adquirisse um ingresso recebia outro gratuito para dar de presente a um amigo do time oposto. No dia da disputa, o estádio estava repleto de torcedores, de ambas as torcidas e completamente misturados entre amigos, numa competição pacífica e cordial. Esse evento, único na história desportiva brasileira, tornou-se um marco referencial para o esporte no País, tão acostumado a eventos lamentáveis, envolvendo violência e agressões físicas e verbais entre torcidas opostas.

Pode-se dizer que o maior problema das autoridades gaúchas não são as torcidas organizadas, mas grupos antissociais, como os neonazistas e alguns vândalos inseridos em meio aos torcedores. A preocupação da polícia, nesses eventos, tem por base o fato de que os neonazistas estão se multiplicando rapidamente e se introduzem em eventos esportivos para agir violentamente, atacando adversários pertencentes a grupos étnicos bem específicos.

Um caso importante ocorreu em 16 de setembro de 2007, quando integrantes neonazistas, infiltrados no time do Grêmio, atacaram um jovem negro, aplicando-lhe 11 golpes de canivete que quase o mataram. Os envolvidos, inclusive um menor de idade, responderam por tentativa de homicídio, formação de quadrilha e racismo, além de corrupção de menores⁴¹. A ação desses indivíduos nos estádios de futebol tem o paradoxal objetivo de se revelarem na multidão e se esconderem no anonimato das massas. Deste modo, não deixam de atuar e de recrutar novos adeptos.

Na Região Sudeste do Brasil, tudo indica que os possíveis grupos neonazistas agem contra nordestinos e imigrantes que chegam à região da Grande São Paulo. Até o momento, os estados do Sul parecem não estar na rota direta da imigração de estrangeiros e nordestinos, embora haja muitas dessas pessoas na

⁴⁰A expressão *grenal* refere-se à clássica disputa entre os dois maiores times do RS, o Grêmio (gre) e o Internacional (nal).

⁴¹ UOL, 2007.

região. Existe, no entanto, a presença de afrodescendentes, judeus e da comunidade LGBT. Isto favorece o ódio racial e o preconceito de gênero (ou cultural) no Estado.

Conforme os comentários do delegado Paulo César Jardim, o Sul é a região mais propícia para a ação e o recrutamento de neonazistas. Ele acredita que um dos motivos seja porque a maioria da população gaúcha é de origem europeia, portanto, ariana. Este fato parece ser um dos motivos basilares para a sonhada nação branca na América do Sul, a *Neuland*, visto que a nação branca na Região Sul é o objetivo geral do neonazismo brasileiro.

Alguns acontecimentos importantes e reveladores da ação, das características e do perfil do neonazismo foram registrados pela justiça e servem para relacionar o neonazismo com a sociedade gaúcha. Na reportagem de Marcelo Gonzatto e Cleidi Pereira (2014) foi apresentado o resumo dos seguintes fatos:

No ano de 2003, um estudante *punk*, de 24 anos, relatou ter sofrido agressões de um grupo neonazista armado com bastões e soqueiras, quando estava saindo de um bar, nas imediações da Avenida Independência, centro de Porto Alegre.

Em 2005, três judeus foram agredidos a socos e facadas num bar da capital gaúcha. Em agosto do mesmo ano, em Caxias do Sul, um homossexual foi morto em um parque da cidade. Em outubro, um *punk* foi agredido na rua. Esses crimes estão diretamente relacionados ao grupo neonazista existente nessa cidade.

Em 2009, o casal Bernardo Dayrell e Renata Ferreira foi assassinado numa chácara na localidade de Quatro Barras, distrito metropolitano de Curitiba, Paraná. Os neonazistas estavam comemorando a festa de aniversário de Adolf Hitler. Tudo indica que foi uma disputa de poder entre a célula neonazista liderada por Dayrell contra a liderada por Ricardo Barollo. Ricardo foi apontado como mandante do duplo homicídio. Além dele, Jairo Maciel Fischer, Rodrigo Motta, Gustavo Wendler, Rosana Almeida e João Guilherme Correa foram acusados de participar do crime.

Em 2010, uma blitz policial apreendeu livros, CDs, soqueiras e facas com alguns jovens em Porto Alegre, além de um vídeo ameaçando o senador gaúcho

Paulo Paim, que é negro. Ao saber do fato, o senador divulgou uma carta de repúdio, dizendo que não cederia às ameaças neonazistas ou de qualquer outro grupo racista. Num dos trechos da carta, ele comenta:

Se eles pensam que com este movimento vão calar a minha voz no Congresso Nacional, que sempre foi e será em defesa dos discriminados, sejam eles negros, brancos, índios, ciganos, evangélicos, católicos, de matriz africana, judeus, palestinos e daqueles que lutam pela livre orientação sexual, estão enganados. Pelo contrário. Continuarei a minha luta para que todos os preconceitos e discriminações sejam eliminados em nosso País. Se o material elaborado por essas pessoas foi feito para me intimidar ou prejudicar, isso não aconteceu, pois não me intimido e tampouco os gaúchos. Lembro que há oito anos fui eleito para o Senado com 2 milhões de votos e o povo gaúcho, numa demonstração de repúdio a esse tipo de atitude neonazista, me reelegeu com quase o dobro de votos, 3.9 milhões (PAIM, 2010 apud Vermelho Portal, 2010).

No ano seguinte, em 2011, a polícia investigou a pichação de uma grande suástica, símbolo nazista, nos ladrilhos de uma das escadarias do Viaduto Otávio Rocha, na capital gaúcha. Em outubro desse mesmo ano, um grupo de *punks* anarquistas, denominados “Anarcopunk” e alguns *skinheads* e neonazistas se enfrentaram em uma briga na capital gaúcha. Duas pessoas ficaram gravemente feridas à faca.

Em 2012, em janeiro, a Brigada Militar de Caxias do Sul interceptou um grupo de neonazistas armados com soqueiras, bastões e facas, no momento em que iam agredir alguns negros e *punks* que esperavam o transporte público. Em março de 2013, um negro foi esfaqueado no abdômen, quando voltava de uma festa. A suspeita recaiu sobre um dos grupos neonazistas da capital.

Dentre os casos relacionados ao neonazismo gaúcho, a agressão a três judeus, em 2005, foi fundamental para uma nova atitude da justiça e da sociedade gaúcha ante o movimento neonazista. Esse fato foi essencial para o avanço das investigações e para o monitoramento do grupo agressor. Proporcionou à sociedade brasileira e em especial à gaúcha, um amplo debate e maior consciência sobre as discriminações racial e cultural promovidas pelo movimento neonazista. Conforme as análises do delegado Paulo César Jardim, o fato comprova não só a existência do neonazismo, como o coloca na condição de um dos principais problemas relacionados ao racismo e à violência no RS.

René Gertz comenta que, a partir desse fato, as investigações do delegado Jardim sobre o neonazismo tomaram um novo rumo. Jardim considera o ocorrido como um “[...] marco-divisor, tanto de suas investigações, quanto do próprio movimento [...]” (GERTZ, 2012, p. 134). Ou, ainda, o fato pode ser entendido como “[...] o batismo de fogo do grupo, pois, segundo o delegado, eles próprios teriam dito: “Enquanto vocês comemoram 60 anos do fim do Holocausto, nós queremos mostrar que estamos presentes e existimos” (IBIDEM, p. 134).

A ocorrência mais importante ocorreu na “Cidade Baixa”, região central de Porto Alegre. Trata-se de um bairro famoso pela intensa vida noturna, modernidade e nobreza. Local frequentado por universitários, intelectuais e artistas. Situa-se nas proximidades do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Parque Farroupilha, uma das áreas mais arborizadas da cidade.

No dia 8 de maio de 2005, nas festividades dos 60 anos do término da II Guerra Mundial, três jovens judeus conversavam distraidamente, em frente ao “Bar Pinguim”, quando foram surpreendidos por um grupo armado com facas e canivetes. Conforme o registro policial, os jovens agredidos foram: Rodrigo Fontella Matheus, Edson Nieves Santanna Júnior e Alan Floyd Gipsztein. Esses dois últimos conseguiram desvencilhar-se dos agressores, mas Rodrigo foi ferido gravemente.

O Poder Judiciário gaúcho determinou que deveriam ir a julgamento os seguintes acusados de envolvimento nesse episódio: Ana Paula Peluso Dutra, Daniel Vieira Sperk, Fábio Roberto Sturm, Israel Andriotti da Silva, Laureano Vieira Toscani, Leandro Comaru Jachetti, Leandro Maurício Patiño Braun, Luzia Santos Pinto, Marcelo Moraes Cecílio, Rafael Barbosa Coitinho, Rodolfo Waterloo Monteiro, Thiago Araujo da Silva, Valmir Dias da Silva Machado Junior e Vanessa Veríssimo Silveira (GERTZ, 2012, pg. 34).

O acompanhamento deste fato e de todos os casos de discriminação e violência, atribuídos aos neonazistas, como já se referiu, está sob a responsabilidade do delegado Paulo César Jardim. Os agressores estavam dentro de um bar e, ao perceberem a presença dos judeus, pelo uso das *quipás*, saíram em direções aos jovens e os atacaram violentamente, com a intenção de matá-los.

Ao todo, a polícia identificou 14 membros neonazistas participantes dessas agressões. Conforme relato das vítimas e de testemunhas próximas, enquanto alguns “[...] agrediam os três amigos, outros formavam uma barreira, impedindo

intervenções em favor das vítimas, e outros gritavam palavras de ordem e incitavam à continuidade do ataque” (OLIVEIRA, 2013). O processo ainda está em vigor. Os agressores serão julgados em júri popular. E todos enfrentarão a acusação de crime de racismo.

A juíza Marta Borges Ortiz, de Porto Alegre, que acolheu o caso, diz que só não houve a morte dos três jovens porque algumas pessoas intervieram. E relata:

O motivo torpe veio sumariamente evidenciado na discriminação racial, conforme relatos das testemunhas acima transcritos, bem como pelos depoimentos dos próprios acusados na fase policial, salientando-se as narrativas [...], as quais referiram que os acusados exclamavam que as vítimas eram bandidos e mereciam morrer (ORTIZ, 2005 apud OLIVEIRA, 2013).

Os denunciados admitiram ter participado de grupos radicais, como o neonazismo e os *skinheads*. Com eles foram apreendidos materiais de panfletagem, de cunho racista. O delegado Paulo C. Jardim afirmou que na noite das agressões, todos se dirigiram para a casa de uma das partícipes, namorada de um dos envolvidos. Segundo Jardim, as mulheres do grupo agiram

[...] de forma paramilitar, com uma estrutura montada para a realização daquele ataque. As vítimas levaram facadas, tiveram lesões graves, fígado atingido, braços dilacerados e um rapaz teve traumatismo craniano. Enquanto os agressores espancavam, as namoradas davam cobertura. Elas haviam levado as armas (JARDIM 2005, apud OLIVEIRA, 2013).

No ano de 2009, a deputada gaúcha Maria do Rosário Nunes (PT-RS) e o deputado Marcelo Itagiba (PMDB-RJ) requereram a criação de uma Comissão externa da Câmara dos Deputados destinada “[...] a acompanhar as investigações a respeito da quadrilha de neonazistas desarticulada no Estado do Rio do Grande do Sul, com células organizadas em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, e seus desdobramentos” (REQ 5/2009 CEXNEONA, 2008). Na primeira reunião ordinária, em 23 de junho, foram aprovados requerimentos para obtenção de informações sobre os grupos neonazistas do RS, com células nos estados referidos acima e a tomada de depoimentos de possíveis envolvidos no movimento.

A quadrilha neonazista referida pelos deputados, e que, segundo eles,

[...] começou a ser desarticulada no Rio Grande do Sul, pretendia realizar atentados a sinagogas no País, e pelo menos 50 pessoas estão envolvidas no movimento, apenas em cidades gaúchas [...]. O

grupo articula também candidaturas políticas em pequenas cidades. Para atrair adeptos entre os que não têm simpatia pelo movimento, passaram a colecionar casos de homicídios praticados por negros em todo o País. É de grande importância que o parlamento acompanhe o andamento destas investigações, para que resultem numa resposta rigorosa a esses neonazistas que pretendem se articular e disseminar o ódio e o racismo por todo o território nacional. Estas são as razões que justificam a realização de reunião no Estado do RS desta Comissão Externa (GERTZ, 2012, p. 88).

A reunião ocorreu no dia 13 de julho. Entre os convidados estavam: Dr. Henri Chmelnitsky (presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul); Dr. Cláudio Silveira Batista (gerente jurídico do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegretense, representando o Dr. Fernando A. Kroeff, presidente do clube); Dr. Adriano Duarte (Jornalista do Jornal Pioneiro, de Caxias do Sul, RS); Dr. Ciro Martins (Rádio Gaúcha e RBS-TV, sucursal da Rede Globo no RS); Dr. José A. Dornelles de Oliveira (Polícia Federal, representando Ildo Gasparetto); Dra. Diana Calazans Mann (Polícia Federal); Dr. Paulo César Jardim (delegado titular da 1ª DP de Porto Alegre, RS); e Isidoro de Souza Rezes (representante da Comunidade LGBT, do RS)⁴².

Além do fato da agressão aos três judeus em Porto Alegre, notícias de que Caxias do Sul está na rota do neonazismo internacional alarmaram ainda mais as investigações policiais e a preocupação da sociedade com a presença desses grupos no Estado. O jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul, na edição de 31/05/2009, afirma que a cidade é uma das bases do neonazismo nacional. Inclusive que Ricardo Barollo, possivelmente líder nacional do Movimento Neonazista, havia visitado várias vezes a cidade para articular ataques terroristas às sinagogas e às minorias étnicas. Conforme reportagem, para os neonazistas,

[...] as mortes seriam necessárias para viabilizar os planos de separar os Estados do Sul do restante do País. Com isso, seria criado um novo país livre da influência de judeus, negros, homossexuais, nordestinos e mestiços (DUARTE, 2009).

Algo surpreendente foi a declaração do delegado Paulo C. Jardim, ao afirmar que estava existindo, apesar das boas intenções da Comissão Externa da Câmara e dos debates da sociedade gaúcha, um exagero nas questões relativas ao neonazismo no Estado do RS. Disse que na serra não havia grupos, embora concordasse que o líder supremo do neonazismo no Brasil estivera por várias

⁴² Cf.: IBIDEM, p. 88.

ocasiões naquela cidade, articulando atos terroristas. Conforme a interpretação de René Gertz à fala do delegado Jardim, o que ocorre na verdade é

[...] o desconforto pelo fato de a agitação ter deslocado o foco da atenção para o interior, para a Colônia, quando, na realidade, as manifestações e atos considerados “neonazistas” sempre haviam se encontrado na capital e em seus arredores. (GERTZ, 2012, p. 94).

Em entrevista ao jornal Zero Hora, de Porto Alegre, na edição de 13.07.2009, em reportagem especial sobre o encontro daquela tarde na Assembleia Legislativa do RS, o delegado Jardim afirmou que “[...] está na hora de as pessoas se preocuparem. Evitamos há pouco tempo uma possível catástrofe – chegamos a apreender bombas” (JARDIM, 2009 apud ZH, 2009). Também fez referências de que já acabou, no Estado, a fase “romântica” de pichações, panfletagens e mensagens ameaçadoras. E que eles estariam se armando e prontos para ataques terroristas (Cf.: GERTZ, 2012, p. 94). Como se percebe, a comissão externa para assuntos sobre o neonazismo no Brasil (CEXNEONA) realizou seu primeiro evento em Porto Alegre e não em São Paulo, região por vezes vista como a de maior concentração de grupos *skinheads* e neonazistas no Brasil.

Em 4 de setembro de 2009 aconteceu uma audiência na Assembleia Legislativa de São Paulo. O deputado Marcelo Atagiba solicitou a presença e as declarações da antropóloga Adriana Dias, considerada a maior autoridade em estudos sobre o neonazismo no Brasil, para prestar declarações sobre as identidades negras e judias diante do discurso racista. Na prática, a Comissão Externa da Câmara não redundou em nada de concreto. Com o final da legislatura, na passagem dos anos de 2010 para 2011, parece que as comissões foram extintas, inclusive a CEXNEONA (IBIDEM, p. 97).

Até o ano de 2016, o Dr. Jardim havia obtido pelo menos 100 nomes de membros documentados pela polícia, mas prudentemente não divulgados, pois é preciso uma longa investigação para saber se um indivíduo é de fato membro assíduo, colaborador ou simpatizante do movimento. Tais pessoas estão sendo constantemente monitoradas pela polícia.

Em 3 de julho de 2013, Jardim concedeu uma longa entrevista a respeito do perfil, da ação e de outras características gerais dos grupos neonazistas existentes no RS. Seus esclarecimentos são fundamentais para entender o movimento no

Estado e o que ele tem como diferencial dos demais grupos juvenis radicais que existem no País. A base argumentativa desta dissertação assenta-se na análise e nos relatos do delegado Jardim, uma vez que ele se tornou a referência mais importante no Brasil para as questões relacionadas ao neonazismo.

Há mais de uma década investigando o neonazismo, o Dr. Jardim afirma que o RS é a região mais propícia para os ideais neonazistas, por causa do histórico de relações com o nazismo e pelo grande número de descendentes de alemães e demais povos europeus.

Em virtude do rápido aumento dos grupos neonazistas em cidades gaúchas, uma das primeiras atitudes de investigação do delegado Jardim foi traçar o perfil de seus membros. Destaca que são quase todos jovens de 17 a 30 anos de idade, geralmente pertencentes à classe média e com boa formação intelectual. Muitos são ou foram universitários. Os grupos costumam ser formados de 3 a 15 membros, geralmente homens, embora possuam algumas mulheres. No Estado do RS, ter ascendência europeia é fundamental para a admissão como membro em uma das células.

Os neonazistas não são subversores comuns. Eles questionam, argumentam e respondem conforme aprenderam da doutrina hitlerista. Dentre as leituras básicas para a doutrinação dos grupos estão o *Mein Kampf*, *O Diário de Tania Savitcheva* e *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Nas palavras de Jardim, quando um neonazista é sabatinado na delegacia, um dos seus primeiros questionamentos é se quem o interroga conhece e é capaz de comentar acerca do movimento revisionista e da luta pretendida pelo neonazismo. Torna-se evidente a formação doutrinária como uma das marcas para descrever o perfil de um autêntico neonazista. Muitos deles, inclusive, falam e escrevem no idioma alemão.

A ação neonazista revela o lado mais obscuro e violento do movimento. Alguns dos *slogans* usados por eles demonstram essa realidade, quando afirmam que “[...] não basta superar o inimigo, é preciso fazê-lo ter medo” (JARDIM, 2013 apud SARTORI, 2013) A doutrina e a violência são os dois lados da mesma moeda. Quer dizer, toda a formação doutrinária deve levá-los à aplicabilidade, segundo os critérios da *Mein Kampf*.

Nas ruas, a ação de um neonazista vai da extrema discrição ao despropósito da violência. Num primeiro olhar, um neonazista não se distingue de jovens de vida e estilo modernos: geralmente tatuado, com adereços em metal espalhados pelo corpo, cabelo raspado e roupas escuras. Poderá até mesmo ser confundido com um *skin*, ou *heavy metal*. Quando, porém, se unem em células para atuar, eles intimidam, amedrontam, humilham com palavras e gestos obscenos e, na maioria das vezes, agridem violentamente suas vítimas. Em certos casos, matam.

A intimidação, o medo e o terror espalhados são possíveis porque os neonazistas não agem sozinhos, mas sempre em grupos de pelo menos três membros. Eles são bastante aplicados na observação da doutrina e nas suas ações em gangues. Entre eles há um código de conduta rigorosamente obedecido. No código, constam as regras éticas para os grupos e para a ação nas ruas. Eles estão igualmente preparados para se defender quando livres na sociedade e também quando detidos pelas autoridades policiais. Precisam saber o que devem e o que não devem dizer em um depoimento.

Sem muitos detalhes, por se tratar de uma investigação sigilosa da polícia, Jardim comenta que os grupos recebem vídeos e cartilhas dos grupos internacionais, mas também são capazes de produzir seus próprios materiais, cujo conteúdo se trata, comumente, do treinamento de guerrilha, autodefesa, lutas marciais e regras doutrinárias. Uma das regras mais severas é a condenação à morte se os segredos mais importantes forem revelados. E penas severas se um neonazista abandonar o grupo sem um motivo plausível.

Jardim explica que o neonazismo é complexo e possui o poder de fascinar os que se deixam doutrinar. O mito da raça superior, raça da qual eles se sentem membros e defensores, é uma realidade ficcional assumida como verdade de vida. Eles acreditam no ideal ariano e fazem do mito da superioridade racial a regra de conduta. Por isso, mesmo aqueles que por algum motivo abandonam o grupo por um tempo ou para sempre e permanecem vivos, dificilmente abandonam a ideologia. Eles acreditam que Hitler estava com a razão e vivem e se relacionam socialmente a partir dessa ideologia.

Os neonazistas só deixam de atuar nas gangues de rua por um motivo muito forte. Por exemplo, quando obrigados a assumir compromissos familiares ou profissionais sérios. Jardim comenta que muitos neonazistas, por volta de seus 30 anos, acabam forçados a estudar e a trabalhar mais. A sociedade gaúcha é extremamente exigente com relação à formação e à mão-de-obra especializada.

O jovem que passa pela experiência de ser foragido, interrogado, investigado, processado ou preso pela polícia, acaba percebendo que seu futuro é prejudicado, sobretudo nos campos familiar e profissional. Além disso, há uma pressão social grande, como um dos elementos positivos para a dispersão dos grupos neonazistas. Eles acabam refletindo sobre a instabilidade econômica em que vivem e decidem abandonar o grupo.

Com os modernos meios de comunicação e a rápida interação entre as pessoas, a difusão da doutrina se tornou muito facilitada. Mas nesse ímpeto de obter novos membros, há um processo seletivo para que um jovem faça parte de uma das células neonazistas.

Primeiramente, é preciso ser branco, de ascendência europeia. Salvo algumas exceções, o indivíduo deve ter sangue europeu pelos dois lados, materno e paterno. Logicamente essa exigência tem relação com o perfil do ariano defendido pelo *Führer*. Hitler rejeitava as misturas raciais por acreditar que toda mistura gera uma subraça bastarda, frágil e débil.

Nesse sentido, parece ser um absurdo que em algumas regiões do Brasil existam pessoas com histórico de mistura racial em sua árvore genealógica de etnias negras, asiáticas e indígenas que se autodenominam neonazistas. Embora haja algumas adaptações nas diversas regiões do mundo em que são representados, os neonazistas mantêm sua preferência pelo perfil racial segundo o padrão ariano pensado por Hitler – pessoas loiras, altas e de olhos azuis.

O interesse pelo assunto, o apoio ou a militância pacífica pelo movimento neonazista não é suficiente para que uma pessoa seja considerada membro de um grupo, tampouco é motivo para que seja indiciada pela justiça, nem sofra rejeição social, como geralmente ocorre. Ninguém é preso por acreditar numa ideologia. Os neonazistas são presos quando cometem crimes impulsionados pela doutrina, vale

dizer, quando colocam a ideologia racista em prática. Os crimes mais comuns são a agressão verbal e física, o racismo e o homicídio.

A rigor, todo tipo de discriminação racial traz em si a falsa noção de que algumas pessoas são mais importantes e estão acima das outras. Pesquisas⁴³ em nível de Brasil apontam que o preconceito e a discriminação racial são muito comuns entre os brasileiros, embora, na maioria das vezes, isso ocorra de modo velado. Trata-se de um problema endêmico no País, desde a sua origem colonial. Esse fato vem ao encontro da ideologia neonazista, que nada mais é do que o preconceito e a discriminação institucionalizados. Questões já bem conhecidas e enraizadas na cultura brasileira.

A ação dos neonazistas no RS tem por objetivo geral a construção de uma nação ariana. Eles acreditam que esse foi um dos projetos de Hitler e que precisa ser realizado. Para alcançar esse objetivo utilizam-se dos métodos da intimidação, do medo e do terror a fim de impor suas ideias. Constam nas investigações policiais, como práticas pretendidas pelos neonazistas no Estado, o ataque às sinagogas e a agressão a negros, judeus, homossexuais e a outras minorias étnicas.

Em princípio, os grupos gaúchos não são estruturados, influentes e patrocinados como os grupos da Europa e da América do Norte. E não há como comprovar o apoio ou o patrocínio de políticos, intelectuais e pessoas influentes em relação ao movimento no RS e no Brasil. Essa realidade, porém, não está distante, pois é decorrência lógica do método e da ação neonazistas. É possível que em pouco tempo seja também uma realidade no País.

Paulo César Jardim frisa que o RS é a região mais atraente para os grupos neonazistas, por causa das colônias de imigração europeia estabelecidas no Estado e que geraram uma população de maioria ariana. Existe no Estado, como foi referido, antecedentes históricos da ação partidária do nazismo. Muitos imigrantes e descendentes de europeus gaúchos aderiram ao hitlerismo, na época de sua ascensão na Alemanha.

Embora pesquisadores como René Gertz insistam em defender os imigrantes alemães e seus descendentes do Sul, dissuadindo a inculpação e o preconceito

⁴³Ver em: DIMENSTEIN, 2004.

entre estes e a difusão do nazismo/neonazismo no Estado – uma causa razoável –, é preciso admitir, porém, que o neonazismo cresce motivado pelo grande número de pessoas com ascendência germânica. E dentre os neonazistas identificados pela justiça estão, sim, alguns descendentes diretos de imigrantes alemães. É esta a única relação entre imigrantes alemães, seus descendentes e o neonazismo no Estado do RS. Os descendentes de europeus não são culpados pela existência do neonazismo, mas são o público-alvo dele.

Nem todos os neonazistas investigados pela polícia são descendentes de alemães, mas de várias outras etnias europeias que migraram para o Sul do País. O fato é que entre uma população de maioria ariana e uma população de maioria mestiça, naturalmente o neonazismo quis optar por estar entre arianos e não entre a subraça mestiça. Este fato comprova a razão pela qual os neonazistas crescem e se desenvolvem no Sul do Brasil, região que acreditam ser de pessoas mais próximas ao perfil preferido por Hitler e sua ideologia ariana.

O empenho de doutrinação e difusão do neonazismo no Estado é também motivado pela utópica pretensão de construir, no Sul, uma nação ariana. Este projeto possui, logicamente, muitos entraves, como o repúdio público da ideia e a presença de negros, judeus, homossexuais, imigrantes e outras minorias étnicas e culturais, que precisam ser banidas da região. Isso é o que indicam os últimos e mais importantes fatos atribuídos ao neonazismo no Estado.

A discriminação, que já é agravante cultural, só aumenta a sensação de mal-estar entre essas minorias étnicas. No relato de Jardim, ele afirma que há pessoas, sejam cultas e esclarecidas ou não, que passam a simpatizar com as ideias neonazistas pelo simples fato de que são racistas. “Sempre tem alguém que não gosta dos judeus, ou dos negros, ou dos homossexuais” (JARDIM, 2013 apud SARTORI, 2013).

No Estado, os neonazistas agem impulsionados pelo apoio internacional. Sem muitas explicações, por se tratar de sigilo judicial, o delegado afirma que grupos internacionais estão em contato permanente com os grupos sulistas. Mas conforme ele também afirma, essa não é a maior preocupação, pois a polícia está rastreando e interceptando tais conexões. O método mais eficaz utilizado pela polícia é o da

investigação. Contrariamente à Adriana Dias, que em sua pesquisa contatou neonazistas e os entregou à polícia, a *internet* não pode ser considerada uma via confiável, diz o delegado Jardim. Segundo ele, a *internet*

[...] não é fonte pra ninguém que está trabalhando nisso, tanto no lado da polícia, quanto do lado deles. Para esse tipo de trabalho que a gente faz, tu tens, a cada 100 pessoas que falam sobre neonazismo, 99,99 fakes. Não dá para acreditar em ninguém. Por isso a gente utiliza outros meios (JARDIM, 2013 apud SARTORI, 2013).

Portanto, o método de investigação e identificação dos neonazistas no Estado do RS está a cargo da polícia, dirigida pelo delegado Jardim. Os resultados parecem ser positivos por impedir muitas ações violentas e discriminatórias. De fato, até o momento são pelo menos 100 membros listados e monitorados. Essa é a base para pautar as considerações quanto às características, perfil e ação do neonazismo no Estado do RS. Há relatos que indicam um maior número de neonazistas no Estado e no País, citados na imprensa e em trabalhos acadêmicos. Mas também há muito equívoco em se relacionar marginais comuns e membros de outros grupos juvenis radicais com os neonazistas.

Independentemente da quantidade de neonazistas e de grupos presentes no Estado, o fato é que eles existem e estão atuando e se multiplicando com o passar dos anos. São grandes as motivações que levam os jovens à adesão irrestrita a um tipo de ideologia espúria, como o neonazismo. Uma das mais importantes, destacadas por Jardim, consiste na falta de interesse, de oportunidades ou de um projeto de vida mais elevado. A participação em ideologias leva o jovem a entender e a enfrentar o mundo e seus desafios, com outros que pensam e fazem as mesmas coisas. Trata-se da autoafirmação, mesmo que em práticas socialmente inaceitáveis. O grupo garante a coragem suficiente que o jovem sozinho não possui.

A proposta racista de Hitler, por mais estranho que pareça, ainda atrai pessoas imaturas e despreparadas na vivência social e na capacidade de tolerar e respeitar o diferente. A adesão cega a essa ideologia é uma ficção, um sonho, um mito que, na prática, só aumenta o aspecto sombrio de um mundo ainda desigual e incapaz de proteger e promover a dignidade de todas as etnias e culturas.

6 CONCLUSÃO

Esta dissertação enfatiza o fenômeno político-social da expansão de ideias extremistas na atualidade, tomando, desse quadro, a análise do neonazismo subsistente no território brasileiro. De fato, neonazistas têm pretendido construir no Brasil, em particular no Estado do Rio Grande do Sul, uma nação ariana, onde as pessoas brancas e julgadas superiores poderiam, no entender de seus adeptos, viver em paz, transformando a realidade social, ao mesmo tempo em que provariam a justeza de Hitler ao considerar que aos arianos estaria reservado o governo mundial.

A partir desse pressuposto, surgiu a indagação fundamental desta pesquisa: Como o nazismo, do ponto de vista ideológico e como fenômeno histórico, pode ser espelhado em movimentos autointitulados neonazistas no Rio Grande do Sul? E, desta indagação, a hipótese de trabalho, segundo a qual grupos neonazistas, com desempenho antissocial variado e com atuação no Estado do Rio Grande do Sul, inspiram-se em paradigmas ideológicos e em comportamentos do nazismo do Terceiro *Reich*, procurando uma filiação ficcional com lideranças históricas das décadas de 1930 e 1940.

O neonazismo, embora de cunho internacional, tem-se manifestado no Brasil, pretendendo ser a representação, ainda que ficcional ou mítica, de um nazismo que já se pensava como obsoleto e relegado ao passado, embora ainda presente na memória histórica da humanidade, como um dos acontecimentos mais violentos e racistas do século XX. A adesão a uma teoria dessa natureza implica, necessariamente, que um grupo de pessoas se entenda como superior a outros grupos, considerados, via de regra, como inferiores.

A escolha de algumas minorias étnicas como inferiores, e, portanto, fadadas à subjugação ou à extinção, foi realizada por ideólogos aos quais Hitler se vinculou, levando uma teoria pseudocientífica aos paroxismos identificados, por exemplo, como o Holocausto. Após a derrota do nazifascismo e com o passar dos anos, o neonazismo também fez e faz as suas escolhas, adaptando-se aos países e regiões onde está representado.

Dentre as obras fundamentais deste trabalho estão, primeiramente, *Mein Kampf*, de Hitler e *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*, de Alfred Rosenberg, documentos que são as bases teóricas para a ideologia e a prática nazistas.

Dentre os numerosos autores que analisam as origens míticas do fascismo alemão, são recomendados Phillipe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, em *O Mito Nazista*, como principais referências sobre o assunto. Esses autores, na década de 1980, expuseram as primeiras ideias a respeito do nazismo, numa perspectiva mitológica. Suas ideias demonstram que o nazismo transfigurou-se em mito moderno. Além desse livro, esta dissertação valeu-se de alguns outros, de singular valor para o estudo do tema: *Neonazismo, negacionismo e extremismo político* (2000), uma coletânea de textos organizados por Luis Milman e Paulo F. Vizentini; *Hitler* (2010), de Ian Kerchaw, considerado como uma das melhores biografias de Hitler; e *O Mito Ariano* (1974), de León Poliakov.

Em relação ao neonazismo, no quadro espacial aqui assumido, as entrevistas de Paulo César Jardim acerca do tema, assim como *O Neonazismo no Rio Grande do Sul* (2012), de René Gertz, apresentam-se como basilares.

Dentre os numerosos episódios acerca da ação neonazista no País, um fato em especial compõe o quadro empírico desta discussão: em 2005, no centro de Porto Alegre, um grupo de neonazistas agrediu, física e moralmente, três judeus. Este acontecimento foi amplamente divulgado pela imprensa nacional, alertando a sociedade brasileira para que tomasse uma maior consciência de uma realidade de intolerância racial, ainda insuficientemente conhecida.

Para especialistas no assunto e autoridades policiais, o fato acima mencionado evidenciaria a existência do neonazismo no Brasil, especialmente na Região Sul, que abrigaria o maior número de células neonazistas no País.

Evidentemente muitos fatos atribuídos ao neonazismo ocorreram antes ou depois de 2005, e parecem denotar que a violência contra os judeus é tributária, de certo modo, de um movimento internacional, de rejeição ao outro.

No contexto brasileiro, etnicamente miscigenado, seria um contrassenso buscar uma suposta raça pura. Mesmo para os brasileiros considerados brancos

haverá, possivelmente, misturas étnicas variadas, o que constitui uma grande vantagem cultural, como é sabido.

O nazismo e neonazismo são “questões complexas” e o seu entendimento está longe de ser um assunto acabado. Assim, o estudo do neonazismo, um fenômeno novo, traz em sua essência um histórico mitológico milenar – a problemática da racialidade humana – que aparece como central nessa ideologia.

A partir de uma metodologia interdisciplinar, baseada fundamentalmente na história, na filosofia e na sociologia, quatro capítulos estruturam esta dissertação, que tem como fulcro o neonazismo, mas não prescinde de seu caráter histórico e antropológico.

Como o fascismo alemão, embora derrotado materialmente, não acabou com o fim da II Guerra, o primeiro capítulo levanta dados sobre as pesquisas que estão sendo feitas nas diversas áreas do conhecimento, atinentes ao assunto. As raízes históricas do neonazismo foram tratadas no segundo capítulo, considerando os antecedentes míticos que acompanham a humanidade desde os seus primórdios. E mesmo que as ciências, a filosofia e a técnica respondam às questões antigas e atuais sobre o homem e o Universo, o mito ainda possui um lugar na subjetividade humana.

O mito nazista baseou-se nos mitos antigos dos povos arianos. A marca do ariano – como povo eleito pelas divindades, superior em todas as suas capacidades – foi um pilar importante da política dos nazistas na marcha e no exercício do poder que exerceram na Alemanha. A doutrina racial do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDA), que caracterizou o Terceiro *Reich*, resultou no genocídio de 20 milhões de indivíduos, em campos de concentração e de extermínio, dentre os quais seis milhões de judeus foram eliminados, assim como os ciganos e outras minorias consideradas parasitas da humanidade.

Passados os anos da guerra, não se apagaram, porém, as marcas do preconceito e da discriminação. Hoje, com o neonazismo, não são só os judeus, mas os negros, os homossexuais, os emigrantes, e tantos outros vistos como grupos nocivos à “boa sociedade”. Deste modo, a busca pelas raízes míticas do

nazismo/neonazismo tem por objetivo desvelar as bases doutrinárias que motivam, ainda hoje, o racismo desse movimento.

No terceiro capítulo, considerou-se a importância da imigração alemã para o Brasil, principalmente para a Região Sul. Embora pesquisadores como René Gertz insistam em não inculpar os imigrantes pela entrada e disseminação do nazismo no Sul, esta pesquisa comprova que, embora os alemães imigrados para o Brasil não tivessem sido os únicos a apoiar o nazismo, foram eles que, por razões históricas, mais o representaram em território nacional. Nesse sentido deve-se lembrar que o Partido Nazista (NSDA) instituiu a norma, vigente por alguns anos, de só aceitar em sua seção brasileira membros alemães e alguns de seus descendentes.

Dentre as muitas conjecturas para o interesse alemão pelo Brasil, uma delas se resalta: Hitler pretendia construir uma nação branca nas Américas, como polo estratégico do domínio universal, predestinado aos arianos. O Sul do Brasil aparecia, assim, como um lugar de escolha, uma vez que recebera um dos maiores contingentes de imigrantes alemães.

Independentemente da veracidade desse fato, os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, em particular no Estado do RS, constituíram-se representantes eficazes do nazismo na América; num primeiro momento, talvez, por não estarem suficientemente esclarecidos a respeito dos perigos que advinham do nazismo, mas com preocupações maiores em exaltar o "germanismo".

Assim como o nazismo se aproveitou do expressivo número de imigrantes alemães para se expandir no Brasil, o neonazismo contemporâneo faz-se presente em regiões povoadas por descendentes de europeus para difundir suas ideias. É o que está acontecendo atualmente no Estado do RS, mobilizando o poder público para conter a violência que o preconceito racial pode gerar.

A quarta parte deste trabalho analisa características presentes nas ações neonazistas, concluindo que elas decorrem de um movimento mais amplo, pertencente à nova direita ou extrema-direita. Então, torna-se capaz de influenciar deliberações públicas e partidos políticos, impondo-se por meio de ações violentas nas ruas, operadas por gangues, bastante comuns na Europa e nos EUA.

No Brasil, o neonazismo é ainda pequeno em termos institucionais, mas já é capaz de provocar tensão na sociedade. As minorias étnicas revelam-se apreensivas com a possibilidade real de haver retaliações por parte desses grupos que não respeitam a sociedade inclusiva.

Em termos resumidos, esta dissertação entende que o neonazismo constitui uma metástase do nazismo. O termo metástase para o neonazismo quer, neste trabalho, retratar a mesma ideia que a metástase cancerosa representa para os termos médicos: uma migração por via sanguínea ou linfática de células malignas para outras partes do corpo. Da mesma forma, as células neonazistas espalham, no *corpus* social da atualidade, a violência e a discriminação, pelas vias do terror e da dominação. Sempre a partir da base mítica inicial, o nazismo. O movimento constituiu-se, portanto, como um dos grandes males sociais desta época.

É possível, nestes termos, observar a existência de uma linha contínua entre o nazismo hitleriano e o neonazismo moderno. Alguns pontos são fundamentais para comprovar a íntima relação entre ambos os movimentos, não obstante as planetárias diferenças entre eles, quanto à quantidade de membros envolvidos e o aparelhamento do Estado, inexistente para as ações fragmentárias dos neonazistas atuais. Também fragmentárias se apresentam: a doutrina baseada no mito da raça pura, assim como os meios violentos para a obtenção da finalidade, qual seja, o poder, custe o que custar.

7 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, Henrique J. **A 'mais bela' explicação sobre a Criação, segundo Einstein.** 02.10.2015. Disponível em: <http://www.domtotal.com/noticias/detalhes.php?notId=948263>. Acesso em: 05 de out. de 2015.

ANDRADE, Guilherme I.F.. **O Nacional-Socialismo do grupo Valhalla88: a construção de um movimento nazista no Brasil.** 20.05.2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Ederson/Downloads/19854-84174-1-SM%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Ederson/Downloads/19854-84174-1-SM%20(4).pdf). Acesso em 01 de ago. 2016.

BUENO, Andréia; CARAMÉZ, João; SILVA, Renan; SOARES, Wesley. **A história do nazismo no Vale do Rio Pardo – RS.** Disponível em: <http://hipermidia.unisc.br/tempoznastas/nazismo-rs.html>. Acesso em: 19 dez. 2015.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projetos de Lei e Outras Proposições.** Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=440359>. Acesso em: 14 nov. 2016.

CAMBAÚVA, Daniella. **Carta Maior. A nova cara do conservadorismo: com grupos neonazistas, a extrema-direita conquista espaço na Europa.** 13.03.2014. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/A-nova-cara-do-conservadorismo-com-grupos-neonazistas-a-extrema-direita-conquista-espaco-na-Europa/6/30467>. Acesso em: 05 abr. 2016.

CAPES. Banco de Teses & Dissertações. 2011-2012. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. Acesso em: 05 out. 2015.

ClickPB. **Países europeus incentivam casais a terem mais filhos.** 09.12.2015. Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/mundo/paises-europeus-incentivam-casais-a-terem-mais-filhos-137418.html>. Acesso em: 01 ago. 2016.

DIMENSTEIN, Gilberto. Folha Online. **Preconceito racial determina desigualdade.** 23.09.2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd230904a.htm>. Acesso em: 03 nov. 2016.

DOMENACH, Jean Marie. **A propaganda política.** 2001/2005. Disponível em: http://cultvox.locaweb.com.br/livros_gratis/apropagandapolitica.pdf. Acesso em 27 mar. 2016.

DUARTE, Adriano. **Terroristas neonazistas tinham ligação com Caxias do Sul.** 31.05.2009. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/05/terroristas-neonazistas-tinham-ligacao-com-caxias-do-sul-2529348.html>. Acesso em: 14 nov. 2016.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA CONCISE. Chicago; London; New Delhi; Paris; Seoul; Sydney; Taipei; Tokyo: Encyclopedia Britannica, 2006. 2115p.

FOLHA DE SÃO PAULO. Agências de notícias. **Merkel condena protestos violentos contra imigrantes na Alemanha,** 2015. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1672868-merkel-condena-protestos-violentos-contrainmigrantes-na-alemanha.shtml>. Acesso em: 27 out. 2015.

GARCIA, Tiago M. **Tempos Nazistas. A perseguição aos alemães em Candelária.** Disponível em: <http://hipermidia.unisc.br/temposnazistas/nazismo-candelaria.html>. Acesso em: 19 dez. 2015.

JESUS, Carlos G.N.. **Neonazismo: nova roupagem para um velho problema.** 2003. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/viewFile/333/300>. Acesso em: 05 de abr. 2016.

KERN, Soeren. Gatestone Institute. International Policy Council. **Alemanha: Intensifica-se a Crise de Estupros Cometidos por Migrantes. Espaços públicos estão se tornando perigosos para mulheres e crianças.** 13.03.2016. Disponível em: <http://pt.gatestoneinstitute.org/7619/alemanha-estupros-migrantes>. Acesso em: 05 abr. 2016.

LOPES, Débora. **O Perfil do Neonazista Brasileiro — Uma Entrevista com a Pesquisadora Adriana Dias.** Disponível em: http://www.vice.com/pt_br/read/o-perfil-do-neonazista-brasileiro-uma-entrevista-com-a-pesquisadora-adriana-dias. Acesso em: 15 abr. 2016.

LOPES, Luiz Roberto. **Do terceiro Reich ao novo nazismo.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

LUCENA, Eleonora. **Folha de São Paulo. Crise beneficia mais os ricos, diz geógrafo.** 26.02.2012. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2012/02/26/2/>. Acesso em: 05 abr. 2016.

NARCISO, Yaundé; HOFFMANN, Augusto. **Tempos Nazistas. Evidências da ideologia nazista no RS.** Disponível em: <http://hipermidia.unisc.br/temposnazistas/ideologia-nazista-rs.html>. Acesso em: 19 de dezembro de 2015.

_____. **Tempos Nazistas. Partido Nacional Socialista Alemão.** Disponível em: <http://hipermidia.unisc.br/temposnazistas/nsdap-rs.html>. Acesso em: 19 de dezembro de 2015.

NETO, Eugênio Urbani. **Neonazista investigado pela Polícia Civil é condenado a 10 anos de prisão.** Disponível em: <http://www.policiacivil.rs.gov.br/conteudo/16930/neonazista-investigado-pela-policia-civil-e-condenado-a-10-anos-de-prisao>. Acesso em: 11 dez. 2015.

OLIVEIRA, Samir. **Julgamento de ataque neonazista em Porto Alegre é adiado.** 13.06.2013. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/julgamento-de-ataque-neonazista-em-porto-alegre-e-adiado/>. Acesso em: 11 nov. 2016.

PEDROSO, Leandro Claudir. **Desconstruindo DNH nazismo. Skinhead não é o mesmo que neonazista. Entenda por quê.** 19.07.2011. Disponível em:

<http://desconstruindo-o-nazismo.blogspot.com.br/2011/07/skinhead-nao-e-o-mesmo-que-neonazista.html>. Acesso em: 22 ago. 2016.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Brasil Escola. Estado, Nação e Governo**. Disponível em <http://www.brasilecola.com/geografia/estado-nacao-governo.htm>. Acesso em: 21 out. 2015.

PEROSA, Teresa; VERGOTTI, Marco. **A crise humanitária expõe a dificuldade das nações em lidar com os refugiados**. 22.12.2015. Disponível em: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/09/crise-humanitaria-expoe-dificuldade-das-nacoes-em-lidar-com-os-refugiados.html>. Acesso em: 05 de abril de 2016.

ROBINSON, Richard. **French naturalist and philosopher 1707–1788**. Disponível em: <http://www.biologyreference.com/BI-Ce/Bufon-Count-Georges-Louis-Leclerc.html>. Acesso em: 03 out. 2015.

ROSENBERG, Alfred. **Der Mythos des 20. Jahrhunderts. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestalten kämpfe unserer Zeit. Hoheneichen**. Hoheneichen-Verlag: München, 1930.

SANTOS, André C.F. **O desenvolvimento dos zollvereins e sua influência no comércio internacional atual**. In: Âmbito jurídico, Rio Grande, VII, n. 18, ago de 2004. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4073.

SPIEGEL ONLINE POLITIK. 24.08.2015. Disponível em: <http://www.spiegel.de/politik/deutschland/angela-merkel-verurteilt-gewalt-gegen-fluechtlingsunterkuenfte-a-1049540.html>. Acesso em: 22 set. 2015.

SULLIVRE. CCO divulga resultado oficial do Plebisul 2016. 05/10/2016. Disponível em: <http://www.sullivre.org/cco-divulga-resultado-oficial-do-plebisul-2016/>. Acesso em 05 de out. 2016.

TERRA. **O neonazismo nunca acabará, diz delegado que indiciou 35 no RS**. 09.08.2011. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/policia/o-neonazismo-nunca-acabara-diz-delegado-que-indiciou-35-no-rs,1250dc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 22 ago. 2016.

United Nations. General Assembly. **Resolutions adopted by the General Assembly during its fifteenth session**. 12.12.1960. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/152/88/IMG/NR015288.pdf?OpenElement>. Acesso em: 30 jul 2016.

UOL. **Grêmio reage à presença de neonazistas na sua torcida**. 03.10.2007. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/10/03/ult59u132368.jhtm>. Acesso em: 14 nov. 2016.

VASCOUTO, Lara. **4 Países que Abrigam Grupos Neonazistas Fora da Europa.** 05.01.2005. Disponível em: <http://nodeoito.com/neonazistas-fora-da-europa/>. Acesso em: 27 out. 2016.

VERMELHO PORTAL. **Polícia apreende material neonazista com ameaças contra Paim.** 06.11.2010. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/140965-8>. Acesso em: 23 ago. 2016.

ZHClicRBS. **Está na hora de as pessoas se preocuparem, diz delegado que investigou neonazistas no RS.** 13.07.2009. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/07/esta-na-hora-de-as-pessoas-se-preocuparem-diz-delegado-que-investigou-neonazistas-no-rs-2579066.html> Acesso em: 14 nov. 2016.

8 BIBLIOGRAFIA

ARENDRT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 1983

_____. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Edunb, 1992.

BARKER, M. **The New Racisme. Conservatives and the ideology of theTribe**. London: Junction Books, 1981.

BASTOS, Celso R. **Curso de Teoria do Estado e Ciência Política**. 6ª Ed. São Paulo: Celso Bastos Editora, 2004.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política. Volume 1**. Brasília: Editoria Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BOURDIEU, P. **Introdução a uma Sociologia Reflexiva**. In.: *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANDÃO, J, Organizador. **Diálogos Interdisciplinares. Novos olhares nas Ciências Humanas**. São Paulo: Lumenet Virtus, 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Amaro, 2000.

CHEVALIER, Jean. **DICCIONARIO DE LOS SÍMBOLOS**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

COSTA, Márcia Regina. **Os carecas do subúrbio. Caminhos para o nomadismo moderno**. São Paulo: Musa, 2000.

COUTO, Sérgio P. **Hitler e os segredos do nazismo**. 1 ed., São Paulo: Universo dos livros editora Ltda, 2008.

DIAS, Adriana. **Os anacronautas do teutonismo virtual: Uma etnografia do neonazismo na Internet**. 2007. 329 pg. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000419685&fd=y>. Acesso em: 14 nov. 2015.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil**. 2007. 301 pg. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social

do Departamento de História da faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/Ederson/Downloads/TESE ANA MARIA DIETRICH%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ederson/Downloads/TESE ANA MARIA DIETRICH%20(1).pdf). Acesso em: 14 nov. 2015.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GERTZ, René. **O Estado Novo do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: editora da UPF, 2005.

_____. **O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987.

_____. **O neonazismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Unisinos. 2012.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad.: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

HOFFMANN, Augusto; NARCISO, Yaundé. **Partido Nacional Socialista Alemão**. Disponível em: <http://hipermidia.unisc.br/tempoznazistas/nsdap-rs.html>. Acesso em: 19 de dezembro de 2015.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.

INSTITUO HUMANITAS UNISINOS. **O neonazismo na sociedade contemporânea. Entrevista especial com Adriana Abreu Magalhães Dias**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/11037-o-neonazismo-na-sociedade-contemporanea-entrevista-especial-com-adriana-abreu-magalhaes-dias>. Aceso em: 22 out. 2016.

IOKOI, Zilda Márcia. **Intolerância e resistência. A saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1935-1975)**. São Paulo: Humanitas; Itajaí: Univali, 2004.

JUNG. CG. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KATEB, George. **Hannah Arendt - L'origine del totalitarismo. 25.05.1992**. Documenti Correlati. Disponível em: <http://www.emsf.rai.it/scripts/interviste.asp?d=91>. Acesso em: 19 mar 2016.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KRISTENSEN, Christian H.; ALMEIDA, Maria M.; GOMES, William. **Desenvolvimento Histórico e Fundamentos Metodológicos da Neuropsicologia Cognitiva Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2001, 14(2), pp. 259-274. Disponível em:

<file:///C:/Users/Ederson/Downloads/Desenvolvimento%20Hist%20e%20fundam%20Neuropsicologia%20Cognitiva.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2015.

LACQUE-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. **O mito nazista**. Trad. Márcio Seligmann Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels. Uma biografia**. Trad. Luiz A. Araújo. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LUVIZOTTO, Caroline K. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico. De Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAGALHÃES, Marionil de Brepohl. **Pangermanismo e Nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil**. Curitiba: SAMP, 2014.

MENDES, Maria Manuel. **Raça e racismo: controvérsias e ambigüidades**. Revista Vivência. Revista de Antropologia, n^o 39, 2002, p. 101-123.

MILMAN, L., VIZENTINI, P. F. (Orgs.). **Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda, 2007.

MOORE, John H. **Encyclopedia of Race and Racism**. Vol. 3. S-Z. Macmillan Reference. Detroit, 2008.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Trad.: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Teorias sobre o racismo**. In: Estudos & pesquisas 4. Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 1998, p. 43-65.

NETO Vulmeron B. M. **A Propaganda Nazista. Seus Instrumentos e Estratégias**. 2003. 79 pg. Dissertação (Pós-Graduação Lato Sensu em Comunicação Organizacional e Relações Públicas) – Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://logobr.org/wp-content/uploads/2009/06/a-propaganda-nazista.pdf>. Acesso em: 14 nov.2015.

PATAI, Raphael. **O Mito e o homem moderno**. Trad.: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1974.

PERAZZO, Priscila F. **O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo**. São Paulo: Imprensa Oficial e Arquivo do Estado de São Paulo, 1999.

POLIAKOV, Léon. **O Mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

PLATÃO. **República, Livro VII**. Trad.: Elza M. Marcelina. Brasília/São Paulo: Universidade de Brasília/Ática, 1989.

PRESTES, Maria Elice Brzezinski; OLIVEIRA, Patrícia; JENSEN, Gerda Maísa. **As origens da classificação de plantas de Carl von Linné no ensino de biologia**. Filosofia e História da Biologia, v. 4, p. 101-137, 2009. Disponível em: <http://www.abfhib.org/FHB/FHB-04/FHB-v04-04-Maria-Elice-Prestes-et-al.pdf>. Acesso em: 21 out. 2015.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das letras, 1995.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul II**. Trad.: Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969.

SALEM, Helena. **As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Atual, 1995.

SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos**, In: Anuário Antropológico/93, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SCHWARCZ, Lila M.. **O espetáculo das raças. Instituições e questão social no Brasil do século XIX**. Companhia das letras: São Paulo. 1993.

SILVA, Bruno. **A ideia de Raça na Europa Moderna: François Bernier e a proposta de divisão da humanidade não somente pelos espaços geográficos; mas, pelos aspectos exteriores dos corpos**. Disponível em: [http://www.academia.edu/5070474/A ideia de Raça na Europa Moderna François Bernier e a proposta de divisão da humanidade não somente pelos espaços geográficos mas pelos aspectos exteriores dos corpos](http://www.academia.edu/5070474/A_ideia_de_Ra%C3%A7a_na_Europa_Moderna_Fran%C3%A7ois_Bernier_e_a_proposta_de_divis%C3%A3o_da_humanidade_n%C3%A3o_somente_pelos_espacos_geogr%C3%A1ficos_mas_pelos_aspectos_exteriores_dos_corpos). Acesso em: 29 ago. 2015.

SILVEIRA, Stefanie; BUENO, Andréia e DRUM, Marluci. **O neonazismo e a intolerância na atualidade**. Disponível em: <http://hipermidia.unisc.br/tempoznastas/neonazismo.html>. Acesso em: 30 de out. de 2015.

SOLOMOS, John; BULMER, Martin. **Racism**. Orford: Oxfordreaders. 1999.

SOUZA, Vanderlei Sebastião; SANTOS, Ricardo Ventura. **O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n3/a08v7n3.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2016.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia antiga**. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WINCKELMANN. Johann Joachim. SPIEGEL ONLINE KULTUR. **Johann Joachim Winckelmann: Gedanken über die Nachahmung der griechischen Werke in der Malerei und Bildhauerkunst - Kapitel 4**. 1756. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/gedanken-uber-die-nachahmung-der-griechischen-werke-in-der-malerei-und-bildhauerkunst-2446/4>. Acesso em: 09 jan. 2016.